



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI – UFCA
PRÓ – REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO - PRPI
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
SUSTENTÁVEL/ PRODER**

JOANA DARQUE RIBEIRO FERREIRA

**OS RANCHOS E AS CASAS DE FAMILIAS NO MUNICIPIO DE JUAZEIRO DO
NORTE - CE: MODERNIDADE E TRADIÇÃO**

**JUAZEIRO DO NORTE – CE
2016**

JOANA DARQUE RIBEIRO FERREIRA

**OS RANCHOS E AS CASAS DE FAMILIAS NO MUNICIPIO DE JUAZEIRO DO
NORTE - CE: MODERNIDADE E TRADIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Desenvolvimento Regional
Sustentável da Universidade Federal do Cariri –
UFCA, como requisito parcial para obtenção de
Título de Mestre em Desenvolvimento Regional
Sustentável, Área de concentração – Linha II -
Sociedade, Estado e Desenvolvimento Regional
Sustentável.

Orientação: Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva

**JUAZEIRO DO NORTE – CE
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Cariri

Sistema de Bibliotecas

F383r Ferreira, Joana Darque Ribeiro.

Os ranchos e as casas de famílias no município de Juazeiro do Norte – CE: modernidade e tradição/ Joana Darque Ribeiro Ferreira. – 2016.

159 f.: il.; color.; enc. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Juazeiro do Norte, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva.

1. Ranchos familiares. 2. Sustentabilidade. 3. Desenvolvimento Sustentável. I.
Título.

CDD 306.40981



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI – UFCA
PRÓ – REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E
INOVAÇÃO - PRPI
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL SUSTENTÁVEL/ PRODER**

JOANA DARQUE RIBEIRO FERREIRA

**OS RANCHOS E AS CASAS DE FAMILIAS NO MUNICIPIO DE JUAZEIRO DO
NORTE - CE: MODERNIDADE E TRADIÇÃO**

Dissertação aprovada, em __/__/__, pela comissão examinadora:

Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva
(1º Examinador – Orientador – Universidade Regional do Cariri – URCA/Universidade
Federal do Cariri – UFCA)

Prof. Dr. João César Abreu de Oliveira
(2º Examinador - Membro Externo- Universidade Regional do Cariri - URCA/Instituto
Federal de Ciência e Educação - IFCE)

Prof. Dr. Celme Torres Ferreira da Costa
(3º Examinadora – Membro Interno – Universidade Federal do Cariri – UFCA)

Prof. Dr. Eduardo Vivian da Cunha
(4º Examinador – Membro Interno – Universidade Federal do Cariri – UFCA)

**JUAZEIRO DO NORTE – CE
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, em especial minha Mãe, expressão de vida e coragem. Aos meus quatro irmãos, todos eles vencedores. Aos meus dois sobrinhos, tios e tias, primas e primos, parentes e amigos. Dedico também aos meus Avós que representaram ao longo de suas vidas o romeiro que há em cada pessoa que chega à Juazeiro do Norte.

“Romaria”

É de sonho e de pó, o destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó, de gibeira o jiló
Dessa vida cumprida a sol.
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida (...)
Me disseram, porém, que eu viesse aqui
Pra pedir em romaria e prece
Paz nos desaventos.
Como eu não sei rezar, só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar, meu olhar.
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida

[Renato Teixeira]

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por todos os dias que se passaram ao longo dessa caminhada; dias bons, ótimos, ruins, não tão bons, mas dias vividos com muita sabedoria e calma. Eu agradeço imensamente a minha família, em especial minha Mãe Maria Lúcia Ferreira, por compreender que o processo de formação profissional de uma pessoa não segue à risca o mesmo tempo e processo de formação pessoal e que por isso, acreditou que independentemente do que eu possa ser profissionalmente, eu o já seria muito antes como pessoa. Agradeço aos irmãos Martiniana, Altiniana, Odilauro e Taciano, aos primos e familiares Vivi, Lucas, Franklin, Vital; aos Sobrinhos Matheus e Vinicius que me perguntavam sempre se este trabalho não acabaria nunca, e se eu entrei para o Mestrado pela nota do ENEM (risos).

Sou grata a todos os amigos que estiveram ao meu lado direta ou indiretamente, às pessoas que conheci e que me fizeram enxergar novos caminhos e possibilidades, às diversas orientações que tive e que servirão para continuar a jornada de estudos e a vida, ambas significativamente.

Muito obrigada a todos os sujeitos da pesquisa, os romeiros, donos de Ranchos, de Casas de Famílias, Hotéis e Pousadas e também turistas, entrevistados. Quero agradecer também imensamente ao Orientador Professor Josier Ferreira da Silva, pelas orientações e parcerias geográficas, elas foram essenciais para que este estudo pudesse apresentar os resultados que aqui seguem. Agradeço ao Professor João César Abreu de Oliveira, também pela parceria, motivação contribuições. Aos outros membros da Banca de Avaliação, Professora Celme Torres Ferreira da Costa e ao Professor Eduardo Vivian da Cunha, agradeço por cada palavra, contribuição e pelo apreço para com este estudo.

Nessa mesma linha, muito obrigada ao amigo Diego Hellere por contribuir diretamente com esta pesquisa disponibilizado tempo para aplicar entrevistas. Agradeço também a Professora da Universidade Regional do Cariri – URCA Paula Cordeiro, pelas palavras e gestos de carinhos no início da pesquisa, aos amigos do peito, Decarla Gomes, Antonia Macedo, Felipe Nascimento, Luciana Duarte, Meryelle, Marcos Allan, Pedro Luciano, Edcarlos, Paulo Serafim, aos colegas André de Andrade, Adriana e todos os demais.

Agradeço ainda ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro referente à bolsa de estudo concedida durante a pesquisa do Mestrado, ela foi de suma importância, pois tornou este estudo viável, significativo e particular para mim.

RESUMO

A Sustentabilidade é um tema bastante antigo e condiz representar ações feitas sobre o planeta terra que possam garantir a sustentabilidade da vida de todos os seres vivos incluindo esse direito às gerações posteriores, por isso deve-se repensar as ações no sentido de se evitar a destruição e aniquilação de vidas. A forma generalizada com que se usa o termo resulta do próprio uso generalizado e remota ações das quais na sua grande maioria não chegam a representar sustentabilidade, como acontece por exemplo, em políticas públicas generalizadas. Além disso, muitos são os fatores incluindo os culturais, capazes de impactar positivamente e/ou negativamente sobre o desenvolvimento socioeconômico de determinados lugares. Desta forma, o presente estudo dispõe-se retratar o Município de Juazeiro do Norte – CE através de uma releitura sobre seus aspectos culturais, religiosos, históricos e sociais e o diálogo deles com a sustentabilidade cultural por meio da categoria de hospedagem composta por Ranchos e Casas de Famílias. Essa forma de hospedagem é o ponto fixo que abriga o romeiro, sua família, suas memórias, a tradição e o elemento mais importante das romarias, a fé e sinaliza também elementos da cultura e da tradição capazes de sustentar as memórias da cidade e torna-las atemporais, ela representa os aspectos simbólicos, subjetivistas, materiais e imateriais além de resultar na escolha do romeiro e diferencia-lo do visitante comum. Para se chegar aos resultados apresentados o estudo se construiu por meio dos métodos Etnográficos e Análise Documental sobre a história, o contexto urbano, e as práticas religiosas em sintonia com os elementos fenomenológicos sob justificativa de que todos eles contribuem significativamente tanto para a sustentabilidade quanto para o desenvolvimento da cidade. Assim sendo, a ideia desse trabalho está alicerçada nos conceitos de sustentabilidade cultural, religiosidade e desenvolvimento por meio de uma categoria de hospedagem importante capaz de sinalizar a espiritualidade e as práticas sociais, além de elencar questionamentos sobre o desenvolvimento a partir da retomada da espiritualidade humana como caminho para a sustentabilidade no século XXI.

Palavras – Chave: Ranchos. Casas de Famílias. Sustentabilidade Cultural.

ABSTRACT

Sustainability is a very old theme and consistent represent actions taken over the planet earth that can ensure the sustainability of life of all living beings including the right to the later generations, so must rethink the actions in order to avoid destruction and annihilation of lives. The general way in which the term is used from the very widespread and remote use actions which mostly do not represent sustainability, as for example, widespread public policy. In addition, there are many factors including cultural, able to impact positively and / or negatively on the socio-economic development of certain places. Thus, this study has to portray the Juazeiro Municipality - EC through a reinterpretation of its cultural, religious, historical and social aspects and their dialogue with cultural sustainability by hosting category consists of Ranchos Families and Homes. This form of hosting is the fixed point home to the pilgrim, his family, his memories, tradition and the most important element of pilgrimages, faith and also signals elements of culture and tradition able to sustain the memories of the city and torna- them timeless, it is the symbolic aspects, subjective, material and immaterial and result in the choice of rosemary and differentiates it from the ordinary visitor. To get the results presented the study was constructed by means of Ethnographic and Documentary Analysis methods of the history, the urban context, and religious practices in line with the phenomenological elements in justification that they all contribute significantly both to sustainability and to the development of the city. Thus, the idea of this work is based on the concepts of cultural sustainability, religiosity and development through a major hosting category capable of signaling spirituality and social practices, and to list questions about the development from the resumption of human spirituality as a path to sustainability in the twenty-first century.

Key - words: Ranches. Family's houses. Cultural sustainability.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Localização de Juazeiro do Norte – CE.....	47
MAPA 2 – Juazeiro: Formação Inicial do Povoado (1875).....	48
MAPA 3 - Localização dos Bairros Centro, Socorro, Horto, Salesianos e Franciscanos em Juazeiro do Norte – CE.....	97

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Cruzamento das Ruas Padre Cícero e Rua da Matriz – Inserção de elementos na paisagem de Juazeiro Do Norte.....	49
FIGURA 02 – Missa Campal no Horto.....	52
FIGURA 03 - Matriz Nossa Senhora das Dores, Cidade de Juazeiro do Norte – CE.....	54
FIGURA 04 – Largo do Socorro onde se Localizam a Igreja do Socorro, o Cemitério, a Casa dos Milagres, a Estátua e o Relógio em Homenagem ao Padre Cicero e o Memorial do Padre Cícero.....	56
FIGURA 05 – Santuário de São Francisco das Chagas, Cidade de Juazeiro do Norte – CE.....	57
FIGURA 06 – Santuário do Sagrado Coração de Jesus, Cidade de Juazeiro do Norte – CE.....	59
FIGURA 07 – Casa Museu do Padre Cicero, Juazeiro do Norte – CE.....	60
FIGURA 08 – Rua do Horto, subida para à Estátua do Padre Cicero Romão Batista, Juazeiro do Norte – CE.....	62
FIGURA 09 – Multidão à espera da procissão de Nossa Senhora das Dores, Rua Padre Cícero/Centro, Juazeiro do Norte – CE.....	67
FIGURA 10 – Configuração Territorial da Cidade de Juazeiro do Norte – CE.....	74
FIGURA 11 – Praça de Alimentação do Cariri Garden Shopping/Juazeiro do Norte – CE.....	75
FIGURA 12 – Beco pertencente à Rua da Conceição – Bairro do Socorro/Juazeiro do Norte – CE.....	78
FIGURA 13 – Condomínio Residencial Bela Vista, Rua José Augustinho Oliveira, Planalto/Juazeiro do Norte – CE.....	81
FIGURA 14 – Padre Cicero Romão Batista e Maria Magdalena do Espirito Santo de Araújo (Da Esquerda para à Direita). Museu Vivo do Horto/Juazeiro do Norte – CE.....	83
FIGURA 15 – Peça “O Tule Vermelho” apresentada no Sesc – Juazeiro do Norte.....	86
FIGURA 16 – Caminhões Paus – de – Arara em Romaria em Juazeiro do Norte – CE.....	94
FIGURA 17 – Recepção de Ônibus chegando à Romaria de Juazeiro do Norte – CE.....	96
FIGURA 18 – Romeiros Identificados pelo Chapéu de Palha.....	98
FIGURA 19 – Rancho Adaptado, Rua da Conceição, Bairro do Socorro em Juazeiro do Norte – CE.....	105
FIGURA 20 – Rancho Adaptado na Rua da Conceição/Juazeiro do Norte – CE.....	106
FIGURA 21 - Rancho Legalizado Padre Cícero, Rua da Matriz, próxima a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, Bairro Centro – Juazeiro do Norte – CE.....	106
FIGURA 22 – Rancho Tradicional, Localizado na Rua Padre Cícero, Bairro Centro, em Juazeiro do Norte – CE.....	107
FIGURA 23 – Centro de Romeiros, Localizado na Rua Pimpim Almeida, Bairro Franciscanos, em Juazeiro do Norte – CE.....	110
FIGURA 24 – Casa de Família. Preparação da Sala de Estar durante o período de Romaria em Juazeiro do Norte – CE.....	115
FIGURA 25 –Lugar Sagrado – Fila para subir na Estátua do Padre Cícero.....	123

FIGURA 26 – Cozinha do Rancho Padre Cícero/Rua da Matriz – Juazeiro do Norte – CE:
Aspectos Fenomenológicos, homens juntam-se para registrar foto para Padre
Cícero.....139

LISTA DE SIGLAS

RMC – Região Metropolitana do Cariri.....	12
CE – Ceará.....	13
ONGs – Organização Não Governamental.....	21
DIT – Divisão Internacional do Trabalho.....	27
PNDR – Plano Nacional de Desenvolvimento Regional.....	37
ONU – Organizações das Nações Unidas.....	41
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.....	42
IPECE – Instituto de Pesquisas e Estratégia Econômica do Ceará.....	46
PIB – Produto Interno Bruto.....	50
AIDS – Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.....	55
SMMAm – Secretaria Municipal de Meio Ambiente.....	56
SESC – Serviço Social do Comércio.....	89
SEMACE - Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Ceará.....	92
SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Ceará.....	93
ANNT – Agência Nacional de Transportes Terrestres.....	97
SETUR – Secretaria de Turismo.....	104
CAGECE – Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará.....	114
OMT – Organização Mundial do Turismo.....	123

SUMÁRIO

RESUMO	06
ABSTRACT	07
LISTAS DE MAPAS	08
LISTAS DE FIGURAS	09
LISTAS DE SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	17
Sustentabilidade e Espiritualidade: Novos Caminhos Para o Desenvolvimento	18
1.1 Uma breve discussão: Para à Sustentabilidade não existe o “lado de fora”.....	19
1.2 Como Entender a Sustentabilidade no Mundo Global do Século XXI.....	24
1.3 A Sustentabilidade a partir das Correntes Teóricas e Metodológicas.....	30
1.4 A Sustentabilidade a Partir da Espiritualidade Humana.....	35
CAPÍTULO II	41
A Sustentabilidade Cultural e o Desenvolvimento de Juazeiro do Norte – CE	42
2.1 A Sustentabilidade Cultural da Cidade Santuário Juazeiro do Norte – CE.....	43
2.2 A Expressão Cultural Viva de Juazeiro do Norte – CE: O Horto.....	50
2.3 A Cartografia da Fé em Juazeiro do Norte: Identificação dos espaços Sagrados.....	53
2.4 O Turismo, As Romarias e a Fé Como Elementos da Sustentabilidade Cultural Importantes para o Desenvolvimento de Juazeiro do Norte – CE.....	63
CAPÍTULO III	70
A Fé Católica e o Consumo dos Espaços Urbanos como Elementos Mediadores das Práticas Religiosas, Socioculturais e Econômicas na Cidade de Juazeiro do Norte – CE	71
3.1 O Urbano e a Cidade: Conceito e Definição.....	72
3.2 A Cidade de Juazeiro do Norte: De dia ou à noite?.....	74
3.3 O Milagre da Hóstia como percussor de estudos, Manifestações culturais e religiosas e enfatizador do papel da mulher na Cidade de Juazeiro do Norte – CE.....	83
3.4 As Redes de Tessituras de Relações no Espaço Urbano de Juazeiro do Norte - CE: Territorialidades, Crenças e os Problemas Ambientais.....	87
CAPÍTULO IV	91
A Importância Sociocultural e Religiosa dos Ranchos e das Casas de Famílias que acolhem Romeiros em Juazeiro do Norte – CE	92
4.1 A Chegada à Juazeiro do Norte – Durante As Romarias.....	93
4.2 O Romeiro como Símbolo Cartográfico: O Chapéu de Palha e o Rosário.....	97
4.3 Os Ranchos e As Casas de Famílias: Uma Categoria de Hospedagem.....	102
4.4 O Perfil e a Organização dos Ranchos.....	104
4.5 As Casas de Famílias: Entre Famílias.....	114
4.6 Os Hotéis e o diálogo com o Turismo Religioso: Um outro conceito de Hospedagem e de turismo.....	119
4.7 Memórias e Tradicionalidades nos Ranchos e nas Casas de Famílias frente ao dilema da modernidade.....	128
4.8 Experiências e Trocas: Os aspectos Fenomenológicos, Subjetivistas e da Percepção nos Ranchos e nas Casas de Famílias.....	136

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS.....	151

INTRODUÇÃO

O município de Juazeiro do Norte localiza-se na Região Sul do Estado do Ceará e está inserido na Região Metropolitana do Cariri - RMC, mais especificamente na área de intensa conurbação entre os municípios de Crato e Barbalha. Está posicionado geograficamente entre as coordenadas de 07° 12' 46'' de Latitude Sul e, 39° 18' 54'' Longitude Oeste, ocupa área de 248,832 km², limita-se ao norte de Caririaçu, ao Sul de Barbalha, ao Leste de Missão Velha e, ao Oeste com o município de Crato.

Ele surgiu a partir de pequeno vilarejo por nome Tabuleiro Grande, que após a chegada do Padre recém ordenado Cícero Romão Batista teve-se diversas transformações sócio espaciais e a retomada da fé católica popular por meio das ideias do padre pautadas no trabalho e na fé. Juazeiro do Norte tornou-se assim a expressão exuberante da fé popular que a tornou “Capital da fé” e referência em religiosidade e espiritualidade para todo o Brasil.

Durante o ano todo, Juazeiro do Norte recebe milhões de romeiros, turistas e visitantes que procuram no mesmo elemento, a fé, motivos para estarem na cidade santa e alcançarem graças, ou simplesmente visitar e conhecer o fervor das romarias, procissões e manifestações públicas e culturais da religiosidade desta cidade. Assim sendo, Juazeiro do Norte torna-se a cidade receptáculo na Região Metropolitana do Cariri – RMC que não obstante atrai muitas pessoas e se configura em uma grande rede hospedeira de pessoas das mais diversas classes sociais, padrões de vidas e de formas diversas de representações de fés.

Pensando as conjunturas histórica, religiosa, social, cultural e política desta cidade é que se compreende como e por que ela se torna e consegue manter essas formas de hospedagens para pessoas de outras cidades e Estados do país inteiro, sobretudo em períodos de romarias. As projeções cultural e urbana de Juazeiro do Norte sinalizam categorias de hospedagens extremamente importantes para sua sustentabilidade cultural e por conseguinte o desenvolvimento regional. A expressão material dessas hospedagens se dá pelo conjunto de Ranchos e Casas de Famílias existentes na cidade em números incontáveis e capazes de sinalizar aspectos do seu desenvolvimento e da manutenção das tradições nas formas de hospedagens.

Essas duas formas de hospedagens formam na verdade uma categoria ampla e única na cidade e se explicam não apenas pela tradição de suas existências, mas na escolha do romeiro, personagem principal na romarias. Desta forma é que se apresenta o presente estudo, tendo na categoria de hospedagem Rancho e Casas de Famílias a escolha para tal.

Desde que Juazeiro do Norte era apenas um povoado simples, hospedar pessoas nas formas mais simples e tradicionais seria sua característica fundamentalmente cultural e basicamente econômica capaz de gerar renda para as famílias da cidade, portanto, é um ofício bastante remoto e busca voz e materialidade na antropologia e na geografia culturais. Trata-se de uma prática e mesmo um costume passada de geração à geração, os mais velhos aprendem com os mais novos a atrair e receber pessoas nas suas moradias, essas práticas sinalizam resistências socioculturais em Juazeiro do Norte frente aos dilemas e imposições da modernidade no século XXI.

Os Ranchos e as Casas de Famílias são parte do patrimônio material e imaterial representado pelas igrejas, museus e demais espaços sagrados e pela acolhida e práticas socioculturais e religiosas que acontecem neles. O romeiro escolheu essa categoria de hospedagem para representar os aspectos mais relevantes de Juazeiro do Norte consagrados na religiosidade popular, nas histórias e memórias da cidade, além de todos os aspectos fenomenológicos.

A partir dessas condições, este estudo se justifica pela necessidade de se compreender mais e melhor essa categoria de hospedagem diante da necessidade de se responder a questão norteadora da pesquisa que é entender como funciona e qual a importância sociocultural e religiosa dos Ranchos e das Casas de Famílias que acolhem romeiros durante as romarias para a sustentabilidade cultural e o desenvolvimento de Juazeiro do Norte – CE. A problemática da pesquisa surgiu de uma questão central familiar remota e ganhou amadurecimento ao longo da trajetória estudantil e acadêmica.

Meus avós eram pessoas simples e devotas do Padre Cícero Romão Batista, viviam do trabalho da roça e tinha na devoção uma forma de representar seu espaço por meio do cotidiano e do simbolismo Juazeiro do Norte. Ela era para eles a maior representação da fé do Brasil e não obstante, costumavam dar abrigo a quem os procurasse independentemente do horário e sem qualquer julgamento. Assim sendo, Juazeiro do Norte se tornou referência para o Nordeste a destacar o camponês dos Estados de Pernambuco, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Norte.

Partindo dessa justificativa e sobre a premissa de que os Ranchos e as Casas de Família dialogam com a sustentabilidade cultural e com o desenvolvimento social, urbano, econômico, cultural e político da cidade, este estudo distribui-se nos seguintes objetivos; elencar o contexto histórico de Juazeiro do Norte a partir do Povoado de Tabuleiro Grande; analisar a importância sociocultural e religiosa dos Ranchos e das Casas de Famílias para a Sustentabilidade cultural e desenvolvimento da cidade e identificar como esses objetivos dialogam por meio da fé e

espiritualidade com a sustentabilidade socioambiental e com os novos caminhos para o desenvolvimento no século atual.

Esta pesquisa assume Natureza Qualitativa e se desenvolveu a partir dos métodos de pesquisas Etnográfico e Análise Documental nos quais buscou-se qual a importância sociocultural e religiosa dos Ranchos e das casas que hospedam Romeiros para a Sustentabilidade Cultural e Desenvolvimento de Juazeiro do Norte? Esta pesquisa/estudo justifica-se pelo desejo pessoal, contribuição científica e na importância de dar voz e existência a essa categoria de hospedagem na academia e para a sociedade.

A dissertação está distribuída em quatro capítulos e mais as considerações finais. O primeiro capítulo intitulado “Sustentabilidade e Espiritualidade: Novos Caminhos Para o Desenvolvimento”, faz uma discussão sobre a sustentabilidade e os novos caminhos para o desenvolvimento a partir da espiritualidade humana levando a compreensão da importância de se refletir as ações e o papel humano na terra para libertação de relações nocivas e exploratórias entre ambos. Este capítulo aborda a sustentabilidade a partir de diversas correntes teóricas, conceituais e metodológicas e como ela deve guiar o desenvolvimento pensado para a sociedade.

O segundo capítulo intitulado “A sustentabilidade cultural e o Desenvolvimento de Juazeiro do Norte – CE” constrói discussão sobre o que é cultura e sustentabilidade cultural e os elementos bem como as romarias importantes para a sustentabilidade cultural e para o Desenvolvimento do Município. O terceiro capítulo intitulado “A fé católica e o consumo dos espaços urbanos como elementos mediadores das práticas religiosas, socioculturais e econômicas da cidade de Juazeiro do Norte – CE” traz a abordagem do conceito de urbano e a definição de Cidade e constrói Juazeiro do Norte a partir da sua funcionalidade em virtude do tempo cronológico representado pelas mudanças socioespaciais ao longo do dia e desencadear da noite. Este capítulo ressalta a importância do solo urbano para essas práticas e os principais problemas ambientais hoje além de demonstrar a importância das práticas religiosas representadas pelas romarias como indispensáveis para ressignificar e territorializar a cidade santa.

O quarto capítulo intitulado “A importância sociocultural e religiosa dos Ranchos e das Casas de Famílias que acolhem romeiros em Juazeiro do Norte” corresponde aos resultados do estudo e responde o problema de pesquisa sugerido ao evidenciar como eles se tornam importantes e representam a escolha do romeiro na cidade. Este capítulo retrata os costumes, as crenças, as emoções, desde a chegada à cidade santa até o momento em que se despedem e deixam nas hospedagens sentimentos saudosistas. É discutido ainda a questão dos transportes,

da manutenção das tradições e das questões socioeconômicas que fazem do romeiro ser um romeiro e não um turista ou visitante comum.

O romeiro é entendido nesse capítulo como um elemento cartográfico, pois há muitos ranchos e casas de famílias em Juazeiro do Norte e por isso nem sempre é fácil encontrá-los, sobretudo, quando funcionam ilegalmente, o caso de muitos. Devido a essa dificuldade pode-se ver no romeiro um elemento capaz de apontá-los, pois ele possui intimidade com o lugar e por isso sabe onde a maior parte deles estão localizados e como eles podem ser classificados nas categorias de hospedagens da cidade de acordo com o público alvo. E por fim, são apresentadas as memórias, as histórias encontradas nessas hospedagens e o diálogo com a modernidade frente as quedas e permanências da tradição de Juazeiro do Norte.

CAPITULO I

**SUSTENTABILIDADE E ESPIRITUALIDADE: NOVOS CAMINHOS PARA O
DESENVOLVIMENTO**

CAPITULO I - SUSTENTABILIDADE E ESPIRITUALIDADE: NOVOS CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO

O capítulo aborda a sustentabilidade e o desenvolvimento econômico, social e cultural por meio da espiritualidade humana, tendo nela a reconciliação do ser humano através de suas ações com a terra. Ressalta a importância de se questionar a sustentabilidade a partir do pensamento individual, ou seja, como cada pessoa a sente em si mesmo e por ela é tocada ao mesmo passo em que faz levantamento histórico de quando e como o ser humano perdeu essa relação harmoniosa e instaurou modelos depreciativos sobre o planeta terra.

Nele construiu-se a discussão com o intuito de levar a compreensão sobre a insustentabilidade a partir da criação histórica da cultura do medo sobre a nossa civilização, a cultura do medo é discutida como uma das barreiras mais importantes que patina no destino comum da insustentabilidade refletida nos estilos de vidas atuais e no modo como conduzimos culturalmente o problema socioambiental.

Dessa forma, tem-se na primeira discussão novas formas de destaca-la quando se busca evidentemente outras maneiras de desenvolvimento que não traga riscos a nenhuma vida, a destacar o das futuras gerações. Por isso, no capítulo se fecha a ideia de que pensar a sustentabilidade é necessário entender que ainda precisa-se fazer uma conciliação com a terra, com as novas formas de desenvolvimento, e que para isso, a espiritualidade humana mostra-se como um caminho tanto possível quanto necessário devido a questão ser encara como um problema muito mais ético do que propriamente ambiental.

Este capítulo faz esses questionamentos subsidiado em grande referenciais, nas principais correntes teóricas, conceituais e metodológicas para se chegar a ideia principal que é demonstrar a necessidade de se entender as relações de causa e efeito holisticamente no universo como sistemas ecossistêmicos onde a cultura do medo impera nas novas tomadas de decisões sustentáveis, nisso aborda a conexão entre a ciência ecológica e as ações práticas que podem ser tomadas inspiradas na espiritualidade pressupondo nova visão de mundo e de realidade como caminhos mais importantes e capazes de guiar o novo desenvolvimento social, econômico, cultural, político e ambiental justificando a necessidade de se pensar também a importância do capital natural dos territórios, pensando na sustentabilidade desde coisas simples partindo do local para à consciência planetária.

1.1 Uma breve discussão: Para à Sustentabilidade não existe o “lado de fora”.

Uma reflexão para ser considerada boa deve levar o indivíduo a questionar um ponto crucial em uma fração de tempo tão determinante que culmina essencialmente no seu autoconhecimento como indivíduo e cidadão na sociedade, assim como culmina também na sua mudança de práxis e o torna capaz de perceber não apenas a sua forma de comporta-se na sociedade, mas no modo como passa a ver o mundo e tudo o que está nele.

Essa mudança na forma como passa a abstrair o mundo o leva a questionar a atual organização de mundo e as mudanças das quais ela necessita, levando-se em consideração reformas nos sistemas econômico, político, cultural, social e ambiental atentando-os, portanto, para a urgência de se enquadrá-los no panorama do novo pensamento científico, cultural, social e ambiental pelo holístico e sustentável.

Buscar entender e discutir a sustentabilidade é uma atitude extremamente esperada para o século XXI, mas que acontece geralmente através de perguntas que partem do interesse de uns para com terceiros. Vários profissionais já estão trabalhando e discutindo a questão da necessidade do mundo sustentável e a garantia das futuras gerações, mas um ponto importante pode relevar falhas na forma como ela vem sendo trabalhada. Geralmente busca-se as respostas através de perguntas feitas a diversas pessoas, das diversas classes e setores sociais.

Essas perguntas têm trilhado caminhos para entidades filantrópicas, Grupos Governamentais, Educadores, as diversas Organizações Não governamentais – ONGs, entre os diferentes Grupos Partidários, tem sido tratada ainda entre as crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos. É importante que essas pessoas façam parte dessa reflexão e assim sejam questionadas a revelarem seu papel na importância da sustentabilidade socioambiental, mas essas perguntas são de questionamento interior do indivíduo.

A sustentabilidade surge no século XXI como uma forma de manifestação das relações do ser humano e mundo estabelecidas pelas novas transformações que devem surgir no bojo das culturas dos diversos territórios. Dessa forma, compreende-se que ela não deve levar ao indivíduo a sua responsabilidade, ou seja, não deve lhe perguntar como ela o tem tocado, mas perguntar a si mesmo, como a sustentabilidade o toca e qual o seu papel na garantia da vida às futuras gerações.

Indiscutivelmente a sustentabilidade passa a ser uma demonstração de afeto para com o meio ambiente perceptível nas práticas comuns. A falta dessa relação afetuosa revela o caos ambiental e quais são as relações preestabelecidas na sociedade e com o meio ambiente.

A sustentabilidade não se restringe apenas às ações que garantem a permanência das riquezas naturais, costumamente chamada de “Recursos Naturais”, conceito criado herdado e comprometido com o pensamento mecanicista e comprometido com o paradigma científico dominante dos séculos XVI ao XIX. Ela se torna ampla porque não diz respeito apenas ao como o ser humano aprendeu e vive no mundo até os dias atuais, mas ao como ele reproduz os meios de vida em favor dos sistemas econômico, políticos e culturais, incluindo também o universo que contempla as razões e emoções humanas, ou seja, as ações diretas de causas e efeitos de toda uma sociedade em determinados espaços geográficos.

A sustentabilidade hoje pressupõe necessariamente abrir mão de conceitos arraigados na insustentabilidade socioambiental, portanto, requer visão sistêmica de mundo. As bases de uma sociedade sustentável se consolidam no surgimento de novas práticas sustentáveis, mas nem sempre as pessoas carregam consigo essa compreensão, por isso há pessoas atentando-se para a sustentabilidade de um lado e de outro pessoas descomprometidas com a sua importância.

O problema da insustentabilidade tem se tornado uma questão emblemática e emergencial, pois demanda pessoas, governos e políticas públicas para os territórios, a retirada do sentimento de pertença dos indivíduos nos territórios é responsável por aniquilar os sentimentos de pertença no mundo em que se vive, as relações construídas no mundo externo ao mundo interno humano se dá sem que para isso o revele como cidadão no planeta em que vive, são construídas soltas e vazias de significados, por isso muitas pessoas não conseguem significar a sustentabilidade socioambiental.

O planeta precisa ser encarado como a única casa de morada capaz de habitar e suprir as necessidades humanas porque há um sério conflito entre o mundo interno e externo humano que precisa ser resolvido. As necessidades internas do ser humano precisam ser trabalhadas para que no seu meio externo ele não venha comprometer as necessidades básicas de outros cidadãos ou o futuro das gerações seguintes. A resposta para esse conflito devolve ao homem não apenas sua consciência de mundo vivido, mas também sua ligação com a casa de morada, a terra.

Embora o século XXI traga à tona discussões sobre o mundo sustentável e ponha a prova todas as medidas tomadas nos séculos passados justificadas no desenvolvimento de cidades e países do mundo todo, por outro lado há inúmeras outras razões para se discutir a sustentabilidade socioambiental, sobretudo, quando a educação passou a ser vista como o caminho mais justo e eficaz para tal. Somente por meio da educação é que se pode ter uma sociedade sustentável, em virtude das desigualdades sociais serem uma das barreiras mais importantes a serem vencidas. Tendo vencido o desafio da desigualdade social por meio do

acesso democrático à educação a sustentabilidade deixará de ser encarada como utopia, trata-se de confiar a sustentabilidade ao caminho certo. A educação é o caminho pelo qual as pessoas, o governo, os sistemas políticos, econômicos e culturais devem percorrer, por isso surge a necessidade de regaste nos modos mais antigos de vidas predominantemente por meio do respeito para com o meio ambiente.

Os registros históricos encontrados em cavernas por diversos estudiosos e pesquisadores indicam o período em que o ser humano começou romper a sua relação harmônica com o meio em que vivia. O fato de a História poder precisar o momento em que isso ocorreu gera esperança na sustentabilidade para o mundo acadêmico e para a sociedade frente as futuras gerações, pensando-se essencialmente os bons frutos do futuro tendo no resgate do passado essas possibilidades.

Fazendo-se esse resgate histórico e geográfico, o meio ambiente e mesmo o espaço geográfico na pré-história se configuraram como um espaço pouco alterado pelas ações antrópicas em função da tecnologia lítica utilizada, o homem era em essencial dependente da relação homem e natureza sem oposições para a qual a busca pela sobrevivência era o fato mais importante.

Nesse período o nomadismo e as atividades da caça e da coleta marcaram o início das relações do homem com o território e já nas civilizações primitivas o espaço passa a ser fundamentalmente pensando a partir das relações sociais de forma igualitária, nisso tem-se na organização familiar por meio da coletividade nos territórios as relações com o meio que eram sem sobra de duvidas harmoniosas e os sistemas produtivos se enquadravam em categorias de menores ou total ausência de agressão ao meio ambiente que eram basicamente a agricultura, caça e pesca representando na escolha dessas práticas sobre espaço uma noção de espaço e meio frente às suas fragilidades.

Nas sociedades escravistas, o espaço e o meio ambiente era fortemente marcado pelo advento da revolução urbana e pela revolução metalúrgica com o uso do ferro. Nesse período as relações sociais intensificam nos territórios e as atividades agrícolas passam a exercer uma atividade comercial nascendo nos territórios os espaços fixos devido a política imperialista e expansionista do período, a colonização. As desigualdades sociais nos territórios surgiam acompanhadas das primeiras formas de manifestações de uso do meio ambiente nas sociedades escravistas, pois o meio era marcado pela desigualdade e exploração das riquezas naturais.

A cidade – estado adquiriu grande importância e foi responsável por configurar as relações territoriais, tornando-se o lugar de dominação e do poder do homem pela natureza e do homem pelo homem. A apropriação privada do espaço tem em Roma o nascimento de um

dos maiores impérios já conhecidos na história da humanidade. Durante o período feudal, caracterizado pela ruralização e fragmentação territorial, pela propriedade privada do espaço e paisagens marcadas pelos mosteiros, igrejas, castelos e campos de cultivos. As relações com o meio se davam pelo modo de vida essencialmente agrário, por isso houve crise nas atividades comerciais e na involução urbana, nesse período havia também agressão com o meio ambiente, sobretudo, em função da persistência das desigualdades sociais que obrigavam os camponeses a se debruçarem nos espaços e usufruí-los sem quaisquer demonstração de preocupação sustentável.

O meio ambiente na sociedade capitalista ou industrial sofreu reestruturação e nova organização a partir das relações e do modo de produção capitalista tendo na mercantilização do homem e da natureza o fator principal. Fundamentada essencialmente em sociedade de classes, o espaço se torna uma mercadoria comandada e organizada pelo capital, nesse caminho, intensifica-se o processo de agressão à natureza tendo no crescimento urbano a aceleração desse processo. O meio técnico-científico-informacional surgido com o fim da segunda guerra mundial e consolidado durante os anos de 1970 é a prova de que a natureza sofreu ao longo do tempo agressão sem precedentes na história da humanidade, pois é nesse período que o espaço sofre profunda interação entre a técnica e a ciência sob a égide do mercado, a era da informação veio assegurar ao homem ainda mais domínio sobre o meio.

Os processos históricos de uso e ocupação dos territórios por meio do espaço geográfico geram as principais perguntas sobre a sustentabilidade das quais a sociedade deve se perguntar tanto individualmente quanto em conjunto. Em que momento o homem se deu conta de que é preciso tornar o mundo sustentável e porque ela envolve mais teoria do que prática e não o contrário são algumas dessas indagações inerentes a atual sociedade.

Levando-se em consideração as diferenças nos sistemas políticos, econômicos e culturais de cada sociedade e também os diferentes modos de vidas, a comunidade científica levou tempo significativo para responder essas perguntas e as que continuam surgindo. Infelizmente, mesmo nas diferentes culturas existe um elemento incomum a todas elas que tem engessado novas atitudes e práticas sustentáveis, esse elemento se releva na cultura do medo e se consolida tanto na academia como nos grupos políticos.

Por isso é importante se perguntar o que é sustentabilidade, e como ela tem tocado as pessoas de diferentes sociedades, classes e grupos sociais levando-se em consideração seus modos de vida nos diferentes lugares e territórios. A comunidade científica considera necessário quebrar a cultura do medo de se enfrentar novas iniciativas sustentáveis, por isso que ela discute a mudança de padrões de vida e de comportamento e a nova organização geopolítica mundial.

Essas novas posturas asseguraram-se na equidade social e amarradas pela cultura garantiriam a manutenção e o cuidado com as riquezas naturais e de todos os seres vivos incluindo o ser humano. Elas poderiam garantir ainda novos padrões de desenvolvimentos pensados agora a partir do ser humano e não apenas no capital e no lucro imediato, além de representar novas relações entre o homem e a natureza evitando-as de novas fragmentações ou de estagnarem-se nos territórios.

A mídia possui parte dessa responsabilidade, pois está ligada diretamente a ideia de construção de mundo que pessoas que dela dependem possuem, porém sua preocupação tem sido deturpar a realidade social e ambiental e manter a pessoas cada vez mais afastadas da sustentabilidade. A mídia detém poder sobre a disseminação de informações importantes, sobretudo, porque está a serviço de grupos políticos, empresariais e econômicos no mundo todo, ou seja, faz parte da manutenção ideológica e suas variadas formas de expansão nos territórios.

Cultiva-se a cultura do medo da mudança não apenas porque o novo causa espanto, mas porque as pessoas detentoras do poder midiático de massa constroem nos destituídos de conhecimento uma visão de mundo e de necessidades humanas inteiramente deturpadas não obstante, ligadas ao modo de produção vigente e suas formas de expansão. As pessoas aprenderam a conviver com o medo de pensar as estruturas da sociedade deixando-se levar pelo que dizem os grupos de pessoas ou representantes que dominam o pensamento comum em massa não apenas no Brasil, mas no mundo todo.

Os governos devem demonstrar as primeiras formas iniciativas para o desenvolvimento sustentável, porém optam pelo controle social tendo na cultura do medo essa estagnação, a hierarquização da sociedade em classes é o reflexo da necessidade de criação de estratos sociais, ou seja, uma iniciativa mundial existente e intencionalmente pensada a partir das classes dominantes.

A manutenção dessa ordem faz do surgimento do conhecimento uma dualidade, de um lado como um verdadeiro antídoto e mesmo a chave para se compreender o mundo atual frente a sustentabilidade e de outro, como um divisor de águas. Desde a antiguidade os seres humanos passam por uma divisão social para se determinar quem o detém e quem não detém o conhecimento e como na antiguidade ainda hoje os destituídos se dão por vencidos entre os detentores. Assim sendo, a sustentabilidade vem questionar também a ciência e o seu papel na sociedade onde muito embora ela tenha sido agraciada pelas suas descobertas, por outro lado esquivou-se durante muito tempo dos rompantes sociais e por isso permitiu a manutenção do status quo.

A manutenção dessa organização resulta na insustentabilidade e torna a corrida científica e tecnológica uma ferramenta potencialmente capaz de assegurar poder sobre as relações sociais e iniciativas sustentáveis, ela tem acarretado a escassez dos lugares e territórios e a deterioração das relações sociais além de revelar o regresso das civilizações na sua casa de morada, a terra.

Os grupos dominantes, grandes empresários e as grandes instituições a serviços destes e demais, têm pensado muito mais do que um cidadão comum o seu próprio território, pois as grandes revoluções científicas e tecnológicas têm lhes garantido esse poder de imposição, de domínio e soberania sobre os territórios, mesmo aqueles distantes. Eles são capazes de impor sua soberania e o medo sem sequer precisar ir até lá, é dessa forma que está organizada a Geopolítica do mundo incluindo suas relações de poder, domínio, soberania e subordinação dos territórios no mundo todo.

A sustentabilidade pressupõe o reconhecimento de que é necessário compreender o papel da Geopolítica Mundial na insustentabilidade atual, o que a geopolítica mundial busca é diferentemente do que se pressupõem para o mundo sustentável. Ela é capaz de tocar os pontos nevrálgicos dos sistemas produtivos e de levar o homem a questionar seu modo de vida e sua conciliação com o meio ambiente, por isso ela tem se tornado uma prática em que pressupõem-se riscos.

Para a sustentabilidade não existe o mundo externo, homem e natureza fazem parte do mesmo equilíbrio ecossistêmico mas que nem sempre é percebido devido ao universo que se cria em torno de fabulações e promessas na eternidade pelo congelamento do tempo através dos avanços científicos, tecnológicos e informacionais. Esses avanços nem sempre revelam a nocividade das mudanças de hábitos para o planeta, ao menos que o cidadão mude sua consciência de mundo, pela educação e para a sustentabilidade socioambiental mundial.

1.2 Como Entender a Sustentabilidade no Mundo Global do Século XXI

Ao considerar o mundo global refere-se ao entendimento de que ele próprio se torna pequeno e seus fenômenos ocorrem em escala global atingindo diretamente setores como economia, cultura, política e a sociedade como um todo. Trata-se do avanço Técnico científico e informacional seguido pela a égide das leis do mercado a nível mundial, portanto, é a fase em que o capitalismo se mostra mais avançado.

O principal objetivo da globalização é unir as pessoas em volta do mito da aldeia global, mas nem todas as elas têm acesso ao meio técnico científico e informacional, portanto,

mais da metade do mundo participa apenas assistindo e como receptora de uma ordem que vem de cima para baixo impostamente. Essa ordem que se perpetua até os dias atuais é responsável pelo desperdício das riquezas naturais, da poluição do ar, do aumento da exclusão social, e do desperdício de pessoas no atual e perverso sistema capitalista. (SANTOS, 2003).

Santos (2003) explica que a expansão desse sistema age violentamente sobre países pobres, nutrindo-se das suas desigualdades sociais paralelamente ao mesmo instante em que, contraditoriamente, por ser assim pensado, tenta unir as pessoas disseminando a ideia de mundo “fabuloso e ilusório”, sobretudo, para o mundo do trabalho. A própria ideia de Divisão Interna do Trabalho – DIT nada mais é do que a tentativa de fragmentação das relações interpessoais. Intensifica-se as horas de trabalho, retira-se do seu humano suas habilidades e sua força de trabalho em troca de um salário e esse mesmo somado a função de cada um são os únicos elementos que trabalhadores passam a ter incomum (BAUMAN, 1999).

No século XXI, a globalização não se restringe apenas à detenção de novos espaços e conquistas de novos territórios, mas também a segurança de que uma vez conquistados esses espaços não possam mais se reerguer passando a servir eternamente como mercados receptores e consumidores de produtos na grande maioria supérfluos. Mas, essa não tem sido a grande preocupação para pesquisadores e estudiosos, pois ela se mostra como efeito e não como a causa direta impulsionada pela organização do sistema político e linear capitalista.

A preocupação maior é com as causas que permeiam a insustentabilidade do mundo global e que têm gerado debates, ciclos de palestras e discussões intermináveis. A sustentabilidade passa ser pensada a partir dos territórios porque neles estão a materialidade e a imaterialidade do mundo da produção e revelam as estruturas e os impasses da globalização sobre a sociedade. Dessa forma, compreende-se em Santos (1982) a importância das sequencias estruturas, processos, funções e formas tendo em vista as ações, planos políticos, econômicos, sociais e ambientais sobre os territórios.

Os territórios são na verdade a peça fundamental da globalização e seu objetivo levar as pessoas o consumo imediato de coisas, lugares e pessoas e criar a mentalidade de um mundo pseudoconcreto onde as estruturas, os processos, as funções e as formas não se mostrem ou revelem-se para os indivíduos. Para Lima (2011) é importante compreender o mundo global e suas demonstrações de pseudocrocreticidades ao mostrar o mundo tal como é representado e não como resultantes de todos esses processos dialéticos.

Tanto as coisas em si, ou seja, o conjunto de objetos dados pela configuração territorial e até mesmo o ser humano hoje possuem um significado que quando não entendidos em essência passam a ideia de coisas. A função de cada um no espaço vai defini-los melhor e

revelaram os processos por traz da criação de cada um, mas isso dependerá se a eles forem atribuídos além dos processos históricos o fator da dialética e a constância do tempo.

A globalização prever a aniquilação dos tempos passados pela proposta de vida garantida no tempo presente, por isso a práxis de cada desempenhará um papel na sustentabilidade de acordo com a práxis que carrega consigo. Se a práxis for revolucionária resultará em mudanças significativas e sustentáveis para a sociedade, caso contrário, irá manter a ordem atual e a superficialidade nas abstrações dos fenômenos sociais frente aos desafios para a sustentabilidade.

O modo de vida das pessoas hoje inspirado no modelo de vida americano “American Way of Life” influenciado pelas transformações ocorridas na sociedade Norte Americana tornou-se um oportunidade para a mídia difundir em larga escala modos de vidas padronizados e idealizados pelas vantagens e desvantagens do mundo do trabalho pressupondo a ideia de que quem consegue progredir pode usufruir mais e melhor das vantagens advindas da modernidade (CUNHA, 2002).

Girão (2008) explica que essas transformações não se restringiam apenas aos hábitos simples, mas também na idolatria de hábitos de pessoas famosas, na moda masculina e feminina e em todos os setores da sociedades, esse modelo de vida se impôs tornando o modelo de vida inglês predominante no Frances ultrapassado. Em pouco tempo “bebedores de Coca-Cola, comedores de sanduíche Macdonald, adeptos do slack e da bermuda, até os dias presentes, quando, em ruidoso processo de globalização, somos praticamente uma caricatura do grande irmão do norte” (GIRÃO, 2008, p. 130).

Esse modo de vida influi diretamente sobre a sustentabilidade socioambiental, Foladori (2002) compreende que há preocupação nas mudanças nos estilos de vida e seus impactos no meio ambiente e na sociedade, desde os anos sessenta a degradação tem aumentado em virtude dos avanços e efeitos novíços do capitalismo.

Há diversas críticas sobre o modelo de produção e acumulação capitalista, pois considera-se que há limitações para o desenvolvimento e crescimento contínuo e que poderia desencadear impactos ainda maiores na vida do ser humano, sobretudo, para o meio ambiente. Sachs (1993), ao elaborar as seis dimensões da sustentabilidade destaca que a dimensão política que baseia-se na democracia e apropriação universal dos direitos humanos, eleva a importância do papel do Estado no desenvolvimento sustentável e por isso destaca nas ações, planos e projetos de governos uma das maiores forças que a sustentabilidade requer.

Para Silva e Quelhas (2006) refletem a necessidade de se pensar a sustentabilidade no século XXI a partir da consciência universal voltada intensamente para o futuro, e sugere que

o homem reflita suas ações, seu modo de viver, o consumismo e torne-se pleno na sua responsabilidade. Para ele tanto as empresas quanto como as sociedades vêm incorporando diversos conceitos de sustentabilidade no século XXI porque se tornou modismo e pouco têm contribuído para ela de fato, elas devem promover ações que de fato seja de cunho preventivo e em relação ao meio ambiente e no sentido do desenvolvimento sustentável que em Hart e Milsteins (2004, p. 48) tem sido:

Definida como a habilidade para “satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a habilidade das futuras gerações para satisfazerem suas necessidades”. Similarmente, o desenvolvimento sustentável “é um processo para se alcançar o desenvolvimento humano [...] de uma maneira inclusiva, interligada, igualitária, prudente e segura”. Uma empresa sustentável, por conseguinte, é aquela que contribui para o desenvolvimento sustentável ao gerar, simultaneamente, benefícios econômicos, sociais e ambientais.

As atuais bases epistemológicas e teóricas construídas na sustentabilidade são completamente antagônicas ao capitalismo, promovem o desenvolvimento pela sustentabilidade socioambiental pensado no ser humano e meio ambiente. O principal problema da modernidade, do jeito de viver americano é que em Baudelaire (1988, p. 84) consagra a modernidade como “o transitório, o contingente; é metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável”, ela consiste também na vida experimental, pois garante experiências nos espaços pelo tempo presente tanto do indivíduo sozinho como em grupos.

Para Berman (1999) a modernidade e as mudanças nos modos de vida permitiram ao ser humano a garantia de se encontrar nos ambiente em que se promete a aventura do tempo presente, as alegrias, poder, crescimento pessoal e profissional e por isso a transformação de si mesmo, mesmo que isso represente ameaça de auto destruição de si mesmo e daquilo que as pessoas demoraram a conquistar, incluindo o conhecimento.

Giddens (2005) ao se referir às mudanças no estilo de vida e os impactos sobre o meio ambiente ressalta que a atual organização social que emergiu na Europa a partir do século XVII e que hoje superada pelo modo de viver norte americano, tornaram-se mundiais e extremamente influenciáveis. Os modos de vidas da modernidade têm impactado severamente o planeta sem precedentes, tanto em intencionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações resultadas da modernidade são profundas e estabelecem formas de interconexão social em toda a superfície terrestre e vieram alterar as relações interpessoais e a relação homem e meio.

O caráter rápido dessas transformações nas sociedades não deriva essencialmente do capitalismo em si, mas, sobretudo do impulso energizante da intensa divisão do trabalho que se aproveita da produção e das necessidades básicas do ser humano através da exploração industrial e dos recursos naturais. A lógica da competição não é o elemento central da atual

ordem industrial emergente, segundo Durkheim (1998) em Marx (1988) há grande ênfase em algumas das características da lógica competitiva, porém, para ele elas tornam-se transitórias e marginais pois a ordem atual e os problemas que dela derivam está na ordem que não é apenas capitalista, mas industrial e técnico científico informacional.

A interpretação da natureza e dos recursos naturais na contemporaneidade faz resgate no Capitalismo de Marx (1988), no Industrialismo de Durkheim (1998) e, na burocratização racional da vida humana em Weber (1987). O capitalismo existe em Weber (1987) sem a existência de uma ordem industrial como admite Durkheim (1998), mas sua concepção o lado racional do capitalismo compreende os mecanismo econômicos específicos, incluindo a importância da transformação do salário e das pessoas em mercadores, nisso ele concorda com Marx (1998).

O resultado da soma da ordem capitalista mais as sociedades industriais e técnico científicas e informacionais indicam o quanto a pegada ecológica está presente no mundo todo, pela força do industrialismo dominante e pela rapidez dos avanços da ciência e da informação pode-se chegar à conclusão de que o meio ambiente tem sofrido duras transformações, esse fator não deve ser encarado como mutuamente ou exclusivo de apenas uma sociedade, mas a soma de todas elas envolvendo seus sistemas produtivos, a divisão do trabalho e o tratamentos dos resíduos sólidos.

O caráter de ruptura com esses elementos se tornou o desafio maior frente ao aumento dos impactos sobre a biocapacidade do planeta, onde o surgimento de ideias inovadoras passa a ser a pretensão de se alcançar a totalidade da sustentabilidade socioambiental. Giddens (2005) explica que implicaria em uma nova visão agora baseada na descontinuidade do processo histórico sobre a modernidade e seu padrão homogêneo de vida, assim sendo, o evolucionismo subjacente à modernidade seria um elementos chave a ser superado levando-se em consideração que a pegada ecológica pressupõe descontinuidade no ritmo das mudanças nocivas impostas pelas atuais instituições, governos e empresas capitalistas.

As diferentes áreas do globo terrestre são posta em interconexão em ondas de transformações sociais, políticas, econômicas e ideológicas, que penetram através da virtualidade qualquer lugar no planeta além de não haver controle sobre impactos nocivos e faltarem políticas públicas prevenidas comprometidas com a manutenção dos recursos naturais.

Os processos históricos também são vítimas de serias fragmentações, tanto as contradições quanto as fragmentações são o alimento da modernidade, como ela é considerada interminável, essas rupturas e fragmentações nas relações interpessoais e nos processos históricos se tornam inerentes e também intermináveis. A ideia do progresso contínuo se tornou

a tara ideológica de diversas nações e se nutre também das fragmentações das relações sobretudo, no mundo do trabalho, por isso cultua-se a chegada do novo mais do que em sociedade anteriores.

Gomes (1996) manifestou a dimensão epistemológica da modernidade a partir da compreensão de mundo real na relação homem, natureza e mundo, para chegar à materialidade histórica e dialética da modernidade. Sua conclusão foi a de que ela não busca nem se explica pela sua própria essência, e pela sua falsa abstração que ela consegue manter os modos de vidas extremamente degradantes.

O homem e a natureza são reduzidos ao físico e passam a manifestarem-se pela valorização da experiência, portanto, o empírico. Dessa forma, elimina-se a responsabilidade humana sobre os impactos socioambientais quando o meio ambiente passa a ser considerado uma instância ou coisa e fica mais vulnerável ao racionalismo e a formação hegemônica do pensamento dominante e imperialista.

A particularidade do pensamento ocidental, no momento da sua mais forte identificação com a modernidade, é que ele quis passar do papel essencial reconhecido à racionalização para a ideia mais ampla de uma sociedade racional, na qual a razão não comanda apenas a atividade científica e técnica, mas o governo dos homens tanto quanto a administração das coisas (TOURAINÉ, 1997, p. 18).

A insustentabilidade e a perda da espiritualidade mostram-se no quanto a sociedade técnico científica informacional e o industrialismo não foram capazes de reiterar a natureza e como as condições pós-modernas mesmo as grandes civilizações mostraram-se nefastas diante da descontinuidade da vida e de vários ecossistemas, pois:

Suas vidas estavam atadas aos movimentos e disposições da natureza, a disponibilidade das fontes naturais de sustento, a prosperidade das plantações e dos animais de pasto, e o impacto dos desastres naturais. A indústria moderna, modelada pela aliança da ciência com a tecnologia, transforma o mundo da natureza de maneiras inimagináveis às gerações anteriores (GIDDENS, 2005, p. 66).

A indústria moderna conseguiu atingir toda parte do globo terrestre, portanto, os seres humano vivem em mundo criado e pensado sobre as leis capitalistas, um ambiente de ação e não mais social, justificado pelo mundo físico e palpável onde se oculta a importância das práticas religiosas, das crenças e simbolismos no resgate aos modos de vida primitivos de nossas ancestralidades. O caráter de natural da natureza foi substituído pelo físico e racional, é muito comum que ainda hoje as pessoas refiram-se à natureza como algo completamente natural, mas essa característica já foi interpretada em dois momentos importantes.

O primeiro aconteceu na passagem do feudalismo para o capitalismo no momento em que o homem sentiu necessidade de dessacralizar a natureza e lhe arrancar essa ligação direta com o ser humano, tornando-a tão imortal quanto a ele mesmo. O segundo momento se deu a partir de uma análise mais profunda e crítica sobre o espaço no final do século XX, esse momento surgiu quando estudiosos perceberam que a natureza havia recebido uma personalidade dual, fruto e justificada nas próprias contradições da sociedade moderna.

Para Gonçalves (2008) de modo geral, quando as pessoas se envolvem com a problemática ecológica e discutem a relação homem natureza, elas costumam equivocar-se ao retratar homem e natureza dissociadamente e agregar à natureza o resultado total de um conjunto de objetos naturais. Desse modo é que as sociedades Orientais e Indígenas parecem ter dado um passo mais à frente quando compreendem a importância de todos os elementos que estão no espaço, incluindo os elementos naturais e sua relação recíproca e continua com os elementos artificiais, os prédios, as ruas, a configuração territorial.

A sustentabilidade encontra barreiras fixas na sociedade contemporânea devido a racionalização dos espaços e do saber, por isso propõe uma nova lógica de mercado, de produção e desenvolvimento. A modernidade e as transformações ocorrida na vida e no dia – a – dia das pessoas são responsáveis por trazer rupturas entre o mundo sagrado, considerado espiritual, com o mundo terreno externo ao homem e por conseguinte com a sustentabilidade. O mundo da subjetividade humana, que era ao mesmo tempo o mundo divino e transparente à razão, passou a ser interpretado fora dos padrões científicos e tornou-se uma verdadeira separação da relação homem natureza (TOURAINÉ, 2002).

1.3 A Sustentabilidade a partir das Correntes Teóricas e Metodológicas.

Os anos de 1989 acarretaram diversas transformações no mundo com o fim do Socialismo representado pela queda do Muro de Berlim na Alemanha e pela transição do modelo Keynesiano para o modelo neoliberal. As novas formas de organizações, bem como a geopolítica mundial que antes era de ordem bipolar emergiam no surgimento de novas potências mundiais como Japão, por exemplo.

Essas transformações abraçaram o mundo da competitividade, sobretudo para o mundo do trabalho, fortemente pautado no uso de novas tecnologias que em consequência última resultaram no aumento do desemprego estrutural e das desigualdades sociais, pois comunicaram na exclusão social e diminuição da renda familiar. Dessa forma, percebeu-se que os números de pessoas excluídas da globalização previam o aumento do desenvolvimento

econômico de potencias apenas pelo vícios econômico, ou seja, pela mundialização da sua economia, mas não pelo acesso igualitário aos frutos oriundos da globalização como bens, serviços e mercadorias.

A globalização prever a mundialização do capital, mas se garantia de nela todas as pessoas serão incluídas além de que nela os sistemas produtivos e econômicos segundo Zaoual (2006), são responsáveis pelos impactos socioambientais incluindo o aumento da degradação ambiental com a poluição do ar, o aquecimento do planeta, destruição da camada de ozônio, desertificação entre outros e pressupõe a aniquilação de culturas e iniciativas locais.

Na filosofia de Platão (1999), perpetua-se a ideia de natureza humana e ambiental completamente racional, o homem passou a considerar-se superior ao meio ambiente e por isso sentiu que necessitava dominar e exercer controle sobre ele para satisfazer suas necessidades. Santos (2001, p. 56) sintetiza a relação homem natureza analisando o sistema capitalista e conclui que nos últimos anos:

A promessa da dominação da natureza, e do seu uso para benefício comum da humanidade, conduziu a uma exploração excessiva e despreocupada dos recursos naturais, à catástrofe ecológica, à ameaça nuclear, à destruição da camada de ozônio, e à emergência da biotecnologia, da engenharia genética e da consequente conversão do corpo humano em mercadoria.

A humanidade conduziu a natureza para o seu próprio benefício e lhe lançou para dentro crise ecológica sem precedentes na história tanto é que para Guatari (1991) essa crise só seria resolvida se as respostas partissem da consciência planetária onde todos os indivisos teria de se responsabilizar em desempenhar cada qual o seu papel. Além do mais há intensa necessidade de se renovar os sistemas políticos, econômicas, culturais e sociais a fins de se promover uma verdadeira revolução que confronte a atual organização e geopolítica mundial e seus lucrativos e nocivos mundo dos negócios e lucros sobre os recursos naturais.

Uma finalidade do trabalho social regulada de maneira unívoca por uma economia de lucro e por relações de poder só pode, no momento, levar a dramáticos impasses – o que fica manifesto no absurdo das tutelas econômicas que pesam sobre o Terceiro Mundo e conduzem algumas de suas regiões a uma pauperização absoluta e irreversível (GUATARI, 1991, p. 09).

A responsabilidade social tem sido a principal discussão na questão da sustentabilidade ambiental e social, porque dela emana ações em conjunto na sociedade e não apenas pelas ações individuais mesmo que essas representem mudanças e tornem-se capaz de exercerem influencias de uns para com os outros. A primeira vez em que a sustentabilidade entrou na discussão oficial da sociedade deu-se em no relatório de *Brundtland*, intitulado “Nosso Futuro Comum” (ANDRADE, 2000, p. 04).

Desde então, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento ficou responsável por tornar pública e social a discussão sobre meio ambiente, sustentabilidade e desenvolvimento e objetivou-se conceituar desenvolvimento aliando-o à sustentabilidade em comprometido com as futuras gerações e a buscar os melhores caminhos para minimizar-se ao máximo os efeitos nocivos do atual desenvolvimento sobre o meio ambiente e para as sociedade distintas no mundo.

Diante disso, ficou estabelecido que a sustentabilidade seria e teria de passar por um processo de transformação social pela qual a exploração do recursos naturais, a direção nos investimentos de grandes empresas e países, a orientação científica e tecnológica, todos deveriam voltar-se para o futuro aderindo ideias inovadoras. Embora a sustentabilidade tenha se tornado uma linha de discurso fortemente defendida até mesmo por grandes empresas multinacionais que carregam seus selos verdes, em contrapartida a essa linha de discurso surgem caminhos sustentáveis que fora da apropriação de discursos garantem a permanência e equilíbrio para o meio ambiente e para as relações sociais (ARAÚJO; MENDONÇA, 2009).

Convém às correntes teóricas e metodológicas do século XXI repensar a sustentabilidade a partir da ética e da moral e fazer uma distinção dos planos em que foram pensadas por Descartes (2005) que atentou-se para o homem e para o meio ambiente como máquinas perfeitas resultantes do progresso científico. Essa visão contribui para que ao longo do tempo o ser humano se tornasse cada vez mais predatório do meio ambiente, afins de se aperfeiçoar mais e melhor as suas qualidades humanas.

É evidente que se construiu outra lógica inversa e potencialmente capaz de se arraigar nas culturas locais e afastar a sustentabilidade do dia – a – dia das pessoas. Essa lógica manifesta-se na cultura através da inversão dos valores humanos e, conseqüentemente na inversão da valoração ambiental, por isso é importante quanto necessário repensar a ética e a moral. Para Burszty (2001) essa crise é muito mais ética do que ambiental, porque denota falta de respeito para com as futuras gerações em virtude das atuais necessidades humanas na sua grande maioria supérfluas.

A apropriação de discursos apenas pelo marketing representa também crise na identidade de movimentos e projetos ambientalistas, revelando-os na prática em ações que não geram rendimentos para o meio ambiente e para a sociedade. As atuais correntes teóricas e metodológicas buscam trazer a sustentabilidade como peça principal para resolver a grande crise ecológica salientando a necessidade da consciência universal.

O grande desafio é quebrar paradigmas predominantes na sociedade e a manutenção do atual status quo justificados pelas leis gerais da natureza enquadrados em Newton (2002).

Essas forças naturais em Newton (2002) contribuiram para que a natureza assumisse apenas o campo físico e racional e o princípio de todo e qualquer conhecimento;

A natureza em lugar de ser um simples conjunto de fenômenos, um turbilhão de influências ocultas ou o esboço sobre o qual uma providência inescrutável desenhava seus signos misteriosos, era um sistema e forças inteligíveis, Deus era matemático, seus cálculos, ainda que infinitos pela complexidade sutil, restavam acessíveis a inteligência humana (NEWTON, 2002, p. 82).

O meio ambiente agora pensando sobre essas rupturas inaugura-se a perspectiva crítica de sustentabilidade permitindo que se conheçam-na além da superficialidade por romper com a filosofia pertinente ao século da luzes, porém não mais aos dias de hoje. Para Braga (2005), já existiram muitas iniciativas que abordam a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável antes mesmo da Agenda 21 nos quais criticam o desenvolvimento, o crescimento industrial e econômico dos países industrializados, mas a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável expõem que:

O movimento do desenvolvimento sustentável baseia-se na percepção de que a capacidade de carga da terra não poderá ser ultrapassada sem que ocorram grandes catástrofes sociais e ambientais. Mais ainda, já há sinais evidentes de que em muitos casos os limites aceitáveis foram ultrapassados, como atestam diversos problemas ambientais gravíssimos, como aquecimento global, a destruição da camada de ozônio estratosférico, a poluição dos rios e oceanos, extinção acelerada de espécies vivas, bem como os sérios problemas sociais (BARBIERI, CAJAZEIRA, 2009, p. 66).

Burszty (2001, p. 20) explica que a sustentabilidade não pode, apesar das suas barreiras, ser considerada como uma utopia impossível, mas como possibilidade de uma nova construção social a partir de uma nova mentalidade das pessoas, “porque a crise atual dos paradigmas que movem o progresso industrialista autoriza a ousadia de se pensar um outro modo de desenvolvimento humano, a fórmula ainda não está elaborada. Com renovada ética, a ciência pode cumprir um importante papel nesse sentido”.

No Saber – poder de Foucault (2001) essa nova ética se cumpre na crença de novas leis para a sociedade e meio ambiente livre de qualquer fetichização ou separado do mundo orgânico e inorgânico. Apoiando-se em Sachs (2008), as novas correntes teóricas e metodológicas devem apoiar-se no cerne das discussões sustentáveis bem como no Ecodesenvolvimento visando princípios básicos da sustentabilidade socioambiental que consiste na sustentabilidade territorial, cultural, políticas, no sentido de trazer mais valorização para os territórios, para as culturas locais e pelo simbolismo cultural e religioso deles.

A finalidade das atuais correntes teóricas e metodológicas é incentivar práticas e ações sustentáveis que despertem a responsabilidade social para que as gestões locais possam se

espelhar e orientar-se sobre os planos e as ações direcionadas à sustentabilidade. A Política Nacional do Desenvolvimento Regional – PNDR considera importante interligar a sustentabilidade aos aspectos sociais e culturais para que o desenvolvimento regional possa ser significativo e garanta maior inclusão social,

Assim sendo, Lima (2003) vem apontar a sustentabilidade como uma palavra mágica capaz de orientar o desenvolvimento regional e testemunha do quanto diferentes sujeitos a pronuncia indistintamente nos mais diversos contextos sociais e sentidos diversos a partir da cultura, dos elementos simbólicos e da inserção da responsabilidade social. Como toda grande responsabilidade, a sustentabilidade possui bastante risco na sua efetiva aderência universal devido confrontar o paradigma dominante sugerindo multiplicação de novas ações sociais, bem como a educação ambiental como uma perspectiva inovadora.

O tema da sustentabilidade confronta-se com o paradigma da “sociedade de risco”. Isso implica a necessidade de se multiplicarem as práticas sociais baseadas no fortalecimento do direito ao acesso à informação e à educação ambiental em uma perspectiva integradora. E também demanda aumentar o poder das iniciativas baseadas na premissa de que um maior acesso à informação e transparência na administração dos problemas ambientais urbanos pode implicar a reorganização do poder e da autoridade (JACOBI, 2003, p. 04).

Em Ashley (2005, p. 08) o conceito de responsabilidade social se explica “nas atividades que a mesma pratica, a forma com que é praticada as suas políticas e os resultados derivados das suas ações positivos ou negativos e o compromisso de explicitar de forma explícita”. Essa responsabilidade está comprometida com a ética, a moral, os planos políticos, econômicos e culturais e também com a responsabilidade empresarial que remete à lucratividade e produção de bens e serviços:

a) Responsabilidade econômica: remete ao fato da empresa ser lucrativa e produzir bens e serviços que a sociedade deseja; b) Responsabilidade legal: são as leis que as organizações são obrigadas a seguir para operar no mercado. A sociedade espera que elas cumpram tais regras e não fujam ou burlem as “regras do jogo”; c) Responsabilidade ética: e quando as organizações atuam no sentido de fazer o que é certo e justo, evitando ou minimizando os impactos às pessoas. É fazer além do legal; d) Responsabilidade filantrópica: é aquela em que a empresa realiza ações sem uma sinalização por parte da sociedade (BARBIERI, CAJAZEIRAS, 2009, p. 53).

Boff (1993) discute que a sociedade entrou nos caminhos da insustentabilidade e que o problema teórico e metodológico de grandes cientistas explica-se pelo fato de ambos demorarem a reconhecer a rota de colisão entre o homem e seu meio. Os períodos industriais conclamados no progresso e no crescimento econômico difundiram a ideia de um planeta infinito onde as pessoas podia se dar:

Ao luxo de extrair, produzir e consumir sem se preocupar com concorrência e o desperdício. Os recursos naturais pareciam inesgotáveis e os mercados, impermeáveis. Este processo, porém mudou irreversivelmente, transformando o progresso quase forçado em evolução quase caótica. A natureza, que assimilava sem traumas as necessidades de um desenvolvimento controlado, hoje se mostra totalmente vulnerável às mega-agressões de uma população que, neste impreciso período, dobrou, triplicou e logo vai quadruplicar (VALLE, 1995, p. 05).

As correntes teóricas e metodológicas possui o desafio e a responsabilidade de produzirem a ciência e o conhecimento a partir da sustentabilidade interdisciplinarmente onde os diversos ramos da ciência viriam somar ações desse sentido e construir uma conjuntura ampla e solida para a sociedade sustentável que se busca. Fazenda (1994) garante a existência de uma sociedade alternativa diante do surgimento da consciência humana e pelo reconhecimento das próprias limitações humana que indicaria reconciliação com princípios humanitários e respeito aos novos saberes.

Espírito Santo (2011) coloca a necessidade do autoconhecimento na busca por novos caminhos sustentáveis e pressupõe outras posturas do homem com o universo para que se possa captar essa tendência sustentável na academia, na política, na economia e na cultura. É importante revelar a necessidade do surgimento de “um novo paradigma em educação, e a transcendência da fragmentação produzida pelo racionalismo em sua ânsia de superar os velhos dogmas; de forma cuidadosa, para que não caiamos num novo enciclopedismo” (ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 39).

A Sustentabilidade se tornou o conceito mais pernicioso da atualidade por isso as correntes teóricas e metodológicas possuem o dever de compreendê-la no período mais crítico da história, marcado pela sociedade do consumo, pela crise ética e do individualismo narcísico, a conquista da autonomia humana não representa avanço na nossa civilização (VEIGA, 2008).

1.4 A Sustentabilidade a Partir da Espiritualidade Humana

A crise ecológica é de responsabilidade humana como ressalta Gomes (2004), e convida a interdisciplinaridade e a espiritualidade participarem dos esforços para salvar a vida e o planeta da crise que o próprio ser humano desencadeou. Diante disso, foram inseridos outros elementos na sustentabilidade socioambiental devido suas dimensões não esgotarem-se no limiar das discussões teóricas, conceituais e metodológicas e poderem assumir também o valor espiritual.

A atual crise ecológica advém dos modelos econômicos e políticos demandados do sistema capitalista e seu modelo de acumulação que se sustentam na escassez da natureza e

dos territórios, ela resulta ainda da fragmentação e crise nas relações interpessoais para as quais se refletem no rompimento e fragmentação também do homem com o seu meio. As atuais relações e padrões de vidas instaurados na sociedade se tornaram insustentáveis por isso, outros caminhos começam a fazer parte da discussão sobre sustentabilidade aliando-a a questão espiritual dada pela forma como os seres humanos podem creditar à sustentabilidade ressignificação de valores, como a ética universal sustentável.

Levando-se em consideração as tentativas de se responder os atuais desafios ecológicos a partir das discussões sobre as relações sociais através da dialética e da inclusão social, o homem permanece no centro dos questionamentos e tenta-se impulsionar “novos modelos de produção-consumo que respeitem o meio ambiente; reorientar as pesquisas científicas e as aplicações da técnica; enfrentar os poderes que encontram hoje a serviço da morte” (GOMES, 2004, p. 02).

A sustentabilidade vem representar uma questão de vida e de morte nos dias atuais Boff (1993), e questiona a necessidade de superação do modo capitalista de produção e acumulação que esgotam os sistemas políticos, econômicos e socioambientais e leva a escassez do ser humano e das relações de uns com os outros e com o meio. A centralização do consumismo exacerbado incentivado pelos padrões de vida modernos tem dilacerado a vida humana e destruído a natureza além de colocar em risco o futuro das gerações seguintes.

A crise ecológica é creditada na falta de respeito e responsabilidade humana para com o meio ambiente e social e ver na espiritualidade reflexão sobre os temas sustentáveis e possibilidades de superação do sistema unilateral capitalista. Tanto o consumismo quanto o mercado e o capital estão centralizados e destroem a vida na terra, são armas nocivas para o meio ambiente e para qualquer ação que se julgue sustentável porque não partem da ética ecológica e não representam justiça social nem solidariedade entre as pessoas.

Assim sendo, a sustentabilidade vem sendo acompanhada por uma questão teológica, perspectiva imprescindível que passa a interpreta-la a partir de uma busca do homem com um ser superior e que vem revelar o confronto e as contradições da natureza humana. Através da espiritualidade o homem tem compreendido a ele mesmo e sua responsabilidade na atual crise ecológica; esses esforços lhes têm gerado desconfortos e garantindo compreensão na importância da participação nas tomadas de decisões individuais e coletivas nas sociedades.

Diversas religiões têm entendido que a questão ecológica é também uma necessidade de resgate do homem pela crença na humanidade e renovação da esperança, o mundo passou a creditar na espiritualidade a esperança de mundo melhor, mais fraterno e justo. Nasce então, um conjunto de relações que se explicam no íntimo das crenças e da revelação da fé humana

que faz com que as pessoas passem a interligar seus sentimentos, suas razões afins de se cultivar a solidariedade com o próximo, o cuidado e o zelo com o meio ambiente a partir da relação espiritual e ecológica.

Boff (1999) resolveu conceituar esses novos caminhos de nova ética ressaltando-os pela necessidade do ser humano se reconciliar com o amor de uns com os outros, com o meio e no com o sentimento do cuidar que em Sennett (2012), revela-se pela solidariedade mútua. O cuidar para o ser humano e para o meio ambiente se torna a principal estratégia e o caminho viável e justo para resolver a crise ecológica e os impasse da insustentabilidade. A crise ecológica é evidente para todas as sociedade e atribui ao homem essa responsabilidade em virtude de ter sido ele mesmo o responsável pelos caos ambiental sem precedentes na história das civilizações.

No ano de 2012 aconteceu no Brasil a Rio + 20, uma nova cúpula da terra onde os 190 chefes de Estados representando os diversos povos se reuniram e fizeram o balanço do que ocorreu entre 1992 a 2012 de significativo para à sustentabilidade e ao desenvolvimento. Diante disso surgiu a discussão sobre como vai acontecer a governança global, ou seja, como as pessoas irão governar de acordo com a atual disponibilidade de recursos e de forma sustentável. Muito embora a sustentabilidade seja hoje o tema mais recorrente na sociedade tendo no ano de 2012 esse destaque no Brasil, apesar disso ela não é um conceito novo, há mais de 300 anos já se falava em sustentabilidade, sobretudo na Europa, quando percebeu-se que ela estava sendo devastada (BOFF, 2012).

A escassez dos elementos naturais água, petróleo, gás natural, madeira, as florestas dentre outros deixou os cientistas preocupados desde o início do anos 60 e os fez pensar outra forma de desenvolvimento que atendesse as necessidade humanas, conservando o capital natural, mas em garantia das futuras gerações. A nossa civilização é industrialista, consumista e extremamente injusta em termos da distribuição dos benefícios da natureza e da tecnologia, por isso não é sustentável (BOFF, 2012).

O desenvolvimento tem se construído as custas da natureza e exclusão social, mais de um terço da população mundial é deixada de fora do desenvolvimento. Mais de um terço da biodiversidade incluindo animais e planas já desapareceram o risco maior é de que a terra não suporte mais esse modelo insustentável de desenvolvimento. A espiritualidade como nova corrente sustentável guia as ações humanas no sentido de se preservar as relações homem e meio de tal maneira que o universo possa se manter como terra garantindo a vida e as condições de gerações posteriores.

O capital natural representado por Daly (1991, p. 18) é "o estoque que permite o fluxo de recursos naturais", porém a visão antropocêntrica tem impedido reconhecer a importância das outras formas de vida no planeta e do capital natural como forma de apoio à educação, política, cultura, economia e até mesmo a religião sustentáveis. A espiritualidade por meio das crenças e religiões permite dar sentido e continuidade à vida do ser humano.

Estabelecer relação com outros seres vivos exige na linguagem espiritual e religiosa conversão do ser humano e reflexão sobre as condições e padrões de vida extremamente impactantes sobre a biodiversidade. Trata-se de começar a plantar boas ideias inovadoras e promissoras que não estejam comprometidas com nenhuma forma de degradação socioambiental. O ser humano conduz o planeta ao caos porque consome cada vez mais energia, objetos, e bens naturais e mantém-se preso na ideia da terra ser apenas o repositório de recursos e energias.

A espiritualidade leva o ser humano a compreender que a terra é um superorganismo vivo em Lovelock (2006) chamado gaia, portanto, um sistema complexo resultante de todo um conjunto vivo constituinte em toda a biosfera, é uma concepção do todo do planeta e produto da interação da vida com as esferas inorgânicas e orgânicas. As atuais características físicas, químicas e biológicas da terra são resultado das interações ocorridas nela desde as primeiras formas de vida, por isso a espiritualidade consiste em uma visão mais sofisticada de contato entre o homem e a terra capaz de transgredir a teoria da interação das esferas de Humboldt (1950) e da história natural de Darwin (1882).

Para Boff (2012) a terra é a mãe de todo ser vivo, por isso ficou estabelecido pela Organização das Nações Unidas – ONU que o dia 22 de Abril de 2009 seria dedicado à terra e às ações e práticas sustentáveis, o ser humano deixa de ser visto como o principal elemento na natureza e passa a representar o conjunto, “não somente nós como seres vivos, mas, desde a bactéria ao ser humano, todos têm o mesmo código genético de base isto é, somos diferentes apenas pela combinação, formamos a mesma comunidade de vida (BOFF, 2012, p. 29).

Se a sustentabilidade representa o lado objetivo, ambiental, econômico e social da gestão dos bens naturais e de sua distribuição, o cuidado denota seu lado subjetivo, as atitudes, os valores éticos e espirituais que acompanham todo esse processo, sem os quais a própria sustentabilidade não se realiza adequadamente (BOFF, 2012, p. 21).

Assmann e Sung (2000), destacam o compromisso ético-ecológico como uma tentativa de reanimar a vida, reanima-la para o quem tem fome de comida, fome de conhecimento, fome de esperança e fome de fraternidade. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB também tem colocado a questão da sustentabilidade no cerne teológico

promovendo ações sustentáveis e menos degradantes, destacando a importância superação das desigualdades sociais como o princípio para tal.

A sustentabilidade por meio da espiritualidade só é possível se por meio da consciência e a responsabilidade universal cuidar da terra, “senão ela envelhece, adocece, e acaba morrendo” (BOFF, 2012, p. 58). A consciência planetária surge do cuidado e das boas ações que promovem a vida, caso contrário é um sistema de morte, deve-se “suspender os gastos bélicos; democratizar o uso do solo agrário e urbano, desenvolvendo fontes de energia não poluentes e renováveis; valorizar as iniciativas” populares e os movimentos sociais” (GOMES, 2004, p. 05).

As verdadeiras experiências concretas em sustentabilidade promovem a sobrevivência física, cultural e ambiental dos ecossistemas, em Boff (1999) no total convívio com as diferenças, no respeito com as culturas, os costumes, as crenças e religiões, a base da sociedade sustentável é absorver a mutualidade e inclusão social, é a responsabilidade pela vida.

Essa reponsabilidade deve ser construída Pelizzoli (1999) na sociedade a partir de pais, mestres da educação, chefes da nação e dos Estados pela superação de antigos paradigmas sociais, o ambiente escolar assim como universidade se tornam importantes e não devem isentarem-se do processo da formação cidadã que necessita como eixo central a construção da consciência ecológica no contexto local e global.

Chauí (2005, p. 12) enfatiza a necessidade de superação de velhos paradigmas científicos e a desmitificação das velhas ideias do progresso e do desenvolvimento, pois o conhecimento não se desenvolve ao mesmo tempo ou da mesma forma para todas as ciências além de que “a filosofia da ciência compreendeu que as concepções científicas e os ideais de cientificidade são diferentes e descontínuos”, considera-se que nenhuma ciência está mais evoluída do que outra, apenas suas concepções e campos de atuação se dão de forma diferentes.

Essa diferenciação agregada na concepção de Kuhn (1978, p. 17) compreende o paradigma como “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. Trata-se de uma constatação de crenças e valores e inclui refletir sobre a vida, a natureza e fortalece os elementos pelo sagrado Boff (1996) sagrado levando o ser humano a conflitar o seu mundo interior com o mundo exterior na busca por respostas para os atuais problemas socioambientais.

Na dimensão de Boff (1993), o meio ambiente assume transversalidade quando a sociedade passa a considerar as fontes da ética, dos princípios fundamentais, e ainda as ideais comuns para o meio ambiente, para ele os princípios éticos e morais devem ser como os sonhos

do próprio ser humano que embora não sejam todos alcançáveis são responsáveis por nortear o sonhador e pode-se aplicar ao desafio ecológico do século XXI. O bem comum e não o bem particular é a saída para à humanidade tendo em vista o cuidado com os ecossistemas, por isso a função do ser humano é realizar na terra as bases necessárias à felicidades humana, as condições necessárias a vida, como a educação, a saúde, alimentação, autoestima, auto realização etc., o bem comum não se restringe aos seres humanos, mas também as plantas e os animais.

A teoria da justa medida é a sabedoria existente entre o mais e o menos especialmente nas questões das tecnologias, na salvaguarda do processo do desenvolvimento; no quanto de intervenções pode ser feito no meio ambiente sem prejudicar a natureza, medir a força e o benefício dessa força. A justa medida faz com que os seres humanos saibam encontram o caminho do meio tendo na sustentabilidade necessária o uso do meio ambiente sem danificar o capital natural e priorize-se as necessidades das futuras gerações, por isso ela não deve se restringir apenas ao desenvolvimento, mas também do quanto se pode dar ao cidadão que vive na caatinga, por exemplo (BOFF, 2012).

Apenas vinte por cento da humanidade consomem os recursos e bens da natureza, por um lado poucos comem muitos e de outro muitos comem pouco ou nada assim sendo os sentimentos são a base para sociedade poder tratar humanamente todas as pessoas, por isso criar as condições para que todos possam consumir igualmente faz parte de uma revolução meramente humana. A sustentabilidade exige novos olhares e propõe encantamentos e lança o desafio de se pensar novas bases de gratidão para com o planeta tendo na superação dos estilos de vida degradantes o caminho para tal, interfere positivamente sobre os impactos ecológicos a partir da perspectiva dialógica, dinâmica e pericorética (BOFF, 2012).

CAPITULO II

**A SUSTENTABILIDADE CULTURAL E O DESENVOLVIMENTO DE JUAZEIRO
DO NORTE - CE**

CAPITULO II - A SUSTENTABILIDADE CULTURAL E O DESENVOLVIMENTO DE JUAZEIRO DO NORTE

O segundo capítulo desse estudo aborda a Cidade de Juazeiro do Norte – CE a partir da sua Sustentabilidade cultural e do seu Desenvolvimento social e econômico. A sustentabilidade cultural desta cidade é enfatizada pelo conjunto de lugares e espaços da cidade considerados sagrados que formam o conjunto de elementos indissociáveis à cultura, religiosidade e aos aspectos sociais da cidade santa.

Sendo assim, discute-se primeiramente o conceito de sustentabilidade e cultural justificando na cartografia da fé de Juazeiro do Norte a destacar as igrejas, museus, praças, e demais locais representantes da religiosidade. Em seguida, as romarias como alicerce importante de demanda de pessoas extremamente significantes na sustentabilidade cultural.

O desenvolvimento de Juazeiro do Norte é justificado pela sua sustentabilidade cultural que sinaliza os aspectos simbólicos, culturais, econômicos, políticos e sociais, por isso a cidade santuário é colocada em foco. Construiu-se o histórico de Juazeiro do Norte desde o pequeno povoado de Tabuleiro Grande perfazendo uma mescla da cidade com todos seus elementos para se discutir como ela mantém nos dias atuais aspectos culturais, históricos, religiosos e sociais.

Por ser uma cidade média, Juazeiro do Norte vive dias duais intensos, de um lado tem-se uma cidade crescente na indústria, comércio, bens e serviços, na construção civil etc. e de outro, a manutenção dos seus aspectos mais tradicionais pautados na religiosidade popular. Essa explicação encontra-se nessa forma de sustentar Juazeiro do Norte diante dos nossos impasses e exigências da globalização para os lugares e territórios considerados sacros.

São destaques desse capítulo o Turismo, as Romarias e a fé como elementos sintetizantes da sustentabilidade cultural e do desenvolvimento de Juazeiro do Norte, levando-se em consideração ainda reconhecer e considerar as diversidades de crenças, costumes, e tradições do povo Juazeirense. A sustentabilidade cultural se constitui como um elemento mais difícil e importantes na sustentabilidade de forma generalizada, pois se concretiza paralelamente na medida em que se ampliam novas formas de modernizações nos territórios.

Bancando novas reinterpretações para Juazeiro do Norte encontra-se nessa forma de sustenta-la os elementos mais expressivos do seu desenvolvimento em sintonia com a continuidade cultural vigente das romarias, turismo, espaços sagrados e práticas religiosas. Essas práticas não permitem que a cultura nem os aspectos ligados a ela terminem ou venham esgotar-se ao mesmo tempo em que propõem diálogos entre religiões no mesmo territórios.

2.1 A Sustentabilidade Cultural da Cidade Santuário Juazeiro do Norte - CE

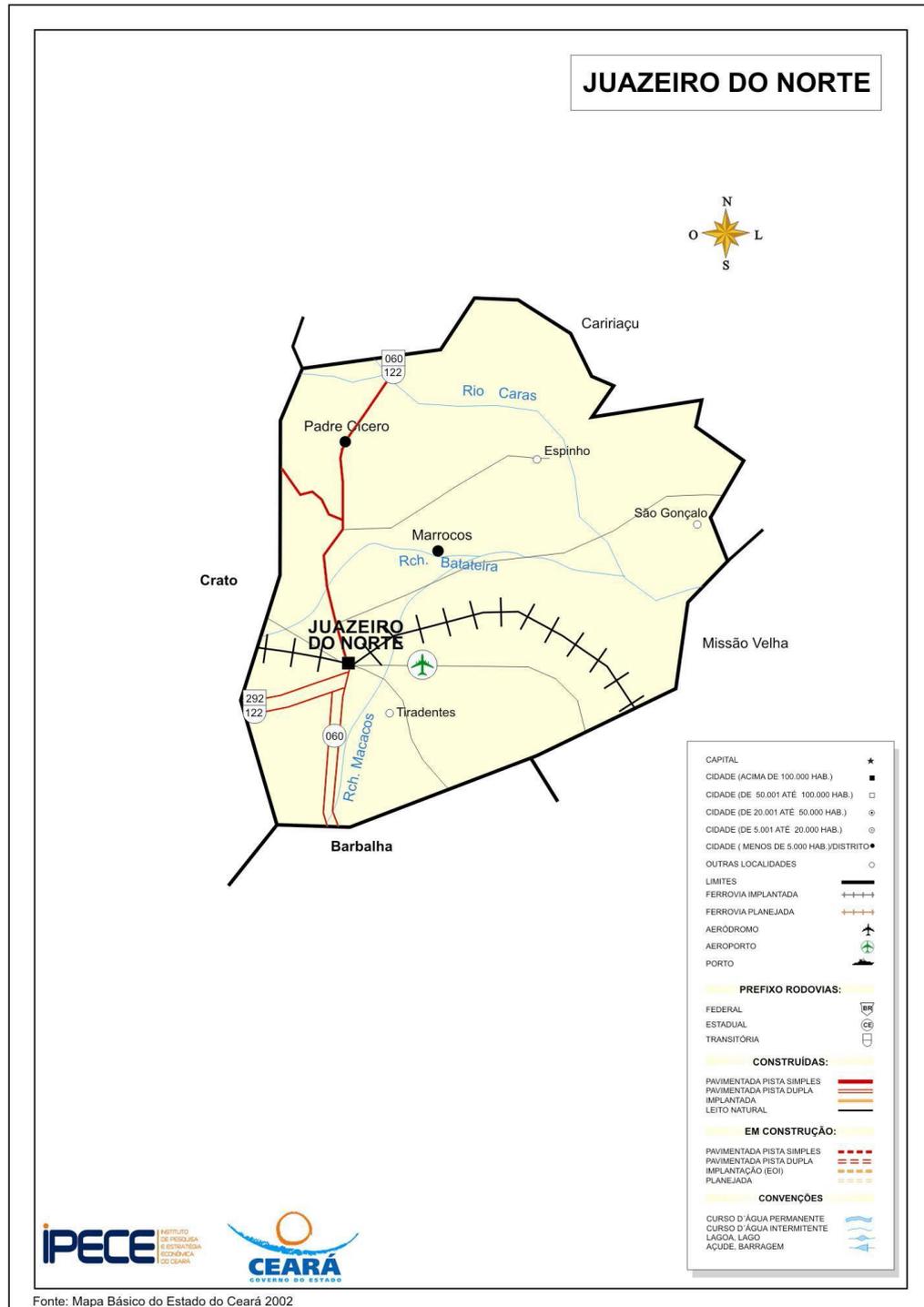
A Sustentabilidade cultural é um conceito que necessita ser discutido no âmbito acadêmico, político, cultural, econômico e social, pois demanda de modo geral conhecimento e aplicabilidade para sociedade, sobretudo, para guiar os novos caminhos do desenvolvimento sustentável. Infelizmente, há uma série de limitações nas discussões sobre sustentabilidade e uma delas é aceitar a cultura como elemento intrínseco às sociedades e reflexo do modo como elas vivem, a questão ambiental é também social e cultural, por isso é importante destacar a cultura como um dos elementos primordiais à sustentabilidade cultural.

Apoiando-se em Sachs (2008), compreende-se que a sustentabilidade é um conceito amplo e inacabado por isso abre caminhos para elementos como a economia, cultura e política. Esses elementos são necessários e interligam-se na conjuntura simbólica fortemente representada nos lugares que carregam como principal elemento a sacralidade e a fé. Dessa forma, Juazeiro do Norte é capaz de manter seus aspectos físicos pela materialidade das ruas, prédios, praças, pelo conjunto da sua configuração territorial e também pela imaterialidade representada pelo conjunto de práticas simbólicas, espirituais e religiosas, essa dualidade se manifesta na sustentabilidade cultural.

Juazeiro do Norte – CE (MAPA 01) está localizada na Região Metropolitana do Cariri – RMC, sancionada em 29 de Junho de 2009, pelo Governo Federal com o intuito de interligar os serviços ofertados entre ela e as demais cidades e encontra-se respectivamente a 396Km da capital Fortaleza, possuindo altitude média de 377,3 metros, e localizando-se sobre as coordenadas geográficas 7° 12' 47" de latitude Sul e 39° 18' 55" de longitude Oeste de Greenwich (IPECE, 2011).

Conforme Araújo (2005) a economia de Juazeiro do Norte se consolidou pela cultura regional, comercialização dos bens simbólicos, pela concepção de desenvolvimento difundida por Padre Cicero que permitem transitoriedade entre o material e imaterial da cidade e pela emergência cultural dos indivíduos que reconstroem nos dias atuais o solo urbano de Juazeiro do Norte. Segundo Laraia (2001) a cultura, como conceito antropológico é o principal elemento de uma sociedade e se apropria dos costumes, das crenças e dos modos de vidas para recriar os espaços e torna-los loci das representações simbólicas, das práticas e manifestações sociais e do comportamento humano, por isso se manifesta também como uma ferramenta que sustenta sociedades.

MAPA 01 – Mapa de Localização de Juazeiro do Norte – CE.



Fonte: IPECE (2009).

A dimensão cultural de Juazeiro do Norte emana do contexto histórico, religioso e social do século XIX tendo raízes na história do pequeno povoado ainda pertencente a fazenda de Brigadeiro Leandro Bezerra de Meneses, mais conhecido por Tabuleiro Grande. O nome do povoado foi dado em virtude da existência de três árvores frondosas de juá, cientificamente

Para Barros (1988), a chegada de Padre Cicero ao povoado foi o fator determinante para o seu desenvolvimento, as ruas ia aumentando, a vila se expandia e o fato de o padre andar entre os mais pobres sinalizava que no povoado não haviam apenas duas ruas com importância, os arredores foram ganhando notoriedade e com isso o povoado ia se expandindo, pelo trabalho do padre que costumava fazer visitas nas casas, orientar o trabalho e incentivar a oração, fé e trabalho entre os mais necessitados.

O cenário do povoado até então era extremamente desolador, a seca, a peste, a fome e a miséria deixaram os agricultores em situação de penúria, por isso o padre via na oração e no trabalho uma forma de acolher essas pessoas. Aos poucos o povoado ia atraindo mais pessoas em busca dos conselhos do padre e pela forma como ele sabia lidar com a situação social da qual não se restringia apenas no povoado, pois se tratava do cenário nacional do meio rural do século XIX.

A dimensão cultural de Juazeiro do Norte nasce antes mesmo dos fenômenos da Hóstia acontecidos com a Beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, mais conhecida por Maria de Araújo. O povoado recebia pessoas diariamente em situações de extrema pobreza que ali fixavam morada por incentivo de Padre Cicero em buscar lutar por dias melhores no sertão. Após o milagre da hóstia do dia 01 de Março de 1889, repetido dezenas de vezes na capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, o arraial se torna o maior centro atrativo de romeiros da região.

Considera-se que Juazeiro do Norte se tornou uma hierópolis, ou seja, uma cidade que possui uma ordem espiritual predominante, após os fenômenos da hóstia que marcaram as práticas religiosas e de peregrinações dando sentido maior ao contexto das romarias e evidentemente o sentido de lugar sagrado. A dimensão cultural e religiosa da cidade fizeram dela a Meca do Sertão, “a terra santa e prometida, a terra da mãe de Deus” (BARROS, 1988, p. 34).

Os fenômenos da hóstia foram decisórios para demarcar as funções de Joazeiro dentro do panorama regional do século XIX, embora antes disso o povoado já recebesse grande contingente de pessoas, somente após os ocorridos é que ficaram demarcados indiretamente a função e o poder religioso do povoado. A primeira procissão dedicada a Nossa Senhora das Candeias, no mês de Fevereiro ficou registrada como o marco de tantas outras posteriores, o padre costumava aconselhar os trabalhadores a aproveitarem esses momentos para conseguir emprego e renda, foi sua a ideia de se levar velas para a procissão das Candeias, pois um amigo seu, vendia velas e candeeiros e a pedido seu vendeu durante a procissão (CAVA, 2014).

Mesmo tendo Padre Cicero sofrido fortes perseguições eclesiásticas após ser acusado de embusteiro, nas ruas o povo e a multidão de romeiros festejavam os milagres acontecidos em Joazeiro, esse foi o momento ideal para o surgimento da comercialização dos bens simbólicos em torno da imagem do padre. Viu-se o auge de dois fatos extremos em Joazeiro, de um lado estabeleceu-se o conflito direto entre a Igreja Católica Apostólica Romana e o catolicismo as avessas e de outro, o crescimento da economia em fator do aumento da comercialização dos produtos, dos bens simbólicos em um período extremamente conflituoso e não obstante, perigoso.

Independentemente do final que resultasse entre o padre e a igreja, do lado de fora do conflito, os devotos haviam escolhido Padre Cicero como santo oficial pelas leis do catolicismo popular. A preocupação do padre era reaver suas ordens sacerdotais, por isso foi a Roma tentar reverter a situação enquanto o:

Padre Cícero estava em Roma, o bispo do Crato formou uma Comissão para estudar os fatos de Juazeiro, proibindo o Padre Cícero de pregar o milagre em público e exigindo que ele negasse a ocorrência do milagre em Joazeiro. A comissão decidiu confirmar a existência de fatos extraordinários no Joazeiro, mas o bispo se negou a reconhecer o resultado (ARAÚJO, 2005, p. 49).

A proibição da comercialização e dos assuntos sobre os fatos ocorridos em Joazeiro não impediu que se reverenciassem ainda mais o padre e a beata Maria de Araújo, pelo contrário difundiu-se ainda mais a ideia de desenvolvimento a partir da comercialização de objetos referenciados nas imagens de ambos. Conforme Araújo (op. cit 2005) o culto ao Padre Cícero atrai as romarias à cidade até os dias atuais e esse contingente de pessoas que oram e consomem, incrementam a economia, sobretudo, para o comercio, setor mais dinâmico da cidade.

Essa dinamicidade acarreta cerca de 70% do PIB local de diferentes estabelecimentos comerciais que utilizam o nome ou a estátua de Padre Cicero, a exemplo das empresas de turismo, hotéis, pousadas, ranchos, casas de famílias, lojas de roupas, artesanatos dentre outros, papelarias, salões de beleza, farmácias etc. Culturalmente, Juazeiro do Norte abrange duas formas de comercio, uma formal demarcado pelo conjunto de lojas e o informal, pelo conjunto de barracas, pequenas vendas nas calçadas, ou seja pelo comercialização de produtos duráveis, duráveis e simbólicos.

Hoje, o desenvolvimento econômico, social, político e antropológico de Juazeiro do Norte se explica em virtude da cidade se sustentar culturalmente e poder buscar nas suas raízes históricas o sentido da vida comum e do contexto contemporâneo do município. A surgência de novas características inerentes do atual contexto social e religioso se manifesta diante de

novas representações e práticas religiosas e se materializam pelo catolicismo popular nas romarias, por isso nem sempre é fácil abstrair o conteúdo cultural por meio da sustentabilidade cultural de Juazeiro do Norte.

Cidades como Juazeiro do Norte costumam manter seu dinamismo e crescimento econômico acelerados, pois são reconstruídos no elemento da presença dos indivíduos com o lugar. Esse elemento é responsável pela manutenção do crescimento econômico primaziado no setor terciário e arramado na sustentabilidade cultural, em contra partida Juazeiro do Norte se torna também uma cidade segregacionista, pois polariza o poder aquisitivo e econômico, um reflexo de cidades média de todo o país (LENCIONE, 1999).

A sustentabilidade Cultural de Juazeiro do Norte diz respeito não apenas à cultura local da cidade em si, mas o poder que ela exerce culturalmente sobre as demais cidades da Região Metropolitana do Cariri – RMC e dentro dela pelo movimento das romarias e procissões. Esses movimentos no solo urbano são responsáveis e importantes para o surgimento de novas formas espaciais ao mesmo tempo em que se tem na manutenção de costumes, crenças e no modo de vida do cidadão Juazeirense a identidade e conservação da ideia do lugar.

Conforme Sachs (2008), a sustentabilidade cultural se referente às modificações, permanências e equilíbrio no respeito às tradições e a própria autonomia de cada lugar, Juazeiro do Norte insere autonomia nos espaços vividos pela fé e introduz neles à ideia de lugar a partir do mundo vivido e experienciado, por se tratar de uma cidade culturalmente construída pelo fator histórico-religioso é no dinamismo cultural que ela consegue manter suas tradições ao mesmo tempo em que vive as exigências da globalização.

A sustentabilidade cultural acarreta dualidade para Juazeiro do Norte, pois tem-se de um lado a previsão de novos padrões de vidas e comportamentos para os territórios, e de outro características como costumes e crenças tradicionais tentando dialogar sustentavelmente com a globalização no sentido de se impedir desequilíbrios culturais e sociais ou mesmo aniquilações das tradições e da autonomia do lugar sagrado.

Ela perpassa pela valorização da diversidade cultural onde culturas diferentes possam conversar e dialogar com todos os elementos circundantes na paisagem, seja ela urbana ou rural. Esses são os caminhos para o desenvolvimento sustentável fortemente elencado em Zaoual (2006) levando-se em consideração a importância dos sítios simbólicos desafiarem a supremacia dos regressos padrões de desenvolvimento clássicos, pautados exclusivamente no crescimento econômico e sem ouvir as iniciativas locais.

Juazeiro do Norte se encontra culturalmente através dos diversos elementos da paisagem urbana onde prevalecem miscigenações de povos e culturas amarrados pela nova

consciência sustentável demonstrada nos elementos culturais desta cidade. Têm-se nas práticas coletivas e individuais e também nas forças ocultas e religiosa o sinal da espiritualidade e que faz a cidade ser uma representação material e imaterial, Juazeiro do Norte é uma cidade culturalmente e religiosamente sustentável.

Ao compreender a economia pós-global e os riscos dela para a sustentabilidade a partir dos territórios, Zaoual (2006) é categórico e conclui que nela os elementos incluindo nos territórios, bem como as manifestações culturais e práticas religiosas, são todos passivos de sofrerem interferências nocivas pelos ditames da globalização. As ditaduras econômicas globais preveem a aniquilação das identidades locais dos territórios através de aniquilações ou criação de choques culturais entre povos e culturas.

Apesar disso, Juazeiro do Norte mantém sua cultura fortalecida porque ela emana da religiosidade, um elemento constantemente renovável pelas romarias e procissões, se por um lado a chegada da globalização em Juazeiro do Norte possibilitou ao cidadão Juazeirense interação direta com outros modos de vida, crenças e culturas, por outro, não impediu a manutenção das tradições ou a sobrevivência de costumes e crenças antigas, assim como também da inserção de antigos elementos e práticas (FIGURA 01) na paisagem urbana.

FIGURA 01 – Cruzamento das Ruas Padre Cícero e Rua da Matriz – Inserção de elementos na paisagem de Juazeiro do Norte.



Fonte: A autora (2016)

A sustentabilidade cultural assume importância nas dimensões do desenvolvimento sustentável a partir da interpretação lugares e das perspectivas de cada sítio segundo Zaoual (2006), isso acontece porque a cultura se tornou um elemento que conduz à qualidade de vida de sociedades e apresenta indicadores de sustentabilidade, desenvolvimento e economia além de que sugere refletir nela mesma a importância do capital natural para os lugares e para o desenvolvimento regional sustentável. A cultura, a religiosidade e economia são importantes para dar identidade a Juazeiro do Norte e resgatar a partir dos grupos de indivíduos as bases do desenvolvimento sustentável pensadas na ética de Boff (2012), nas pertencas dos indivíduos para com o lugar da necessidade de se criar em Juazeiro do Norte um elemento sagrado.

2.2 A Expressão Cultural Viva de Juazeiro do Norte – CE: O Horto

A expressão cultural da Cidade de Juazeiro do Norte – CE é marcada pelas dimensões do Sagrado e do Profano que, Segundo Rosendahl (2009) acontece da seguinte forma, primeiro a dimensão do sagrado se releva através da hierofania, ou seja, pela manifestação do sagrado em um dado espaço e, em seguida esse mesmo sagrado pode se revelar ao mesmo tempo e também, no profano no cotidiano comum.

Juazeiro do Norte é demarcada pela sustentabilidade cultural que amarrada na religiosidade e na economia cria elementos na paisagem capazes de expressar a materialidade do lugar bem como prédios, ruas, praças e lojas assim como também, a imaterialidade do lugar representada por signos e significados. Araújo (2005) considerou importante destacar Juazeiro do Norte como a cidade de convergências de fiéis em que a cultura e identidade tornaram-se importantes na construção do cenário de projeção nacional e internacional de Juazeiro do Norte.

Essa convergência de fiéis também desempenha outros papéis, ela tece a Cultura pelos seus particularismos ao mesmo tempo em que se usa dos elementos da globalização de forma espontânea e bem vindos nos tempos atuais, em virtude disso Juazeiro do Norte se tornou a preocupação de diversos pesquisadores, pois existe uma “preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro” (SANTOS, 2006, p. 07).

O Monumento do Horto se tornou a maior representação do espaço físico e simbólico de Juazeiro do Norte sobretudo, no período das romarias, “a estátua do Padre Cicero, com 27 metros de altura, no alto da colina do Horto e o Museu Vivo reproduzem cenas do cotidiano do Padre”, ela foi inaugurada em primeiro de novembro de 1969 pelo então prefeito Mauro Sampaio e tornou-se o centro das práticas religiosas e devocionais e o maior espaço de

manifestação pública religiosa, nos moldes da cultura e do catolicismo popular (CORDEIRO, 2010, p. 83).

Pinho (2002, p. 75) destaca que para os devotos o Horto representa “um paraíso encantado onde um dia, quando o mundo for novamente destruído pela água, somente aqueles que forem escolhidos para morar no Horto serão salvos”. A representação da divindade se configura na ligação entre os romeiros com a estátua e com o Museu Vivo, é muito comum realizarem-se missas campais no Horto, onde se montam palcos, distribuem-se cadeiras e flores para os romeiros que veem com a família e ali se acomodam por onde encontram sombra. Constitui-se o imaginário religioso representado pela seguinte fala:

Todos os anos eu venho à Juazeiro do Norte, seja dia, seja noite eu venho. Se der para eu vir no início do ano eu venho, se não der, deixo para o final do ano, mas venho. Sem nenhum dinheiro, mas venho. Eu sempre trago minhas filhas, meus sobrinhos e meus netos, dessa vez só deu para trazer esse menor de dez anos, porque viemos de carona de Alagoas. Estou há dois dias em Juazeiro do Norte e se você me perguntar se vale à pena, eu lhe respondo com muita humildade e de coração aberto que sim. Eu venho só para ficar aqui admirando meu “Padim Padre Cícero” aqui no Horto, passo horas e mais horas até o sol esquentar e eu não aguentar mais. Eu sempre assisto as missas campais, agradeço as minhas graças e as de minha família alcançadas no Padim, eu arrisco o dia que for, a noite, só para estar aqui no horto e olhar esse povo igual a mim, cheio de graça, fé e carinho do meu “Padim Cicho”. (Depoimento de uma Entrevistada).

Durante a semana santa no calendário católico apostólico romano faz-se a tradicional caminhada de subida à colina do horto, este momento é para o romeiro um preparo para participar a Via Sacra em Juazeiro do Norte. A primeira estação da Via Sacra encontra-se ao lado da ponte do Rio Salgado e representa o flagelo em que Jesus é preso e entregue às autoridades romanas. A segunda estação representa ao momento em que a cruz é entregue a Jesus para que ele a carregue representando ser seu pecado.

Na Rua do Horto encontra-se muitas pessoas rezando e perfazendo o caminho da Via Sacra até a chegada da estátua do Padre Cícero, enquanto há outros grupos de jovens e adolescentes levando o conteúdo apenas para o lúdico e pela curiosidade de se conhecer o Horto. Existe uma linha muito tênue e singular entre o profano e o sagrado como ressalta Rosendahl (2009) capaz de tornar ambos necessários aos lugares sacros, enquanto os mais novos se divertem no percurso os mais velhos não sentem-se incomodados, continuam rezando e fazendo penitências durante a Via Sacra até chegarem à estátua do Horto, onde outros os esperam para o momento mais aguardado, a missa campal (FIGURA 02).

FIGURA 02 – Missa Campal no Horto/Juazeiro do Norte - CE

Fonte: A autora (2016)

Existe ainda, na subida do Horto e guardada em uma pequeno rancho de palha uma pedra esculpida naturalmente em que os romeiros acreditam ser os joelhos de Nossa Senhora, cria-se filas para ajoelhar-se, deitar-se e rezar sobre a pedra localizada a mais ou menos trinta metros da estátua do Padre Cícero, na Rua do Horto. Outros espaços sagrados também fazem parte do imaginário religioso do Horto como o Santo Sepulcro, local onde Padre Cícero costumava se retirar para descansar assemelhado ao Monte das Oliveiras.

Atualmente, o Horto não é apenas um espaço espiritual onde se prepara e realiza-se missas campais, mas também um espaço dedicado à cultura e manifestações culturais assim como também para adesão a campanhas sociais e de saúde pública. O monumento símbolo da fé e religiosidade de Juazeiro do Norte recebe iluminação diferenciada durante os meses em que adere a diversas campanhas, a vermelha, por exemplo representa a luta contra a AIDS, enfermidade que mata milhares de pessoas todos os anos.

Nos meses de Outubro e Novembro, o Monumento recebe iluminação Rosa e Azul, referentes as campanhas realizadas anualmente contra o câncer de mama e de próstata. Para os romeiros trata-se da forma como Juazeiro do Norte respeita, cuida e alerta o povo Juazeirense porque quando visto pelas pessoas nos Bairros como o Centro e Socorro, por exemplo, não há

como o cidadão não se lembrar para que serve essa iluminação diferenciada, a campanha e como deve se prevenir.

Com o intuito de integrar as comunidades próximas ao Horto, como a comunidade Betânia, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SMMAm tem promovido ações de incentivo à cultura, lazer e preservação do meio ambiente devido a colina do Horto também está inserida entre os Geossítios do Cariri Cearense pelo Geopark Araripe. Para Araújo (2005, p. 137):

A teatralidade da Rua do Horto sintetiza a teatralidade da fé: são casas devotadas ao Padre Cícero, as rezadeiras da Rua do Horto e a rota de promessas - quatro km percorridos a pé pelos romeiros para o pagamento de promessas. Muitos devotos levam cruz nas costas, sobem as escadarias do Horto de joelhos como símbolo de penitência. A devoção penitencial é uma 138 prática sagrada difundida no Cariri cearense pelo Padre Ibiapina, missionário do sertão, antecessor do Padre Cícero.

O Horto assume o lugar de fazer pedidos e agradecer a graça alcançada como o principal componente dos valores religiosos de Juazeiro do Norte, conforme destaca Rosendahl (2009) ao realizar a promessa o devoto estabelece uma ligação muito forte com o lugar, ele agora se considera que possui uma dívida para com o lugar e por isso precisa realizar anualmente os mesmos sacrifícios. “Imbuídos de signos e símbolos, os lugares sagrados atraem os iguais, através da identificação. Os símbolos estão presentes nos espaços sagrados, passando os mesmos a serem considerados espaços simbólicos” (ARAÚJO, 2005, p. 142).

2.3 A Cartografia da Fé em Juazeiro do Norte: Identificação dos Espaços Sagrados

Segundo Rosendahl (2003) cabe ao geógrafo da religião interpretar os lugares religiosos, seus sucessivos arranjos espaciais diante das constantes mudanças ocorridas na paisagem urbana oriundas das demandas de pessoas que impõe novas práticas na demanda por bens relativos à salvação. Assim sendo, é possível conhecer a cartografia da fé de Juazeiro do Norte a partir dos espaços sagrados levando-se em consideração as modificações concretas e imaginárias do cotidiano, do vai e vem das pessoas que moram na cidade e das que vão para em época de romarias.

Para Rosendahl (2002) é importante considerar os pontos fixos de uma cidade sagrada, pois o conceito de lugar sagrado nasce da identificação e significado cultural de indivíduos ou grupos religiosos no lugar, essa comunidade religiosa ao vivenciar o lugar a partir da sua relação com o sagrado cria e constitui os pontos fixos na cidade no sentido de encontrar com suas lembranças e experiências de fés.

Os pontos fixos de Rosendahl (2002) se identificam em Juazeiro do Norte pelo conjunto de espaços sagrados representados pelos santuários, Museus, os espaços simbólicos onde estão os objetos pertencentes ao Padre Cícero, o Horto, os ranchos, as pousadas, barracas de comercializações de bens simbólicos dentre outros. A primeira capela criada quando Juazeiro era ainda um pequeno povoado foi a capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, onde aconteceu pela primeira vez o Milagre da Hóstia no dia 1 de Março de 1889 com Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo (FIGURA 03).

FIGURA 03 - Matriz Nossa Senhora das Dores, Cidade de Juazeiro do Norte – CE



Fonte: A autora (2015)

A capela fora instalada em 15 de Setembro de 1827, mas somente em 1887 é que fora reconstruída por Padre Cícero Romão Batista, hoje ela representa o conjunto de regras e significados com os grupos envolvidos nas práticas religiosas. Conforme Edwiges (2006) a reconstrução da capela atesta o poder da fé e da fé na Igreja Católica Apostólica Romana e o admirável papel do Padre Cícero em reconstruí-la no auge do catolicismo popular, tratou-se de construir um templo vasto e arquitetônico em tempos considerados anormais para um povoado assolado pela seca, fome, miséria e peste.

Oromeiro, ao chegar à Juazeiro do Norte reconhece na Igreja das Dores o conjunto de forças simbólicas responsáveis pela manutenção da construção do sagrado e, conseqüentemente

na manutenção da sustentabilidade cultural na cidade pela qual ele se vê como processo. A lógica dos espaços sagrados é tornarem-se particulares e causarem emoções, por isso quando chegam à Juazeiro do Norte os visitantes buscam a bênção do Padre Cícero na Igreja das Dores, geralmente no início ao dia 15 do mês de setembro, período em que acontece a romaria de Nossa Senhora das Dores, padroeira do município.

A igreja de Nossa Senhora das Dores se tornou Basílica menor devido sua importância religiosa e pela necessidade de se diminuir diferenças religiosas entre a fé popular e eclesial conforme explica Santos (2010). A basílica possui uma sala especialmente construída para informar os romeiros durante as romarias e funciona em equipe que se dividem entre irmãs e voluntários a fim de se coletar dados durante as romarias. Essas informações são importantes porque servem para construir o perfil do romeiro de cada romaria (SANTOS, 2010).

Na Basílica, os romeiros podem marcar celebrações de missas, batizados, podem participar da festa religiosa dedicada a Nossa Senhora das Dores, benzer seus santos para levá-los para casa abençoados, podem e fazem parte da construção religiosa e simbólica e dos gestos de fé dedicados ao santo da casa Padre Cícero. A dimensão espacial do sagrado se assume pelas formas e funções, por isso Juazeiro do Norte é considerada a hierópolis, uma cidade santuário onde a religião é predominante (ROSENDAHL, 2002).

A igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro está localizada no Largo do Socorro da Cidade de Juazeiro do Norte e é outro ponto fixo importante na composição da cartografia da fé no município. Dr. Floro Bartolomeu foi responsável por intervir diretamente na construção da igreja em 1908 já que o pedido havia sido negado por Dom Joaquim, afirmando ele que em Juazeiro do Norte não deveria ser construído um novo templo sob as bênçãos de Padre Cícero (SANTOS, 2010).

Nesta igreja encontra-se no altar o túmulo de Padre Cícero, do lado o cemitério onde localiza-se vários túmulos de pessoas influentes na história de Juazeiro do Norte. Tendo-se uma visão mais ampla no largo do Socorro, encontra-se ainda a Casa dos Milagres, onde os romeiros costumam deixar seus ex-votos, objetos de cera, madeira, metal, prata, papel etc em forma de membros do corpo humano, cabeça, braços, pernas; em agradecimentos às graças alcançadas por cura de alguma enfermidade.

Padre Cícero fora homenageado e em comemoração aos 70 anos de sua morte teve uma estátua construída na década de 1930 em frente à capela do Socorro contendo um relógio e iluminação ornamentada. O largo do Socorro (FIGURA 04) recebe muita visita durante o ano inteiro e por isso esses pontos localizados neles são parte da composição mais importante do Bairro Socorro. Geralmente acontecem as missas às 6:00h e às 18:00h em

sufrágio da alma de Padre Cícero referente ao dia 20 de cada mês, nesses dias o largo fica repleto de romeiros que trajam vestes pretas, em sinal de respeito ao Padre Cícero que em vida deixou o romeiro confiante nas suas palavras: *“No céu rogarei a Nossa Senhora por vocês todos”*.

FIGURA 04 – Largo do Socorro onde se Localizam a Igreja do Socorro, o Cemitério, a Casa dos Milagres, a Estátua e o Relógio em Homenagem ao Padre Cícero e o Memorial do Padre Cícero.



Fonte: A autora (2016)

O Memorial Padre Cícero inaugurado 22 de Julho de 1988 também encontra-se no Largo do Socorro em Juazeiro do Norte e destina-se a preservar todo o acervo cultural da cidade pertencente a Padre Cícero em vida. De acordo com a Secretaria de Turismo e Romaria da cidade o Memoria recebe mais 53.000 visitantes por ano, constituintes por romeiros, turistas provenientes e outras regiões do país.

O local recebe ainda escolas das redes pública e privada de ensino do município além de muitos estudiosos e pesquisadores de todo o Nordeste, nele funciona um Salão de Convenções com cerca de 350 lugares, onde acontecem eventos regionais, localiza a Secretaria de Turismo e Romaria, criada em 2005, um salão de exposição, uma biblioteca recentemente reformada com grande acervo sobre a história de Juazeiro do Norte e vários monumentos

pertencentes ao Padre a exemplo de canhão da guerra de 1914 que falou durante a sedição de Juazeiro.

Assim como no espaço do Largo do Socorro, muitas outras igrejas e santuários de Juazeiro do Norte possuem um detalhe importante e comum em cidades santuários, como se percebe na imagem acima, poucas são as igrejas de Juazeiro do Norte que possuem uma praça central à frente da igreja. Elas costumam ser extremamente grande e extrapolam o lado de fora, na visão do romeiro dão a sensação de plenitude, o romeiro tem a sensação de se sentir abraçado pela cidade quando se estar do lado de fora da igreja, “a pessoa sente estar dentro, mesmo estando fora, o espaço destinado para o público se torna maior e as pessoas podem ficar à vontade, Padre Cícero há muito tempo já entendia que a Igreja não acaba da porta para fora” (MARIA, 68, 2016).

O santuário de São Francisco das Chagas (FIGURA 05) localiza-se no Bairro Franciscanos e foi construído em fevereiro de 1952 sendo terminado apenas em 1956, possui uma torre de cinquenta metros com oito sinos, é cercada por várias colunas onde formam o famoso “*passeio das almas*” (SANTOS, 2010). Muitos ônibus, vans e paus de arara costumam dar três voltas em torno do monumento da estátua de bronze de São Francisco logo que chegam a Juazeiro do Norte.

FIGURA 05 – Santuário de São Francisco das Chagas, Cidade de Juazeiro do Norte – CE



Fonte: A autora (2015)

Logo ao lado, residem no convento muitos frades e seminaristas capuchinhos que recebem muitas visitas, sobretudo, nas quartas feiras à noite, trata-se de um ritual considerado sagrado criado por Frei Damião de Bozzano representado pela “*hora da Graça*” e repetido durante as romarias, em especial na de finados quando a demanda de romeiros costuma aumentar.

O santuário dos franciscanos recebe a tradição do romeiro que se ajoelha diante dos santos e os reverenciam devotamente, eles fazem isso por diversas horas independentemente do horário e das condições do tempo, acendem velas, fazem o sinal da cruz diversas vezes com água benta, repetem o “*passeio das almas*” todos os dias, arroteiam o monumento da estátua de São Francisco. Ao se despedirem de Juazeiro do Norte e estando eles hospedados nas acomodações do Santuário dos Franciscanos, os romeiros agradecem as bênçãos alcançadas repetido tudo o quanto haviam feito desde o dia em que chegaram na Cidade.

Outro santuário importante para o romeiro e para o turista em Juazeiro do Norte é Sagrado Coração de Jesus (FIGURA 06), localizado no Bairro Salesianos, a igreja pertence à ordem dos padres Salesianos que se instalaram na cidade por volta de 1939. A igreja objetivou-se cuidar e ajudar os pobres e busca seguir os princípios preventivos de Dom Bosco, sobretudo para a formação cidadã pautada nos princípios da ética, moral e honestidade e foi construída em 1949.

A igreja possui formato de cruz e a imagem do Senhor Morto, vinda de Portugal e doada aos padres salesianos por Padre Cicero, ele está inserido na cartografia da fé do romeiro, sendo portanto, um dos pontos que também recebe muita visitação durante todo o ano. Oferece vários pontos turísticos dentro da própria igreja, devido a ornamentação em que fora projetada; como se tratava de um sonho antigo do Padre Cicero, a igreja foi construída em cimento e ganhou características arquitetônicas a partir da maquete trazida de Roma pelo padre que deixou-a como herança para à congregação salesiana.

O santuário se tornou um dos principais cartões postais de Juazeiro do Norte devido a sua infraestrutura, por isso é bastante procurada para a realização de missas, batizados e casamentos. O santuário consta de um espaço extremamente amplo, e bancos espaçosos, a ornamentação do teto fora feita de modo que o ar circule melhor e a deixe sempre ventilada. Mesmo não existindo muito espaço do lado de fora do santuário como nos outros santuários da cidade, em épocas de romarias ele fica cercado por ônibus e carroças.

Por esse motivo a secretaria de turismo e de transportes procuraram organizar o trânsito durante as romarias para que as pessoas possam se deslocar normalmente de uma rua

para a outra sem que isso fique restrito para o romeiro e o turista. Como a demanda de pessoas é esperada, os organizadores se preparam semanas antes, pois a igreja não comporta a quantidade de pessoas que deseja assistir as missas durante a romaria. A solução surge do lado de fora da igreja, onde coloca-se cadeiras, bancos de madeiras e de plásticos, para os mais velhos sentarem. Os jovens e mesmo as crianças permanecem de pés ou ficam brincando pelos entornos da igreja esperando no final das missas, os parentes e familiares.

FIGURA 06 – Santuário do Sagrado Coração de Jesus, Cidade de Juazeiro do Norte – CE



Fonte: A autora (2015)

Além dos santuários existem outros pontos fixos importantes na cartografia da fé em Juazeiro do Norte, juntos eles compõem espaços sacros que embora não se realizem missas são importantes porque guardam objetos e bens simbólicos pertencentes a Padre Cícero enquanto vivo e hoje recebem uma grande quantidade dos romeiros, os ex-votos, por exemplo.

Esses locais são representados por exemplo, pela Casa Museu do Padre Cícero, na Rua São José, Bairro Centro (FIGURA 07), o Museu recebe muita visita de romeiros, turistas e pesquisadores de vários estados tanto do Nordeste quanto de outras regiões do país. Este Museu foi a última moradia do Padre Cícero, lá ele faleceu aos 90 anos de idade, no dia 20 de Julho de 1934. Nele são encontrados muitos objetos, dentre eles a cama em que o padre dormia quando

criança, seus óculos, os livros que leu durante toda a sua vida, suas batinas, seu chapéu, além de uma enorme quantidade de objetos que chegam diariamente para ficar lá por méritos de graças alcançadas no Padre Cícero.

FIGURA 07 – Casa Museu do Padre Cícero, Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Diário do Nordeste, 2015.

Na casa Museu do Padre Cícero encontra-se animais como uma cobra sucuri, pássaros, e uma maquete da Igreja que começou a ser construída por Padre Cícero na serra do Horto e ainda hoje encontra-se inacabada. O Museu possui também uma sala dedicada aos ex-votos, onde os romeiros depositam seus objetos, como réplicas de santos e de partes do corpo. Segundo a Secretaria de Turismo e Romarias o Museu recebe mais de 50.000 pessoas por ano, este número tende a aumentar nos períodos de romarias.

O monumento do Horto (FIGURA 08), já mencionado acima, encontra-se na serra do Horto, ou denominada serra do Catolé, geomorfologicamente trata-se de uma elevação de granito esculpida pela criação da Rua principal denominada de Rua do Horto, nela encontra-se diversas casas, todas elas construídas a pedido de Padre Cícero. Aos pés da Estátua encontra-se a Casa Grande, O Museu, a Igreja e a Estátua de Padre Cícero medindo 27 metros de altura.

Para Corrêa (2004, p. 179) o monumento vai além de um objeto estético, nele está inserido sentido político, abriga valores, linguagens e práticas “as instituições religiosas, ao construírem seus templos e outras formas simbólicas, materializam o local do culto e exibem o poder da instituição ao comunicar a mensagem religiosa proclamada, que une e identifica a comunidade de seus fiéis”.

A serra do Horto possui uma ligação muito forte ao Padre Cícero devido a suas retiradas espirituais e costumeiras, para os romeiros subir o Horto é chegar mais perto do “*Padim Cicho*”, eles sobem e olham lá do alto a Cidade de Juazeiro do Norte e se recordam das suas primeiras viagens à Cidade, a música de Luiz Gonzaga, grande interprete do sertão nordestino retrata essa passagem “Olha lá no alto do horto, ele está vivo, o padre não tá morto”.

Em Juazeiro, os lugares sagrados remetem o devoto a uma temporalidade passada, a uma nostalgia, ao desejo de ver, dialogar e ser abençoado pelo Padre Cícero. As práticas dos devotos procuram observar os preceitos do Padre Cícero, anunciados no século XIX e adotados até os dias atuais. As ações implementadas por diferentes atores simbolizam reverência ao patriarca da cidade, tentativa de reprodução ou atualização da ação do Padre Cícero a Roma e a viagem simbólica dos romeiros a Roma para defender o Padre Cícero (ARAÚJO, 2005, p. 144).

Por serem considerados modeladores do espaço de Juazeiro do Norte, os romeiros inserem as crenças e os valores, o sagrado e o profano, principalmente pelo fluxo de mercadorias circulando nos espaços públicos da cidade durante as romarias. Nos entornos do Horto há inúmeras barracas, lojas de artesanatos e de bens simbólicos que para Araújo (2005, p. 104) “estão relacionados ao consumo cultural e projetam uma relação de identidade entre os seus usuários, distinguindo-os dos demais, trata-se do poder do signo enquanto distinção social, em que os objetos são apropriados a partir de uma lógica social, a de pertença”.

Assim sendo, o Horto se torna o principal lugar do romeiro, onde ele escolheu para praticar sua fé e se relacionar diretamente com Padre Cícero, lhe pedir conzelhos e graças. É um lugar de penitencia e devoção, onde o profano e o sagrado se tornam importantes e se imbricam na religiosidade popular, ele reflete a dimensão de mundo vivido, do cotidiano e das práticas sociais e religiosas de Juazeiro do Norte a partir da ideia que se faz do lugar.

Para o romeiro, a dimensão de lugar sagrado vai além do ponto fixo retratado em Rosendahl (2002), mas é nele que ela passa se estabelecer. A materialidade é necessária porque revela a noção de intencionalidade existente nos lugares sagrados, a efetividade, os sentimentos, os desejos e as emoções, são parte da composição da ideia de pertencimento. A questão maior está relacionada a necessidade humana de criar símbolos e significados e para eles dar identidades.

A identidade de Juazeiro do Norte criada a partir do surgimento dos templos religiosos como as igrejas, santuários, Museus e o próprio Horto, se dar pela representação socioreligiosa delas para o romeiro, para o turista e para o cidadão Juazeirense, assim sendo, o lugar tende a se valorizar pela cultura dada em espaço sagrado. Ele “pode ser definido como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para o meio distinto daquele no qual transcorre sua existência” (ROSENDAHL, 2002, p. 48).

FIGURA 08 – Rua do Horto, subida para à Estátua do Padre Cicero Romão Batista, Juazeiro do Norte – CE



Fonte: A autora (2015)

Para o romeiro, a dimensão de lugar sagrado vai além do ponto fixo retratado em Rosendahl (2002), mas é nele que ela passa a se estabelecer. A materialidade é necessária porque revela a noção de intencionalidade existente nos lugares sagrados, a efetividade, os sentimentos, os desejos e as emoções, são parte da composição da ideia de pertencimento. A questão maior está relacionada a necessidade humana de criar símbolos e significados e para eles dar identidades.

A identidade de Juazeiro do Norte criada a partir do surgimento dos templos religiosos como as igrejas, santuários, Museus e o próprio Horto, se dar pela representação socioreligiosa delas para o romeiro, para o turista e para o cidadão Juazeirense, assim sendo, o lugar tende a se valorizar pela cultura dada em espaço sagrado. Ele “pode ser definido como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para o meio distinto daquele no qual transcorre sua existência” (ROSENDAHL, 2002, p. 48).

Os principais bairros que concentram a identidade religiosa de Juazeiro por meio dos espaços sagrados são Centro, Socorro, Franciscanos, Salesianos e Horto, conforme Araújo (2005, p. 142) “a cidade do Padre Cícero é considerada sagrada pelos romeiros e devotos, no entanto, alguns lugares são escolhidos pelos romeiros e compõem o roteiro da fé”, esses lugares se identificam tanto pelo conjunto de igrejas quanto de museus e locais por onde Padre Cícero expressou sua religiosidade.

2.4 O Turismo, as Romarias e a Fé Como Elementos da Sustentabilidade Cultural Importantes para o Desenvolvimento de Juazeiro do Norte – CE

O turismo surgiu nos primórdios da humanidade e tem se expandido diariamente no mundo todo, esse aumento se justifica em fator da sua ligação com o conjunto das macroestruturas dos setores econômicos, políticos, religiosos, ambientais, tecnológicos, científicos e culturais. Esse conjunto de variáveis quando somados ao Estado e à sociedade civil impacta significativamente a atividade do turismo e revela as reais causas existentes nos motivos que fazem as pessoas saírem do seu lugar de origem espontaneamente e esperarem hospitalidade no destino de chegada (OLIVEIRA, 2005).

Conforme Pearce (2003) essa atividade passa a se desenvolver no mundo como forma social e economicamente significativa de desenvolvimento, vários países europeus e latinos aderiram o turismo como ferramenta para seu desenvolvimento de modo sustentável e têm

conseguido transformar cada vez mais as realidades socioeconômicas locais, em fator de se assegurar na identidade dos territórios e a importância da preservação ambiental.

A eficácia e viabilidade dessa atividade encontram facilidades não apenas no uso do termo turismo que por si mesmo se torna amplo, mas nas ramificações e os diversos eixos que garantem interdisciplinaridade e hibridização para as mais variadas áreas poderem trabalhar o conceito teórico e prático. Isso faz do turismo um elemento extremamente importante nas questões que patinam o desenvolvimento sustentável no século XXI, uma vez que não apenas o meio ambiente se insere no âmbito das discussões, mas também o homem, os valores e as necessidades humanas e de todos os ecossistemas e as motivações pessoais resguardadas nas migrações, assim sendo, o turismo é uma atividade que demanda disponibilidade de pessoas como aponta Dann (2002, p. 25):

O Desenvolvimento do Turismo [...] é uma expressão que inclui não apenas destinos, origens, motivações e impactos, mas também as ligações complexas entre todas as pessoas e instituições daquela engrenagem, isto é, o sistema global de demanda e disponibilidade.

O turismo, sobretudo o religioso, se tornou importante para a Cidade de Juazeiro do Norte devido apresentar, segundo Cordeiro (2010), elementos socioeconômicos promissores para o desenvolvimento tendo nas romarias apropriação de discursos políticos enfatizando o papel dos aspectos econômicos oriundos delas em benefícios da cidade. Juazeiro do Norte é uma cidade que possui facilidade para se destacar entre o turismo, o turismo religioso e as romarias sem que haja necessidade de escolha de apenas um desses elementos, o desafio maior tem sido eliminar qualquer as neutralidades dessas práticas e assegurar-lhes a sustentabilidade nos parâmetros do desenvolvimento socioeconômico (DANN, 2002).

O desenvolvimento social e econômico de Juazeiro do Norte depende da implementação de políticas públicas das quais para Nogueira (1986, p. 39) “possam identificar e canalizar os distintos interesses envolvidos, mas que seja a preocupação principal com o desenvolvimento sociocultural da população, a qualidade de vida e preservação ambiental”. Nesse sentido, as romarias teriam seu espaço antropológico definido e direcionado para o contextos religioso e social da cidade, atentando-os para o desenvolvimento a partir da sustentabilidade cultural e não apenas da atividade do turismo em si.

Maio (2003) destaca que o desenvolvimento assegurado no turismo seja ele religioso ou não, deve minimizar ao máximo os efeitos nocivos e perversos da globalização nos territórios, para isso a participação do Estado e da sociedade civil se tornam importantes e guiam as funções normativas, de planejamentos e financiamentos próprias do município. O turismo

religioso pode surtir efeitos significativos na economia de cidades onde prevalecem práticas religiosas e espirituais além de contribuir para a valorização cultural e preservação ambiental.

Pinto (2002) considerada importante dar sentido ao turismo pelo turismo religioso, tendo nas romarias o elemento da fé como aporte principal, dessa forma tanto o turismo religioso quanto as romarias, independentemente das suas diferenças, poderiam oferecer condições para um desenvolvimento positivo na economia a partir da sustentabilidade cultural. Juazeiro do Norte tem nas romarias o elemento a fé como principal parâmetro para o seu desenvolvimento socioeconômico devido os fluxos de capital oriundos das práticas religiosas, dessa forma, envolve mercado paisagístico, empreendimentos, lucro e rendas que podem alicerçar-se no bem comum da população.

Para Rodrigues (1996) o turismo se relaciona diretamente ao desenvolvimento sociocultural na medida em que dialoga diretamente com cultura local, com a história da população de dada região e contribui para a formação da identidade de um povo a partir da preservação e da conservação dos sítios simbólicos. Os sítios simbólicos de Juazeiro do Norte remetem diretamente às romarias, o turismo em si, e o elemento da fé católica manifestada a partir do catolicismo popular, o conjunto desses elementos são decisivos no desenvolvimento social e econômico e sustentável da cidade, pois fomentam as iniciativas locais demonstradas em Zaoual (2006).

Essas iniciativas dependem necessariamente dos agentes transformadores e modeladores dos espaços sagrados de Juazeiro do Norte representados pelos romeiros, comerciantes, empresários, órgãos públicos, como a prefeitura e secretarias, a população local, turistas etc (SANTO, 2010). As romarias acontecem diversas vezes no ano, mas três em especial transformam o espaço urbano e toda urbe Juazeirense, elas acontecem no mês de Fevereiro em homenagem a Nossa Senhora das Candeias, em Setembro em homenagem a Nossa Senhora das Dores e, em Novembro no dia de finados, conhecida pelo dia do luto em Juazeiro do Norte.

Segundo Dias (2003, p. 17) “o turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos que constituem-se em expressão cultural”, essa expressão nasce de determinados grupos sociais e expressa a realidade histórico-cultural de Juazeiro do Norte, embora turismo, turismo religioso e romarias não sejam a mesma prática ambos compartilham o elemento incomum representado pela fé que por si só explica o conteúdo da cidade santa.

A expressão da fé na terra santa surge como uma proposta já demonstrada em Arboith (2008, p. 02) “ligada a ideia de obediência, no ato de crer, obedecer e manifestar a crença,

segundo o Antigo Testamento”. O romeiro demonstra fé pela sua obediência e pratica de sacrifícios, diferentemente do turista que não sente necessidade em realizar sacrifícios pela sua fé, nesse sentido, a fé torna-se um conceito amplo e capaz de diferenciar povos, não obstante o turista do romeiro, mas sem deixar de revelar o conteúdo de ambos e a importância deles para o desenvolvimento da cidade.

Juazeiro do Norte possui demanda de pessoas nas romarias, nas peregrinações e espetáculos religiosos onde acontece o renascimento e o testemunhar coletivo; o ato de crer se revela sob essa condição, “se inicia pelo batismo, onde a pessoa expressa sua aceitação ao plano de Deus revelado em Jesus e percorre por toda a vida do cristão, onde ele deve testemunhar, pelo seu modo de vida o que crê, é o que garante a sua salvação” (ARBOITH, 2008, p. 07).

Dessa forma, tanto o turismo, quanto as romarias e peregrinações revelam os variados significados de fé e crenças e assumem o sentido da vida comum na cidade santa, o que consagrou a sacralidade de Juazeiro do Norte foram a priori, as ações de Padre Cicero ainda quando se tratava apenas um vilarejo e segundo, os movimentos das romarias que alavancaram o turismo e as primeiras tentativas por parte do poder público local de transformar o turismo em turismo religioso.

As romarias possuem grande expressividade cultural e religiosa para à cidade e têm sua origem no calendário de romarias e devoções aos santos de Portugal, onde segundo Calou e Pereira (2005) representam sacrifícios e o sentimento de fé e esperança; nelas os indivíduos sentem-se livres das preocupações cotidianas e passam a se preocupar com questões espirituais e como podem representa-las nos espaços públicos de Juazeiro do Norte como nas praças, nas igrejas, e nas ruas.

A primeira grande romaria do ano é a de Nossa Senhora das Candeias e acontece a partir do dia 28 de Janeiro e tem fim no dia 02 de Fevereiro com a procissão das velas, por isso é conhecida como a festa da luz. O público dessa romaria é em especial do estado de Alagoas e tem no canto popular dedicado a Nossa Senhora das Candeias a expressão do sagrado por meio da experiência vivida:

Oh que caminho tão longe, tão cheio de pedra e areia. Valei-me meu padim Ciço e a mãe de Deus das Candeias. No caminho de Juazeiro, nunca ninguém se perdeu por causa da luminura da Mãe de Deus das Candeias. Bendita e Louvada seja a luz que mais alumeia, valei-me meu Padim Ciço, a a mãe de Deus das Candeias (Autor desconhecido)

A romaria dedicada à Nossa Senhora das Dores acontece no final do mês de Agosto até o dia 15 de Setembro por ocasião da procissão e superlotação das ruas do Bairro Centro (FIGURA 09). A devoção a Nossa Senhora das Dores está nas raízes históricas da cidade, trata-

se da padroeira do município, por isso a festa consta de missas, quermesses, leilões, bingos, o show do chapéu em que oromeiro espera benzer seu chapéu e pertences, as novenas, e as carreatas dos carroceiros, moto-taxistas e taxistas.

FIGURA 09 – Multidão à espera da procissão de Nossa Senhora das Dores, Rua Padre Cícero/Centro, Juazeiro do Norte - CE



Fonte: A autora (2015)

O público alvo nessa romaria provem dos Estados de Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Piauí e Rio Grande do Norte respectivamente, para Barros (1988) tem-se em Juazeiro do Norte um processo de romanização ao avesso desde o século XIX representado nas romarias, sobretudo, para a de Nossa Senhora das Dores. De uma cidade pacata viu-se crescer uma cidade com potencial socioeconômico, religioso e cultural extremamente notório na Região Metropolitana do Cariri – RMC e não obstante eleita a capital da fé.

A terceira maior romaria é a de Finando, ou ainda romaria da esperança, ela acontece do final do mês de Outubro e início do mês de Novembro por ocasião da procissão de finados. Essa romaria é responsável por mover significativamente o mercado informal de Juazeiro do Norte a partir do aumento da comercialização de velas, terços, rosários, imagens sacras, dentre

outros, ela está representada no luto familiar coletivo da perda de familiares ou amigos queridos, conforme Barroso (1989, p. 37) o dia de finados representa para o romeiro:

O sofrimento, o sacrifício, as marcas da tristeza do nordestino se encontram nas penitências do dia de finados. É uma romaria de dor, na qual a gente pobre e o povo infeliz gemem e choram pelas colinas do Horto, transformando o Cariri num vale de lágrimas. Hora de lamentar os mortos e remoer a revolta no coração. Tempo de obrigação e disciplina, de dobrar os joelhos na pedra ardente e, nas costas carregar o peso da existência.

Em todas as romarias os ônibus e paus – de – arara são os transportes predominantes, embora exista uma quantidade enorme de Vans e Topiques circulando dentro do município. Os romeiros costumam chegar como antigamente, fotografando, jogando presentes para os Juazeirenses, visitando as principais igrejas, fazendo seus passeios diários e rezando o terço pedindo ou agradecendo as graças alcançadas.

É dessa forma que a sustentabilidade cultural de Juazeiro do Norte se revela, por meio da sacralidade das práticas religiosas, as romarias possui caráter religioso, cultural e social extremamente significativo, mas possui também a valorização do trabalhador rural e do homem do campo, Padre Cícero se tornou o santo do sertão porque foi responsável por romper com as antigas representações escravocratas no vilarejo ao promover a valorização ética do trabalho e por isso ele ficou conhecido como o percussor das ideias de desenvolvimento para a cidade santa:

Ao promover a valorização ética do trabalho, o Padre Cícero contribuiu para romper com as representações ‘escravocratas’, nas quais o trabalho estava associado à ‘dor’, ao ‘castigo’ e, portanto, à humilhação e à desvalorização do homem. [...] Inserido em um Nordeste predominantemente rural, no qual encontravam se presentes formas de relação de produção não tipicamente capitalistas, como a utilização da mão de obra escrava, o Padre inseriu naquele espaço social um novo discurso, a partir do qual emergiam novas práticas de trabalho, vinculadas à construção de um mundo melhor, mais igualitário e mais livre (ARAÚJO, 2005, p. 31).

A manutenção das raízes culturais da cidade santuário diz respeito à manutenção do modo de vida do cidadão Juazeirense que se prepara anualmente para receber os afilhados do Padre Cícero. O turismo, as romarias e as peregrinações são elementos importantes para a sustentabilidade cultural e preservação do capital natural da cidade construído dentro do contexto histórico e religioso. A preservação patrimonial de museus, de grupos artísticos e demais representantes da cultura local são também elementos intrínsecos à sustentabilidade cultural de Juazeiro do Norte, pois demanda pessoas, políticas públicas e gerenciamento cultural.

Dessa forma, a cidade se torna responsabilidade social e introduz no romeiro, no turista, e no cidadão Juazeirense a necessidade de se preservar sua cultura e religiosidade em

tempo de efeitos nocivos da globalização para os lugares. A tradição das práticas religiosas e culturais garantem o desenvolvimento por meio da sustentabilidade ecológica, social, cultural, política, ética e moral porque condiz a necessidade de se refletir as ações por meio da espiritualidade de cada um que chega à Juazeiro do Norte independentemente da religião, assim sendo, entende-se que seu desenvolvimento patina na sustentabilidade cultural.

As romarias e procissões reintegram a identidade e a territorialidade sociocultural de Juazeiro do Norte e a transforma em uma cidade simbólica e espiritual onde valores e significados são todos empregados na paisagem urbana e conseguem manter a singularidade dos espaços sacros. Essa nova dimensão espacial mantida pelo fenômeno religioso pela romarias, procissões, peregrinações influenciam a dinâmica urbana tanto nas ruas, calçadas, nos becos, praças e também no mundo do trabalho, nos modos de vida urbano.

Estas manifestações culturais mantem a sustentabilidade cultural sobre outra ótica diferenciada, reúne o coletivo e o bem comum na cidade, não se trata apenas de aproximar o homem a uma força incomum divina, mas de uma prática coletiva partilhada por pessoas de vários estados onde os motivos não explicam-se apenas pela questão econômicas, mas baseadas nas trocas de experiências vivenciadas na terra santa.

CAPITULO III

A FÉ CATÓLICA E O CONSUMO DOS ESPAÇOS URBANOS COMO ELEMENTOS MEDIADORES DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS, SOCIOCULTURAIS E ECONOMICAS NA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE – CE

CAPITULO III - A FÉ CATÓLICA E O CONSUMO DOS ESPAÇOS URBANOS COMO ELEMENTOS MEDIADORES DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS, SOCIOCULTURAIS E ECONOMICAS NA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE – CE

O terceiro capítulo começa abordado o Urbano e a cidade trazendo implicações de usos dos termos Conceito e Definições, dessa forma propõem algumas sugestões de definições para a cidade enquanto sugere alguns conceitos para o urbano. A questão central não é discutir o urbano e a cidade e qual dos dois está ou não mais definido ou conceituado, mas como este estudo se trata de uma cidade ímpar na Região Metropolitana do Cariri – RMC não se pode deixar de abordá-la nesses aspectos, pois eles sinalizam muitos caminhos que em conjunto ou dissociadamente podem revelar diversas interpretações para ela.

É importante compreender a configuração territorial de Juazeiro do Norte, pois ela está em constante transformação diante das ações dos agentes modeladores do seu espaço, esses agentes configuram-se não apenas pelo cidadão Juazeirense, o romeiro, o turista, o visitante comum, assim como também o poder público local, as iniciativas públicas e privadas, todos estes são responsáveis por modificar os espaços e a configuração territorial de Juazeiro do Norte.

Essas mudanças podem significar ditames sociais, econômicos, culturais e ambientais, mas também podem sinalizar para as novas espacialidades novas formas de uso e consumo desses espaços urbanos. Dessa forma, Juazeiro do Norte é apresentada nesse capítulo a partir da passagem do tempo cronológico representado pelo dia e pela noite e pelas funções da cidade nesses aspectos.

O milagre da hóstia aqui é discutido a partir de um novo enfoque, sobretudo, pela questão da reabilitação do Padre Cicero Romão Batista fortemente discutida no ano de 2015 e suas implicações no papel da importância da mulher tendo na Beata Maria de Araújo a referência maior.

A proposta de se trabalhar a questão da importância da mulher na sociedade a partir das repercussões atuais sobre o milagre da hóstia abre caminhos não apenas para o papel atual da mulher na sociedade Juazeirense, mas também a produção de ações concretas com o intuito de se discutir a figura da mulher na identidade local da cidade. Juazeiro do Norte historicamente foi construída em cima de três personagens, Padre Cícero, Maria Magdalena e a Hóstia que se transformou em sangue por diversas vezes. Até os dias atuais inúmeras foram as figuras femininas responsáveis por fatos importantes em Juazeiro do Norte, por isso, ressalta-se no milagre da hóstia a importância de Maria de Araújo como referência para a mulher Juazeirense.

3.1 O Urbano e a Cidade: Conceito e Definição

De acordo com Lefebvre (2008) se tornou banalidade dizer que a sociedade contemporânea está em mutação, pois o conceito de mutação se aplicaria com muita facilidade nas ciências biológicas, mas no sentido sociológico se trata menos de um conceito do que uma imagem do urbano. A mutação dos contextos urbanos se caracterizariam por múltiplas crises dentre elas econômicas, políticas, científicas etc., mas que não garante mais importância à própria crise urbana, não a torna mais central do que as demais.

Ao se discutir o termo sociedade industrial, é comum selecionar e mesmo excluir automaticamente as relações sociais do processo de industrialização, dando enfoque apenas à produção e expansão material da industrialização e não ao conjunto das relações sociais necessárias à sociedade industrial, ou seja, fala-se apenas em industrialização, mas não em sociedade industrial. Mas, é a sociedade industrial que acarreta a urbanização e por isso as consequências da urbanização são mais importantes do que sua causa, a industrialização.

Muitos estudiosos consideram a urbanização accidental, exterior e menor à industrialização, mas o aumento na produção industrial é a causa da problemática urbana que não obstante segue os mesmos modelos racionalistas e empresarial dos quais chamamos de urbanismos, ou conhecimentos urbanos.

Ora, a racionalidade da empresa, de sua organização, a divisão do trabalho que ela comporta, foi uma aquisição essencial do período industrial, mas ela não mais convém ao período que começa, o qual deve elaborar uma forma nova de racionalidade: a racionalidade urbana. Prolongar a antiga racionalidade, aplica-la irrefletidamente, acarreta toda sorte de equívocos, de ilusões que se encontram no que se chama de urbanismo (LEFEBVRE, 2008, p. 81)

Assim sendo, pode-se dizer que o urbano consiste em um trabalho de intensa e constante descoberta, que se explora na medida em que é construído, onde a cidade surge como um modelado apropriado por grupos segundo suas exigências, suas éticas, ou ideologias. Ela deve ser estudada em duplo aspecto pelos monumentos diversos e emprego do tempo que eles implicam para os cidadãos e para os cidadãos, pois a indústria fez nascer a cidade, mas não a reconheceu, tornou-a produto generalizado através do uso do solo com valor de compra e venda.

O conceito de urbano se diferencia do conceito de cidade porque ele aparece e se “manifesta no curso da explosão da cidade, o urbano, isto é, a sociedade urbana, ainda não existe e, contudo, existe virtualmente, nas contradições entre o habitat, as segregações e a centralidade urbana que é essencial à prática social, manifesta-se em contradição plena” (LEFEBVRE, 2008, p. 84). A segregação urbana tem ocultado a teoria e a prática urbana, mas em contrapartida tem revelado o caráter urbano e seus significados no espaço e tempo, porém

para quem se encontra racionalmente pronto e acabado, entender o urbano é cada vez mais impossível.

A cidade em Souza (2003, p. 27) já aparece definida “sob o ângulo do uso do solo, ou das atividades econômicas que a caracterizam, um espaço de produção não-agrícola, de comércio e de oferecimento de serviços” e para compreendê-la é necessário se utilizar do poder da abstração que a torna muito mais ampla e a aproxima suas possíveis interpretações com a realidade, “se eu falo cão, estou lidando com um nível de abstração muito maior do que quando falo pastor alemão, e muito mais ainda se falo meu cão rex que é um pastor alemão” (SOUZA, 2003, p. 23).

Segundo Rolnik (1998) o surgimento das cidades remota na antiguidade e hoje nas metrópoles capitalistas se traduzem pelas contradições, segregações espaciais e pelas formas de se viver a cidade na contemporaneidade, elas traçam particularidades a partir do lugar vivido, mas, sobretudo, pela função a qual se adapta, isso é importante porque a cidade não é apenas o lugar de trabalho e do consumo, mas também de moradia portanto, conduz refletir também o grau de felicidade dos indivíduos.

Antes mesmo de se tornarem locais de moradia e trabalho, desde a antiguidade as cidades já se comportavam como verdadeiros ímãs; atraem, reúnem e concentram pessoas além de que podem ser lidas de diversas formas, a arquitetura imprime na paisagem formas das quais podem ser lidas pela percepção, podem ser vistas como política, quando se pensa o conjunto das massas aglomeradas em prol de uma causa e pelo coletivo, podem lhe atribuir ainda a característica de mercado, pela intensificação das trocas e das relações no mundo do trabalho.

São espaços de vida e de memórias em que cada cidadão pode reescrevê-los e representá-los diariamente, morar na cidade significa um modo de vida coletivo (ROLNIK, 1998) e presume no “urbano a simultaneidade, a reunião, de forma social da qual se afirma” segundo Lefebvre (1969, p. 159). A cidade é pois senão, um objeto espacial que se afirma diariamente que urbano é a simultaneidade, a reunião, é uma forma social que se afirma e se ocupa, o lugar das representações, como demonstra Lefebvre (2004) nessas condições o urbano se impõe em escala mundial a partir do processo de implosão e explosão na cidade atual e por isso ela cabe nas discussões sobre espiritualidade, e intelectualidade, sobretudo, quando se trata das culturas urbanas, da divisão do trabalho e dos modos de vida na cidade.

Conforme Corrêa (1997) a totalidade do espaço urbano é tida de modo fragmentado através dos modelados e agentes transformadores que constroem novos padrões e dizem respeito as formas e aos conteúdos urbanos. O mesmo espaço urbano pode ser fragmentado e articulado ao mesmo tempo, ele entrelaça as partes da cidade e as transforma em núcleo central

onde estão a gestão e as principais atividades comerciais e os serviços amarrados na configuração territorial, ou seja, pelo conjunto de objetos existentes na cidade arranjadas de tal modo que facilmente se confundam com o próprio território urbano (FIGURA 10).

FIGURA 10 – Configuração Territorial da Cidade de Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Google, 2016.

Dessa forma, a cidade pode ser compreendida a partir do conceito de lugar e pode refletir a articulação entre ela e o urbano relevando o reflexo social pela dinâmica do tempo, o urbano possui a cidade como condicionante social devido permiti-la a reprodução das condições tanto do mundo da produção como das relações sociais. A cidade possui características simbólicas, culturais, sociais e também religiosas e ainda sim ser também um campo de lutas e um palco de grandes realizações, nela os espaços urbanos se estabelecem pela sua supervalorização assegurada na configuração territorial de cada uma (SANTOS, 1996).

4.2 A Cidade de Juazeiro do Norte: De dia ou à noite?

Juazeiro do Norte é uma cidade essencialmente urbana que tem sentido no aumento da violência e do caos urbano o medo da cidade, seus habitantes, os turistas e mesmoromeiros revelam ter medo de sofrer na cidade santa algum tipo de violência ou agressão física. O medo urbano representado pela fobopole é denominando em particular pelo ato de se evitar locais em virtude do horário, dessa forma entende-se que a Cidade de Juazeiro do Norte se tornou parte do sentimento do medo urbano coletivo pela passagem do tempo cronológico, ou seja das horas.

De acordo com Souza (2008, p. 55) “é em cidades sociopolítico-espacialmente fragmentadas que o medo generalizado prospera e se sente em casa. São elas as fobópoles por excelência”. Para Bauman (2001) a vida urbana requer civilidade, mas não é qualquer civilidade, é a civilidade do sentido de ser civil, o medo se constitui e se dispõe nos espaços públicos das cidades hoje porque denota também a falta de ser civil.

Juazeiro do Norte se apresenta como um bem de todos quando dispõe espaços para todos atuarem, mas essa constância infelizmente já não se aplica nos dias de hoje, pois esses espaços não possuem nem asseguram interação entre as pessoas, as pessoas só passa a interagir quando são mediadas por espaços relegados ao consumo (FIGURA 11).

FIGURA 11 – Praça de Alimentação do Cariri Garden Shopping/Juazeiro do Norte – CE



Fonte: A autora (2015)

Os shoppings Centers representam os locais mais seguros da vida real em Juazeiro do Norte onde não é necessário negociar com estranhos, esses espaços por sua vez denotam falta de habilidade para lidar com a civilidade de Baunam (2001) porque não garantem nenhuma forma de interação humana, além de serem espaços que expulsam e incorporam pessoas de acordo com seu poder aquisitivo.

As principais Ruas do Bairro Centro, por exemplo a Rua Padre Cicero, Rua São Pedro, Rua Santa Luzia, Rua da conceição são palco de grandes acontecimentos diferenciáveis em virtude do tempo cronológico e da centralidade como elemento mais importante do urbano capaz de revelar mais e melhor a cidade;

Toda centralidade está inserida em um centro: a centralidade está para os fluxos de pessoas, mercadorias, automóveis, uma circulação contínua, assim como o centro está para os fixos, os prédios, as lojas, as vias. É possível observar que uma das centralidades expressas na cidade de Juazeiro do Norte, sul do estado do Ceará, é gerada pelo fervor religioso do catolicismo popular, e tem como foco central o Padre Cícero Romão Batista (VAN DEN BRULE, 2013, p. 02).

Durante o dia, em principal nas ruas do Bairro Centro a centralidade de Juazeiro do Norte se justifica em favor das atividades do comércio formal e informal e pelo fluxo de pessoas, veículos e mercadorias no constante vai e vem da cidade; à noite porém, a cidade se transforma em um conjunto de não-lugares ou lugares vazios destituídos da arte e da interação entre as pessoas. Algumas dessas ruas transformam-se em espaços extremamente definidos e territorializados pelos grupos de prostituições e traficantes de drogas que reconstróem durante à noite o cenário de Juazeiro do Norte a partir de reações de poder sobre esses espaços público urbanos.

Conforme Souza (1995) os territórios não possuem limites ou fronteiras imutáveis, o território pode o sê-lo a todo e qualquer momento e gera identidade socio espacial, mas as pessoas que o controlam podem variar de acordo com o tempo por isso ele é mutável. Para Matos e Ribeiro (1996) os grupos de prostituição são capazes de segregar seu próprio território ao tentar defende-lo de ameaças externas, mas do ponto de vista social e espacial eles exercem controle e poder e estabelecem laços e sentimentos como forma de afetividade para com ele.

Em contrapartida, a instantaneidade do tempo presente revela relações fluidas e aparentemente infinitas na cidade de Juazeiro do Norte, mas esse tempo infinito se tornou responsável pela aniquilação de tempos a longo prazo, os lugares da Cidade Santa por sua vez possuem essa ideia de tempo infinito construída na fluidez dos momentos em que se passa nela, porque na realidade ela se tornou uma cidade dual e efêmera.

Essa dualidade se aplica a sua dupla personalidade atribuída pelo tempo cronológico, de dia Juazeiro do Norte se apresenta de uma forma e à noite de outra considerada mais perigosa. A condição pós moderna dissolveu a capacidade infinita do tempo por isso em Juazeiro do Norte a questão do medo se tornou principal quando se pergunta aonde ficou resguardado o direito à memória dos lugares e como ficariam as memórias dos lugares atuantes, mas não atuados.

Os lugares se tornaram efêmeros porque são lugares durante o dia e à noite não mais, pois constituem-se em espaços públicos sem a civilidade no sentido civil de Bauman (2001). Eles se tornam os lugares da representação, do trabalho e da expressão de grupos de pessoas excluídas socialmente, mas incluídas na lógica da vida urbana contemporânea onde se justifica a infelicidade e as frustrações humanas e pessoais diante do medo da violência urbana.

A comunidade definida por suas fronteiras vigiadas de perto e não mais por seu conteúdo; a defesa da comunidade traduzida como emprego de guardiões armados para controlar a entrada; assaltante e vagabundos promovidos à posição de inimigo número um; compartimentação das áreas públicas em enclaves defensáveis com acesso seletivo; preparação no lugar de vida comum, essas são as principais dimensões da evolução corrente da vida urbana (BAUMAN, 2001, p. 110).

Embora as romarias superlotem as principais ruas do centro da cidade de Juazeiro do Norte anualmente, ainda sim considera-se arriscado andar sozinho pela cidade porque criou-se equivalente à ideia do medo um tipo de segurança seletiva na cidade a partir da criação e proliferação de comunidades em essencial defendidas tendo suas fronteiras vigiadas. Criou-se uma comunidade artificialmente defendida e vigiada representada pela auto segregação urbana em fator do poder aquisitivo pessoal do cidadão Juazeirense e por esse motivo morar nos bairros afastados da criminalidade dar a ideia de se estar seguro.

As romarias são praticamente os únicos momentos em que estranhos se encontram em Juazeiro do Norte sem que haja desencanto, o desencanto no encontro entre estranhos estaria traçado pela ausência de tempos entre as pessoas, são pessoas sem passados ou futuro, não se sabe sobre elas, e por isso se encontram apenas na condição de estranhos. Nas romarias esse encontro acontece pela convergência de identidade, os romeiros se identificam uns com os outros, por isso o outro não soa como estranho para o romeiro.

Conforme Sennett (1975) a cidade pode ser considerada um assentamento humano em que estranhos têm a chance de se encontrar e também terminar um encontro abruptamente como começou, ou seja, cada qual volta a ser um estranho. “Os estranhos se encontram numa maneira adequada a estranhos; um encontro de estranhos é diferente de encontro de parentes, amigos e ou conhecidos, parece um desencontro” (BAUMAN, 2001, p. 111).

A questão do medo urbano em Juazeiro do Norte traduz a subjetividade do cidadão Juazeirense e também do turista e tem a ver com os sentidos e sentimentos de afetividade para com a cidade que podem ser traduzidos em Heller (1979, p. 17) como “sentir estar implicado com algo”. Essa sensação de estar preocupado com algo, seja com a criminalidade, o aumento da violência urbana, o medo de andar em ruas sem iluminação, tortuosas ou em becos (FIGURA 12); são parte da construção do subjetivismo e condiz com o grau de interação das pessoas com os espaços públicos da cidade.

FIGURA 12 – Beco pertencente à Rua da Conceição – Bairro do Socorro/Juazeiro do Norte – CE



Fonte: A autora (2016)

O Largo do Socorro representam uma nova racionalidade urbana em períodos de romarias conhecida por “racionalidade ético-afetiva na cidade” demonstrada por Sawaia (1995, p. 24), onde os subjetivismos dosromeiros, turistas e dos habitantes da cidade podem se encontrar e criar novos espaços de interesses coletivos tendo na fé o elemento principal. Mas, em períodos fora das romarias essa afetividade se oculta nas práticas comuns do dia- -a- dia e

a cidade volta a ser um espaço de conflito, carências e medos, independentemente que qualquer planejamento urbano ou da geografia do lugar.

Cada rua, beco, calçada ou praça possui a sua subjetividade enquanto espaços portadores de história, assim sendo cada Bairro de Juazeiro do Norte é construído subjetivamente a partir da identidade revelada na interação e nas experiências do cotidianos das pessoas para com eles. É mais fácil para o romeiro sentir-se tranquilo ao andar por as ruas de Juazeiro do Norte do que um turista, como a cidade historicamente é construída em fator da sua religiosidade, dos aspectos sociais e culturais, é esperando que ela receba muitas pessoas durante o ano todo das quais ao longo dos anos tornaram-se categóricas.

É fato que tornou-se comum diferenciar o romeiro do turista pelo seu poder aquisitivo, as pessoas olham para o romeiro e costumam enxergar apenas o fator econômico deixando de lado a sua importância para a formação do núcleo urbano de Juazeiro do Norte, nisso, cria-se os “afetos tristes que não permitem ao homem a conservação da felicidade que é ontológica, pois não se pode andar na cidade como todos, essa ação torna-se potencialmente dificultosa” (BOMFIM, 2010, p. 64).

A questão do horário não é apenas um detalhe nos espaços públicos da cidade, mas um processo de transformação espacial decorrente da passagem cronológica do tempo, Juazeiro do Norte tornou-se o templo do consumo, tanto pelos serviços oferecidos quanto no teor da vida comum e dos próprios espaços públicos urbanos, nela consome-se produtos, pessoas, espaços, serviços, mercadorias, cultura, arte, entretenimento dentre outros, por isso:

O que quer que possa acontecer dentro do templo do consumo tem pouca ou nenhuma relação com o ritmo e teor da vida diária que flui fora dos portões. Estar num shopping center se parece com estar noutro lugar [...] é como ser transportado a um outro mundo, o templo do consumo claramente distinto da loja da esquina de outrora pode estar na cidade, à beira de uma estrada, mas não faz parte dela, não é o mundo comum temporariamente transformado, mas um mundo completamente outro (BAUMAN, 2001, p. 115).

Sansot (1968) ao estudar a essência do lugar procura dimensiona-la por meio da poesia que para ele existente em toda cidade, ciência e poesia nesse sentido são os elementos primordiais quando se busca entender por meio da fenomenologia os espaços urbanos. Através desse caminho pode-se perceber a apropriação e identidade social urbana como um processo dinâmico pelo qual:

Exige uma reelaboração constante e, por isto, tem um caráter de movimento e de temporalidades. Pressupõe dois processos circulares: ação-transformação e identificação. A ação-transformação é considerada a componente comportamental e tende a prevalecer a marca da modificação do espaço dando um significado para o sujeito, compartilhado ou não com a coletividade (BOMFIM, 2010, p. 78).

A cidade de Juazeiro do Norte possui várias temporalidades e por isso configura-se como reflexo social, produto histórico, religioso, político e econômico, esses aspectos lhes promovem os sentimentos diversos como de pertença ou de aversão ou medo devido ser uma cidade que em virtude da passagem do tempo cronológico se fragmenta e se reintegra facilmente. As romarias são desta forma, ações transformantes e reintegrantes do solo urbano da cidade de Juazeiro do Norte, pois garantem identificação e identidade para os espaços e para que o processo do encontro entre estranhos aconteça de forma conjunta e satisfatória.

Cada indivíduo estabelece por meio do contanto com esses espaços identidade importante para a construção do seu subjetivismo por meio da cognição, sobretudo na questão da sustentabilidade ambiental e cultural, ela “é definida como conhecimento, imagens, impressões e crenças que os indivíduos e grupos têm acerca dos processos elementares, estruturais e simbólicos dos ambientes, físicos, culturais, econômicos e políticos” (BOMFIM, 2010, p. 84).

Juazeiro do Norte é uma cidade de porte médio e se respalda nas atividades fortalecidas no setor terciário e desempenhadas nas movimentações diárias do fluxo de capitais, mercadorias e pessoas. O vai e vem, as migrações pendulares de pessoas que trabalham na cidade e depois retorna para seu bairro ou sua cidade configura aspectos comuns de cidades médias e determinam não apenas sua função regional, mas também os aspectos econômicos e a configuração urbana, nisso, as funções da cidade divergem em virtude dos horários, por isso o espaço muda perceptivelmente.

O horário do consumo dos espaços urbanos diz respeito não apenas às funções desses espaços, mas, à questões pessoais, culturais, aos sentimentos e aos aspectos antropológicos dos indivíduos. Durante o dia, a cidade mostra o fervor do seu comércio e do fluxo de pessoas e capitais, tudo isso ao ar livre, as pessoas se veem melhor, falam mais entre si; durante à noite, os bares, restaurantes, Igrejas, shoppings dentre outros espaços mais reservados descrevem a vida noturna urbana carregada pela fobia e aversão ao estranho, um outro ser humano que à noite, se torna um estranho e por isso causa medo. Juazeiro não é apenas o que se ver nela ou que se pode concluir dela, mas uma cidade dual em que as formas, funções, processos e estruturas que só se manifesta através da fragmentação urbana.

O medo urbano é construído em cima da fragmentação dos espaços urbanos porque a sociedade perdeu a habilidade para lidar com a civilidade e abriu mão da interação social e com os espaços urbanos. Essa falta da interação faz com que o turista ou o cidadão Juazeirense sinta ser engolidos pelos espaços quando sai à noite na cidade pelo medo do aumento da violência. Não obstante, a violência tem sido o tema mais recorrente em cidades medias e de grandes

portes e os efeitos não se restringem apenas em São Paulo, Rio de Janeiro ou Espírito Santos, mas uma realidade no país que acompanha o desenvolvimento das cidades de forma generalizada.

Esse fato deve ser considerado não como uma resposta social dada ao aumento da criminalidade urbana, mas ao como as pessoas passaram a se relacionar com os espaços públicos nas cidades, em décadas anteriores aos anos de 1980 pouco se falava em medo urbano, mas o crescimento da violência urbana foi justificado no aumento da segregação espacial urbana representada no aumento dos condomínios (FIGURA 13) e muros fechados. O medo de andar sozinho à noite em Juazeiro do Norte é resultante do caos urbano que surgiu no início do século XX e hoje manifesta-se na vida urbana.

FIGURA 13 – Condomínio Residencial Bela Vista, Rua José Augustinho Oliveira, Planalto/Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Google, 2016

Segundo Ribeiro (2004, p. 17), as pessoas hoje, em especial as elites olham para a cidade e se assustam com a suposta desordem da qual são em parte responsáveis, ontem a crise sanitária era responsável pela desordem, hoje é a violência, nesses dois momentos “a desordem emana dos espaços das camadas populares e de suas práticas. Ontem, os cortiços. Hoje as favelas e as periferias pobres das metrópoles”.

Juazeiro do Norte tornou-se um espaço urbano baseado nos padrões de diferenciação social que variam historicamente e socialmente a partir dos princípios da estruturação da vida urbana e do como as pessoas relacionam-se na cidade. Esses padrões relacionam-se ainda com o aumento dos espaços privados como apresenta Caldeira (2000, p. 259);

São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão. São flexíveis: devido ao seu tamanho, às novas tecnologias de comunicação, organização do trabalho e aos sistemas de segurança, eles são espaços autônomos, independentes do seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar.

Low (2003), alerta que os discursos da violência urbana moveram-se no sentido do medo urbano de transitar ruas e espaços públicos quando o aumento da criminalidade cresceu consideravelmente nos Estados Unidos por volta de 1980 e por isso a mídia, os noticiários passaram a disseminar o medo urbano como um fator que chegaria aos países periféricos em maior escala, sobretudo, para as periferias. Dessa forma, os condomínios mostram-se como a grande fuga a violência urbana e por isso que transitar à noite em Juazeiro do Norte tornou-se um risco eminentemente urbano.

Juazeiro do Norte tornou-se a cidade do horário, evitar certas linhas de ônibus, tais lugares a tais horários, não parar no sinal fechado à noite ou evitar olhar nos olhos das pessoas, são partes da conjuntura subjetiva que se criou desde os anos de 1980. Como resultado tem-se o aumento do sentimento de aversão e estranhamentos aos espaços públicos manifestados pela fobia enquanto por outro lado há a tentativa de se transformar os Shoppings em um lugar representativo da vida real.

Em contrapartida, o medo de conviver nos espaços considerados perigosos nem sempre parece ser a mesma coisa para o romeiro, por exemplo. Por viver a cidade para além da propagação da construção hierarquicamente social de sua imagem, o romeiro sente-se tranquilo para consumir todos os espaços públicos, seu poder de significar e territorializar esses espaços é determinante, por isso, para ele não há essa construção do medo urbano na cidade santa.

Cria-se verdadeiros simulacros da vida real relegados ao momento passageiro e livres de uma identidade territorial, enquanto as ruas, os becos e as calçadas à noite representam a realidade que se busca evitar pois os agentes transformantes delas são na verdade pessoas comuns mas que causam espantos, pois são excluídas e marginalizadas dos processos sociais urbanos, ou seja, não possui o direito à Cidade (LEFEBVRE, 2001).

3.3 O Milagre da Hóstia como percussor de estudos, Manifestações culturais e religiosas e enfatizador do papel da mulher na Cidade de Juazeiro do Norte

Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo mais conhecida por Beata de Araújo (FIGURA 14) era uma mulher simples que durante o tempo em que viveu sob a companhia de Padre Cicero Romão Batista teve sua vida dedicada a fé e arrodada de perseguições eclesiásticas, sobretudo, após o fenômeno da hóstia acontecido no ano de 1889 e que se repetiu por quarenta e oito vezes. Após os milagres da hóstia Padre Cicero sofreu afastamento das suas ordens sacerdotais pela igreja por ser considerado cúmplice da beata no fenômeno e durante muito tempo ficou proibido que se tocassem no nome do santo padre e da beata dentro e fora de Juazeiro do Norte.

FIGURA 14 – Padre Cicero Romão Batista e Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo (Da Esquerda para à Direita). Museu Vivo do Horto/Juazeiro do Norte - CE



Fonte: A autora (2015)

O final dos anos 90 do século XX se tornou importante e marca o início da retomada dos estudos sobre o milagre da hóstia e da história de Juazeiro do Norte, a história de Maria de Araújo sai do ostracismo e ganha o universo escolar, acadêmico, cordelista e da música popular dos repentes. A religiosidade popular de Juazeiro do Norte tornou-se importante para diversos estudiosos no mundo tendo nos personagens da beata e de Padre Cicero o começo e o fim de todos os estudos sobre a cidade.

Durante muito tempo a história de Maria Magdalena foi silenciada pela oficialidade, ela foi considerada para muitos estudiosas uma milagreira enquanto para outros embusteira, essas duas características da vida de Maria de Araújo foi mantida oculta tanto pela sociedade de Juazeiro do Norte quando pela Diocese que mantiveram-se cúmplices da sua ocultação. Durante muito tempo a história da Beata foi silenciada pela sociedade, ela passou a existir apenas para oromeiro que deposita nela a mesma fé depositada no Padre Cicero Romão Batista.

Todas as adversidades em que Maria de Araújo fora submetida refletiam-se na sociedade patriarcalista do século XIX em que ela vivera, Porto considera (2002) considera que “a mulher era responsável pelos deveres domésticos e cuidado com os filhos enquanto o pai trabalhava fora para buscar o sustento da família”, para a qual o homem deveria garantir o sustento da família, o dever de garantir o sustento da família fazia o homem pensar que poderia ter direito sobre sua família influenciando a mulher que deveria ser submissa. Maria de Araújo nasceu e cresceu nesse sistema familiar e embora não tenha crescido para viver do lar ou para um esposo, pois decidiu muito cedo que seria beata, ela viveu em uma sociedade demarcada por forte patriarcalismo, a mulher do século XIX não poderia opinar, não possuía voz ativa na sociedade, por isso, os castigos que recebera Maria de Araújo incluíam castigos físicos e morais, diferentemente do Padre Cícero.

Padre Cicero morreu reconhecendo os milagres da hóstia e a santidade de Maria de Araújo, embora tenha sofrido pressão por parte da igreja para renunciar a beata e o milagre, todavia, Padre Cicero tornou-se santo popular em todo o Nordeste, um líder político importante e adquiriu grandes referências no cenários político carirense e acional. Infelizmente, Maria de Araújo não se submeteu apenas a castigos morais, ela sofreu torturas, encarceramentos, e proibições de aparições públicas. Ela teve o resto da sua vida isolada e ao morrer não teve direito ao tumulto por muito tempo, seu tumulto fora violado e as notícias de que a perseguição por parte da igreja continuavam tornam-se pública por parte de Padre Cicero que escreveu à Roma contando os últimos acontecimentos em Juazeiro do Norte.

Até hoje não se sabe onde foram parar os restos mortais da beata que teve uma vida extremamente constrangida e silenciada, portanto, desconsiderada na história de Juazeiro do Norte.

Aos poucos é que estudos em torno da sua reabilitação e a de Padre Cicero é que Maria de Araújo volta a ser o centro de discussões sobre o cenário religioso da cidade, isso porque a sua reabilitação e a do padre aponta os caminhos e os desmembramentos do atual contexto urbano dessa cidade pela religiosidade e aspectos culturais.

A imagem de Maria de Araújo vem sendo reabilitada por grupos urbanos feministas e conferida em local e manifestações públicas em fator da contribuição da mulher e seu papel para a sociedade, por isso a academia tem se preocupado em dar suporte a pesquisas dessa natureza desenvolvidas em Juazeiro do Norte.

Mesmo que em Juazeiro muitas pessoas não acreditassem no milagre proferido por Maria de Araújo, por outro lado davam-se conta, mesmo em tempos remotos, da sua importância como mulher na sociedade ao mesmo tempo em que fora líder e mártir religiosa. A imagem da beata ainda hoje inspira diversas outras beatas, grupos partidários, grupos de pesquisas e estudos acadêmicos, e ultrapassa o campo místicos, acolhendo-se no imaginário de cada cidadão turista ou romeiro que vai à cidade de Juazeiro do Norte.

A beata não se tornou uma líder feminista, mas hoje no contexto urbano de Juazeiro do Norte ela é uma das representações femininas mais fortes existentes e importante na compreensão de movimentos feministas. A sua trajetória histórica de mulher negra, pobre e analfabeta no final do século XIX é um dos motivos mais pertinentes para se compreender trajetórias de gêneros no contexto urbano e os papéis mais importantes exercidos na sociedade nos setores da educação, política, econômica, no desenvolvimento, na comunicação etc.

As suas condições de analfabeta e de família humilde não lhe permitia acesso a informação nem tão pouco acender como um personagem importância na história da cidade, porém sua sabedoria e sapiência, relevam uma mulher corajosa e capaz de enfrentar a igreja até a morte ao defender o milagre da hóstia e a honestidade de Padre Cicero, mesmo que isso lhe custasse a sua liberdade para realizar o que mais gostava de fazer, participar das missas, comungar-se e se confessar.

A inteligência e convicção com que depunha o milagre durante as investigações e os inquéritos são traços marcantes da personalidade de Maria de Araújo. Percebe-se na força moral da beata resistência a sua condenação mesmo que ela lhe trouxesse a priori a sua invisibilidade social. Essa resistência é hoje o motivo da reabilitação da beata por parte da academia e da sociedade, ela é evocada a simbolizar a afirmação de diversos gêneros na cidade de Juazeiro do Norte, sobretudo, de combate a violência contra a mulher.

O desenvolvimento dessa cidade tem aberto caminhos para se compreender a situação crítica do aparto social urbano para o qual a situação da mulher pobre, negra e analfabeta

mantem-se da mesma forma como no século XIX. Padre Cicero e Maria de Araújo são dois personagens representantes e o retrato do que pode-se dizer que há de mais significativo em Juazeiro do Norte. Eles condizem não apenas a questão das condições de gêneros em um período histórico, mas também do que ficou preestabelecido a partir desse contexto histórico para a sociedade de Juazeiro do Norte e que ainda hoje permanece.

É para situar e contextualizar a questão urbana que órgãos públicos e privados a destacar o Serviço Social do Comércio – SESC e Centro Cultural Banco do Nordeste – BNB em apoio da administração local e com as demais secretarias de culturas que têm eles promovido a dramaturgia no cariri cearense trazendo na questão do apuro social a luta por igualdade social e de gêneros. A peça O Tule Vermelho do dramaturgo Ricardo Guilherme revelou traços de uma mulher forte e corajosa sob interpretação da atriz Maria Vitoria no ano de 2011, no teatro Sesc de Crato - CE cidade vizinha e do Sesc de Juazeiro do Norte (FIGURA 15).

FIGURA 15 – Peça “O Tule Vermelho” apresentada no Sesc – Juazeiro do Norte.



Fonte: Cariri Revista, 2016.

A reabilitação de Maria de Araújo ainda se diz respeito a questão de gêneros na sociedade, sobretudo após as reconciliações da igreja católica com Padre Cícero, tendo reconhecido o papel do padre para Juazeiro do Norte. À Diocese cabe o papel de trazer de volta a presença de Maria de Araújo para o bojo das discussões sobre a importância dos principais atores sociais e históricos de Juazeiro do Norte. O fenômeno do Milagre da Hóstia envolveu tanto o Padre Cícero quanto a Beata, mas discute-se apenas a importância do Padre Cícero nesses acontecimentos. Maria de Araújo se tornou também peça importante na compreensão de Juazeiro pelo passado histórico e na contemporaneidade, no uso dos espaços públicos por manifestações onde as mulheres podem exercer seu papel social.

3.4 As Redes de Tessituras de Relações no Espaço Urbano de Juazeiro do Norte: Territorialidades, Crenças e os Problemas Ambientais

As relações que agora passam a se estabelecer no seu solo urbano, pensadas tanto pelo consumo quanto na teia das relações espirituais são na verdade preestabelecidas pelo contexto histórico da cidade em si, é o próprio fenômeno do urbano que causa as teias de relações resultantes do processo de fragmentação e reintegração (COSTA, 2004). As pessoas que migram para o centro urbano desta cidade trazem consigo teias de relações que passam a se estabelecer com as pessoas que ali encontram.

Para o território urbano é extremamente importante porque deixam marcas, tecem o território, articulando-o e fragmentando-o, dessa forma, as relações se estabelecem em redes e passam a ser explicadas ou no mesmo motivo religioso ou por a fé dos templos de consumo. É nesse sentido que o território precisa ser pensado em território-rede, uma rede material e imaterial produzida pelas memórias (SAQUET, 2008).

As relações, as redes possuem características ambivalentes, podem ser territorializantes e desterritorializantes, porém, irão facilitar a mobilidade espacial, a construção das teias de relações, vão criar os espaços de grupos menores, de grupos dominantes, são na verdade estratégias que substantivam através do interesse o movimento de quem chegam e quem sai da cidade de Juazeiro do Norte.

Conforme Santos (2007) as redes são, na verdade estratégias para o capital que é social e que desde tempos remotos que as migrações passaram a existir, somente na modernidade é que os sentidos delas, os interesses passaram a se direcionar em favor do capital. Na verdade o movimento de entrada e de saída inegavelmente tece o território e o urbano. As crenças que passam a existir nele são na verdade duas basicamente, a crença na religiosidade, e a crença

no capital, por isso temos os espaços de consumo como templos sagrados também cheios de sentimentos e emoções. Eles são dotados de relações que tecem o território, as paisagens, as pessoas e seus costumes.

Compreender os territórios de igrejas, lojas e shoppings e as teias de relações imbricadas nelas é importante, pois estabelecem pelos diversos atores sociais muitas vezes esquecidos, despercebidos ou anulados desses processos. Compreender esses espaços a partir dessas relações dar sentido e vida aos lugares de Juazeiro do Norte, assim como nos espaços das igrejas como lugares de consumo de bens e mercadorias, de depósito de capital, estes são sempre espaços dotados de redes de relações que traçam consigo e com outros espaços novas e estreitas relações específicas. Fés diferentes são compartilhadas pelos diferentes agentes construtores da cidade e são responsáveis por mover os espaços em favor dos interesses gerais e individuais.

As relações na cidade de Juazeiro do Norte trazem consigo teias que tecem os lugares, os territórios, as paisagens, de acordo como os inúmeros interesses. Nesse sentido os espaços, os lugares carregam consigo essas marcas ao longo dos tempos, temos assim templos, modernos, da cultura, das manifestações das práticas, templos da fé religiosa e da fé consumista. As igrejas, os shoppings, bares, restaurantes, refletem de maneira geral a vida da sociedade contemporânea que tem cada vez mais se auto segregado e evitado a convivência com o próximo.

A cidade de Juazeiro do Norte tem se tornado pouco a pouco a cidade de crédulos diversos, mas em sintonia com espaços de consumo, ou seja, pela força do capital. Enquanto isso, o meio ambiente sente essa ligação que para ele não se manifesta de forma harmônica, portanto o desagrega. Juazeiro do Norte duas faces da mesma moeda, porque o capitalismo contemporâneo faz com que na sua mais perfeita abstração possamos identificar as coisas em harmonias, nas quais, o desigual, o diferente não possa fazer parte, vemos assim, embora não seja assim. Temos um espaço urbano nela, cheio de contradições, de emoções, de sentimentos sucumbidos, de relações preestabelecidas, uma cidade de movimento em constante transitoriedade, mas que nem sempre se manifesta nitidamente.

Absorver a estrutura e as formas de Juazeiro do Norte pressupõe fragmentar e reconstruí seus espaços em sua totalidade, pois esta cidade se constrói pelos fatores religiosos, sociais e culturais, além de incrementar o aumento do consumismo como novas formas e padrões de vidas estabelecidos na era global para as cidades, por isso ela se tornou o lugar das práticas culturais, das igrejas, dos shopping centers, bares e restaurantes e da vida noturna. Em contra partida esses aspectos trouxeram para o meio urbano os problemas ambientais

decorrentes da falta de investimentos em campanhas e políticas públicas para à educação sustentável no município.

A quantidade de pessoas que chega durante o ano todo tem repercutido diretamente sobre os níveis da pegada ecológica da população local. O cotidiano da cidade, comum em cidades de médio e grande porte não deixa de demonstrar os problemas ambientais sérios decorrentes da falta de infraestrutura e de saneamento básico. Para Santos (2010, p. 28) esses problemas decorrem “do aumento na economia do setor terciário, investimentos em infraestrutura, congelamento no transito, poluição e acúmulo de lixo, prostituição infantil, roubo e assaltos, poluição sonora, do ar e visual”, são reflexos das transformações socioespaciais ocorridas na cidade ao longo dos anos.

A falta de infraestrutura durante as romarias e a sobrecarga dos equipamentos urbanos e de transportes são os mais perceptíveis e que remetem à necessidade urgente de políticas públicas para à cidade. Calou e Pereira (2005) destaca que é importante levar em consideração os impactos negativos da produção e armazenamentos inadequado do lixo durante as romarias. Nesse sentido, o meio ambiente deve ser visto a partir da ótica do cuidado e do zelo, sobretudo, em períodos de grande contingente populacional em virtude de todos os serviços se apresentarem sobrecarregados.

A cidade possui mais de 249.000 mil habitantes onde são produzidas mais de 205 toneladas anualmente duplicando em épocas de romarias. Para a SEMACE (2003), a produção de resíduos sólidos torna-se um grande problema sanitário, indo muito além da capacidade de suporte da rede urbana, tem-se por um lado um ganho incalculável para o comércio e, por outro, o comprometimento de todos os equipamentos urbanos e parte dos recursos naturais, principalmente a água.

De acordo com a Secretaria de Saúde do Município o número de doenças respiratórias, intestinais e epidêmicas cresceu bastante, devido à falta de saneamento básico. Calou e Pereira (2005) analisam ao analisar situação geral das condições de saneamento básico no Brasil concluem que é evidente o desafio que o saneamento urbano propõe para o país, em cidades de pequeno, médio e grande porte a situação é praticamente a mesma e se tornou extremamente complexa, em virtude de se procurar a provisão de serviços de saneamento adequado para todas as residências.

A questão dos resíduos sólidos em Juazeiro do Norte tornou-se lógica e preocupante, pois eles contaminam as águas, a contaminação do lençol freático devido ausência de sistemas de coleta de esgotos e disposição inadequada dos resíduos sólidos, incluem a necessidade de se abandonar o pensamento restrito de mero executor de obras públicas, mas constitui em ação

integrada direcionada a preservação da qualidade ambiental, essa é a questão primordial. Tanto para os pontos fixos quanto transitórios nas cidade, segundo Rosendahl (1999) são orientados pelos fluxos e o setor terciário, mais especificamente o comercio e estão sujeitos às acomodações culturais, portanto as trocas e mudanças de hábitos estão sujeito a força das ações e planos políticos direcionados diretamente para à educação ambiental.

CAPÍTULO IV

**A IMPORTÂNCIA SOCIOCULTURAL E RELIGIOSA DOS RANCHOS E DAS
CASAS DE FAMILIAS QUE ACOLHEM ROMEIROS EM JUAZEIRO DO NORTE -
CE**

CAPÍTULO IV – A IMPORTÂNCIA SOCIOCULTURAL E RELIGIOSA DOS RANCHOS E DAS CASAS DE FAMÍLIAS QUE ACOLHEM ROMEIROS EM JUAZEIRO DO NORTE

Este capítulo inicia-se retratando a chegada do romeiro à Juazeiro do Norte assim como os momentos mais marcantes dos primeiros contatos com a cidade santa. Assim que chegam procuram realizar os primeiros rituais sagrados como penitências, passeios sacros, orações, pedidos de graças etc.

Os bairros que compõem o estudo são o Bairro Franciscanos, Bairro do Socorro, Bairro Centro e, Bairro Horto porque neles se encontram o objeto da pesquisa que são os Ranchos e as Casas de Famílias que hospedam os romeiros em maiores quantidades além dos sujeitos representados pelo próprio romeiro e pelo proprietário do Rancho e da Casa de Família.

Este capítulo se dedica também a contextualizar a questão da circulação dos transportes a destacar os caminhões paus-de-arara e os ônibus que estão encontrando fiscalizações nas estradas e rodovias que se ligam a Juazeiro do Norte. Esse fator acarretou algumas mudanças no calendário das romarias, a saída para muitos romeiros foi criar sistema de parceria com outros motoristas também romeiros e esperar que eles lhes avisem quando ela está acontecendo, o dia de chegada ou de saída da cidade depende dessa parceria para quem chega nos caminhões paus-de-arara.

Outro aspecto importante destacado é o fato do romeiro se tornar um elemento cartográfico capaz de sinalizar, direcionar e ressignificar espaços em Juazeiro do Norte, isso é extremamente porque os ranchos e as casas de famílias mais tradicionais e sobretudo, os que não possuem alvará de funcionamento não são fáceis de localiza-los, eles não portam placas ou algum elementos que os possa sinalizar, o romeiro é a pessoa que indica onde e como se chegar neles.

Diante disso, construiu-se o perfil dos ranchos e das casas de famílias transformando-os em apenas uma categoria ampla de hospedagem que reflete a escolha do romeiro, neles são destacados como importantes as trocas, as experiências, as vivências e todos os aspectos fenomenológicos.

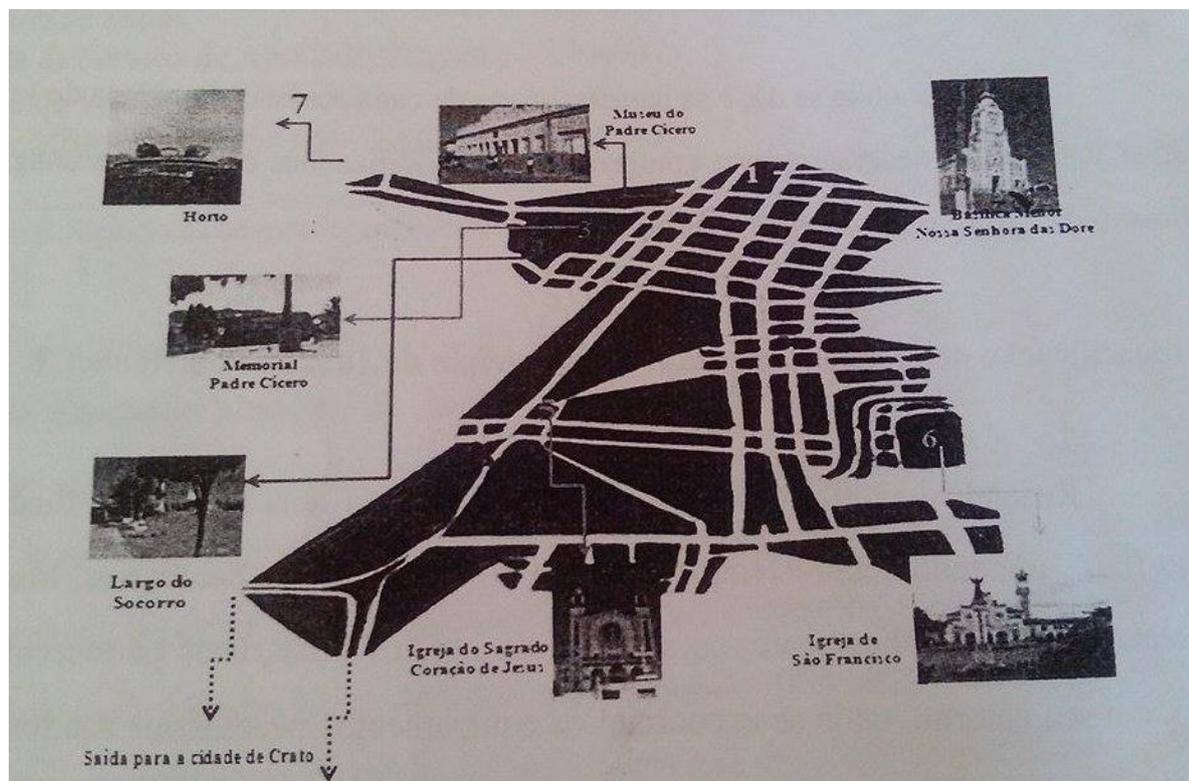
Os hotéis também são partes da construção desse estudo, são outra categoria de hospedagem capaz de sinalizarem diálogo entre o turismo e as romarias, por isso traz uma abordagem diferentemente da clássica que se costuma ter sobre o turismo. Essa construção objetiva-se destacar nos Ranchos e nas Casas de Famílias o mundo perceptivo do romeiro e do

proprietário, mas também da importância destes para o desenvolvimento de Juazeiro do Norte contemplando sua tradição e manutenção dos costumes, crenças e todos seus significados.

4.1 A Chegada à Juazeiro do Norte – Durante As Romarias

Durante o período em que acontecem as Romarias, Juazeiro do Norte se prepara para receber os afilehados de “Padim Ciço”, por isso as ruas (MAPA 03) dos Bairros Franciscanos, Salesianos, Socorro, Centro e Horto ficam enfeitadas para receber e festejar essa chegada que com ela traz a renovação da devoção ao santo da casa. Essas ruas destacam-se em virtude de localizarem os principais pontos de referências ao roteiro da fé na cidade, a exemplos das igrejas, Museus e praças e também por assegurarem grande quantidade de hospedarias nas suas formas mais tradicionais.

MAPA 03 – Localização dos Bairros Centro, Socorro, Horto, Salesianos e Franciscanos em Juazeiro do Norte – CE



Fonte: SANTOS, Regina Maria Vieira dos, 2010.

O Bairro Centro localiza principalmente a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores e o Museu do Padre Cicero, o Bairro do Socorro localiza o Memorial Padre Cicero e o

Largo do Socorro, o Bairro Horto está representado pela subida ao Monumento do Padre Cícero, o Bairro Salesianos está representado pela Igreja do Sagrado Coração de Jesus e, o Bairro Franciscanos pela Igreja de São Francisco de Assis. Com exceção do Bairro Salesianos que possui menos expressividade nessas hospedagens, todos os outros concentram muitos pontos religiosos referenciais e muitas hospedarias, por isso se tornam o foco para muitos estudos relacionados aos aspectos religiosos, culturais e socioeconômicos de Juazeiro do Norte. As ruas desses bairros assistem a chegada em caravanas de ônibus, Vans e Paus – de – Arara, além do grande fluxo de Motos, Carroças, Bicicletas e outros meios de locomoção que costumam se formar para espera-los e acompanha-los fervorosamente na terra santa.

Mesmo tendo o Conselho Nacional de Transito por meio da Agência Nacional de Transporte Terrestre – ANNT proibido a circulação de caminhões paus – de – arara (FIGURA 16) entre os estados deixando-os livres apenas para circular dentro dos municípios, eles ainda chegam a Juazeiro do Norte lotados de pessoas, pois fazem parte das conjunturas cultural e religiosa nas quais para o romeiro asseguram representatividade e evidenciam a sua cotidianialidade, para o romeiro essa travessia configura-se ainda nos aspectos econômicos em virtude de muitos deles dependerem do caminhão pau – de – arara para chegar à Capital da Fé.

FIGURA 16 – Caminhões Paus – de – Arara em Romaria em Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Diário do Nordeste, 2016.

As fiscalizações nas estradas e rodovias que dão acesso à Juazeiro do Norte acarretaram algumas mudanças importantes para o calendário das romarias, os romeiros contam com o sistema de parceria uns com os outros para conseguirem driblá-las e por isso virou costume os motoristas tanto de pau – de – arara quanto de Ônibus combinarem avisar para os demais quando as fiscalizações estão acontecendo.

Isso acarreta mudanças referentes aos dias da chegada e de saída no município, eles podem antecipar ou adiar a chegada e a saída a fim de se evita-la. O romeiro deu o nome de “Parceria” a esse sistema que conta com a cumplicidade de motoristas e busca evitar qualquer problema que possa interromper o percurso da chega e/ou na saída, por isso não se preocupa em antecipar ou protelar um ou dois dias.

O pau-de-arara se consagrou importante na tradição social e como elemento fervoroso na religiosa sertaneja, sobretudo em razão das condições econômicas, tornou-se indispensável e objeto de adoração. Eles costumam chegar repleto de decorações e viraram composições de músicas de artistas que representaram a cultura sertaneja do Nordeste brasileiro a destacar Luiz Gonzaga:

Quando eu vim do sertão, Seu môleço, do meu Bodocó
A malota era um saco e o cadeado era um nó
Só trazia a coragem e a cara
Viajando num pau-de-arara
Eu penei, mas aqui cheguei (bis)
Trouxe um triângulo, no matolão
Trouxe um gonguê, no matolão
Trouxe um zabumba dentro do matolão
Xote, maracatu e baião
Tudo isso eu trouxe no meu matolão (Luiz Gonzaga, 1952).

Os ônibus (FIGURA 17) por sua vez, também são peças importantes do contexto das romarias e também chegam repletos de objetos religiosos. Tanto o pau – de- arara quanto o ônibus sinalizam o imaginário do lugar de origem com o do lugar de chegada perfazendo uma mescla e mesmo um conjunto de significados e tradição popular incluindo os aspectos socioculturais e religiosos justificados nos motivos que os levam a fazer anualmente essa travessia em peregrinação.

Eles são peças fundamentais tanto quanto os paus – de – araras, pois simbolizam aspectos do cotidiano comum do romeiro que se diferem por muitas vezes do turista ou visitante comum. Muitos deles possuem ilustrações dos santos em que são devotos, chegam repletos de fitas coloridas representando o Padre Cicero ou carregam mensagens como textos e frases inspiradas em Nossa Senhora das Dores, Frei Damião e São Francisco das Chagas.

Em sentido de boas vindas para os que os recebem, é comum os cidadãos Juazeirenses os saldarem com palmas e gritos de clamor, dentro dos ônibus os romeiros cantam os benditos

enquanto em sinal de gratos lançam objetos, balas, terços, lembrancinhas de onde vieram para o que os aguardam.

FIGURA 17 – Recepção de Ônibus chegando à Romaria de Juazeiro do Norte - CE



Fonte: A autora (2015)

Os paus – de – arara traduzem fidedigno a realidade dos dias de lutas doromeiro proveniente da zona rural, independente de qual seja o meio de transporte o momento da chegada é um momento ímpar e causa comoção nas pessoas. Essa comoção acontece porque há encontro de vidas e historias no mesmo espaço, eles chegam cantando os benditos e acenando para as pessoas em sinal recíproco de benção, criam um campo de forças simbólico fortalecido no ambiente completamente favorável a essas práticas, eles chegam para pedir ou simplesmente agradecer as graças alcançadas.

Esse momento também se torna ímpar porque é capaz de se fazer nascer amizades e laços duradouros entre povos diferentes e ao mesmo tempo iguais. Isso faz de Juazeiro do Norte uma colcha de retalho costurada pela cultura, religiosidade e tradicionalidade, esses elementos

dialogam e sinalizam misturas de culturas diferentes que para o romeiro é essencial e faz encurtar o tempo da espera da chegada além de sentir-se acolhido na cidade.

Outro ponto a se destacar é o fato de que os romeiros não vão à Juazeiro apenas para pedir graças, não são apenas “pedintes” do “Padim”, além de místico e sagrado para eles essa travessia significa também agradecer o “Padim Ciço”, para os mesmos o santo da casa deseja todos os anos a presença deles na cidade. Não basta pedir e agradecer apenas, as manifestações de fé continuam ano a ano em nome da devoção e no prazer de satisfazer a vontade do santo da casa, agradecer ao “padim” é a coisa mais importante além de rever os familiares, amigos e parentes.

Assim que chegam ainda dentro dos ônibus ou paus – de – arara, o primeiro passo de todo o ritual sagrado que eles concretizam é o de completar três voltas no Largo do Santuário São Francisco das Chagas buzinando consecutivamente o mais alto que puderem, fazer isso representa dizer que estão chegando e demonstrar contentamento por estarem na cidade. Esses transportes se tornam parte da conjuntura simbólica, não dá para imaginar nem pensar o romeiro sem retratar sua trajetória nem excluir o que simbolicamente eles representam para estas pessoas.

Enquanto isso, nas Ruas esses transportes chegam por todos os lados e forma-se filas enormes além de contornam a Juazeiro controlando seus ritmos. Durante a chegada do romeiro Juazeiro marcha lenta e transcende o espiritual, as caravanas de ônibus e paus – de – arara nos faz lembrar de um Rosário imenso e sem fim em que cada um representa uma parte e a soma de todos eles a concretude da fé.

Assim que desembarcam, eles param, olham de um lado a outro, sorriem, se olham, se cumprimentam, colocam a bagagem a baixo, cumprimentam o motorista e também amigo e despacham o transporte, dali para frente, o segundo passo é a hospedagem, mas não como um hospede qualquer pois não são turistas nem estranhos, são de casa, sabem que estão lhes esperando-os. Esses gestos representam o ponto nevrálgico da espiritualidade, dos significados místicos e traduz-lhes a sensação do estar em Juazeiro. É por Padre Cícero, é pela família, parentes e amigos, essa é portanto, a essência das romarias, é por felicidade e gratidão.

4.2 O Romeiro como Símbolo Cartográfico: O Chapéu de Palha e o Rosário

O grande líder religioso de Juazeiro era conhecido até quando visto de longe devido ao modo como se vestia em virtude das suas obrigações sacerdotais e das condições climática naturais locais que o fazia ser visto constantemente com seu Chapéu. O chapéu ficou

representado como um legado deixado por Padre Cícero para cultura nordestina, sobretudo, na vida de trabalhadores rurais que enfrentam diariamente o sol forte da labuta com a terra.

Ao chegarem em caravanas logo são reconhecidos, eles sempre andam em grupos e são reconhecidos pelos instrumentos que carregam consigo tendo em vista o chapéu de palha (FIGURA 18) e também a sua principal fonte de inspiração, sua fonte material de alimento espiritual, seu bem simbólico maior, a arma que o “Padim” lhes deixou, o seu rosário.

FIGURA 18 – Romeiros Identificados pelo Chapéu de Palha.



Fonte: A autora (2015)

Para o Romeiro, usar o chapéu de palha significa a representação do seu povo, o povo o Nordeste que mantem viva suas tradições e reconta suas histórias do passado e presente tendo em vista não apenas as dificuldades enfrentadas em virtude da escassez de recursos hídricos no campo, mas da braveza e gestos de coragem, dos gestos de resistências a todas as intempéries enfrentadas, para eles o romeiro sem o chapéu e sem o rosário não é romeiro.

Esses instrumentos que ele carrega consigo o torna um símbolo cartográfico devido ele poder criar e representar sua própria espacialidade na cidade e através disso criar uma identidade para si mesmo, podendo ser reconhecido facilmente por onde passa. Eles são capazes de recriar, apontar, identificar, dar identidades e redimensionar os lugares atribuindo-lhes e agregando-lhes valores e significado, isso se torna tão importante quando se busca compreender os espaços sacralizados pela fé popular em Juazeiro que não seria nenhum exagero afirmar que qualquer lugar nesta cidade é passivo de se tornar lugar sagrado, portando, redimensionável por conta desse elemento cartográfico.

O romeiro cria em Juazeiro a Cartografa da fé se utilizando do seu contexto histórico e espiritual e lavando para os espaços dessa cidade materialidade e fé, elementos intrínsecos em cidades consideradas sacras. Essa soma de subjetivismo e objetivismos gera valorização e mistérios e se asseguram na fé popular, o romeiro se torna importante porque representa o povo que crê no catolicismo romano, mas que é guiado pelo movimento do catolicismo popular. A fé popular e o romeiro criam essa cartografia para os lugares sem que neles a sua essência história, social, política e religiosa se perca ou deixe de desvelar o conteúdo e o produto social que culminam no conjunto dos papéis dos mais diversos atores sociais.

Depois que chegam à Juazeiro, a segunda preocupação é com o onde ficar, para o visitante ou o turista comum o vai e vem do romeiro é uma coisa extremamente comum e de pouca diferenciação. Sabe-se que eles andam para lá e para cá, gostam de andar em grupos e acompanhados de jovens e crianças, as vezes é possível confundi-los a tantos outros, eles se parecem muito. Quando perguntamos a uma pessoa comum onde eles ficam, geralmente ela responde “muitos ficam em pousada ou rancho”. Eles respondem genericamente porque para eles pousada e rancho parecem ser a mesma coisa ou mesmo porque resultam no mesmo processo, acolher romeiro.

Percebe-lo como elemento cartográfico é importante exatamente para isso, pois Juazeiro do Norte e o Romeiro exercem-se em relações recíprocas, para entender como e porque o Romeiro se torna um elemento cartográfico é necessário compreender essas relações, a cidade exerce uma força que o atrai como um ímã e ele nessa mesma força exerce sobre a cidade sua espacialidade, há portanto uma troca sem que em ambas as partes deixem-se passar despercebido os sentidos da vida cotidiana comum percebido pelo vai e vem instaurando pelo coletivo dos que chegam e dos já estão. Nas palavras de Bomfim (2010) só alcançam esse mérito aqueles que entendem essa troca envolta no campo de emoções e valores humanos longe de dicotomias, inclusive nas relações sociais movidas fortemente pelas emoções;

Embora o aspecto afetivo seja considerado como importante fator agregador do significado, poucos estudos têm se desenvolvido em relação às imagens elaboradas dos habitantes sobre o entorno da cidade, no que diz respeito à sua afetividade, emoções e sentimentos [...] há uma maior prevalência dos fatores cognitivos do que dos afetivos emocionais. (BOMFIM, 2010, p.12).

Estes e tantos outros romeiros são movidos pela emoção e sentimentos de pertencas na fé, mas infelizmente são poucos os estudos sobre a questão urbana preocupados em contextualizá-los da maneira como nos ensina Vigotski (1989, p. 139):

Toda emoção é um chamamento à ação e ao pensamento ou renuncia a eles. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente ou infrutífero no comportamento. As emoções são esse organizador interno das nossas ações e pensamentos que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas relações.

Além de bem simbólico de Juazeiro do Norte, o romeiro se torna um símbolo cartográfico porque aponta as espacialidades e propõe novas interpretações para os lugares movidos a partir da religiosidade popular. Eles dão sentidos aos lugares, e interferem diretamente no material e imaterial da cidade.

Por se tratar de uma cidade incomum, devido seu contexto histórico, social, religioso e cultural do passado e presente, esses atores sociais possuem o privilégio que muitos nativos não os possuem, o de conhecer a cidade para além da sua funcionalidade prática, do comercio, da produção industrial, do consumo durável e não durável.

O romeiro tem em sua consciência a ideia de uma Juazeiro infinita, portanto ilimitável sob o ponto de vista religioso e turístico. Eles conseguem reinterpretá-la, conseguem perceber as mudanças espaciais ocorridas e ainda se dão conta de como consumir todos os seus espaços indissociadamente.

Essa visão ampla os elege como o maior símbolo cartográfico de Juazeiro e isso se torna intimamente importante não apenas para o visitante comum, mas, inclusive, para o turista em particular que diferentemente dele não a conhece muito ou não tem muita intimidade com o lugar, eles veem nele um mapa humano, um ponto de referência e mesmo uma ponte de acesso e de conhecimento dos lugares sacros.

Fazendo uma referência parecida com as plantas e arvores bioindicadoras nas quais apontam os caminhos onde há água, o romeiro se torna, portanto, um sujeito geoindicador. Por onde ele percorre sinaliza os espaços e também uma abordagem nova de Cartografia, a Cartografia da Percepção sinalizada pelas experiências vividas do cotidiano e pelos aspectos fenomenológicos.

Esses símbolos cartográficos também apontam muitos dos seus costumes e da sua cultura de origem, e são importantes nas mais diversas formas de comunicação do cotidiano, são pessoas simples, práticas e diretas e isso facilita a comunicação, são portanto, representativas.

Por possuírem essa capacidade, são capazes também de selecionar os espaços e lhes atribuem informações necessárias e úteis para outras pessoas. Percebendo essa essência do Romeiro, para qualquer estudioso e pesquisador que procure trabalhar com essa questão terá de admitir a importância da existência desses símbolos e das suas formas de espacialidades inclusive porque a cartografia não admite a escolha de símbolos que não tragam nenhuma representação, ou seja, aleatórios, por isso mesmo eles se torna indispensáveis, inclusive quando se busca compreender além dos seus costumes as suas formas de hospedagens.

Esse é um ponto importante a ser questionado para se saber aonde se concentram, aonde se hospedam, qual o perfil das suas hospedagens, por quanto tempo permanecem; essas respostas não seriam possíveis se eles não fossem elementos cartográficos falantes que apontam para onde o pesquisador deve caminhar para os descobri-los mais e melhor. Assim sendo, o romeiro se torna um personagem principal quando o assunto a ser trabalhado diz respeito a religiosidade e romarias em Juazeiro do Norte e o papel do pesquisador é conhecer de perto essa fonte inesgotável.

Sem perceber isso o pesquisador não sabe para onde lhes sopram os ventos na pesquisa, pois tamanha é a dimensão desses estudos e os riscos além da responsabilidade assumida para com os sujeitos envolvidos. Por ser uma cidade em expansão em todos os sentidos e por isso mesmo polarizante, ou seja, capaz de concentrar poder econômico e financeiro sobre as demais cidades da Região Metropolitana do Cariri – RMC, Juazeiro não entrega sua essência facilmente. Isso porque nela estão incluídos todos os seus aspectos sociais, políticos, culturais, religiosos e econômicos mescláveis, e ao mesmo tempo sua dualidade, de um lado a cidade do crescimento vertical, a “selva de Pedra” e, por outro, da tradição, do misticismo, a pluralidade de crenças e costumes.

Por essa razão o romeiro sinaliza algo de seguro para se apegar em meio a tantos caminhos a percorrer, um indicador indispensável. A tarefa de compreender aonde eles se instalam durante os períodos de romarias e os motivos de suas escolhas seria impossível se as respostas não fosse buscadas neles mesmo.

É sabido que localizar esses pontos de hospedagem se torna uma tarefa porque o romeiro não é um turista ou visitante comum, ele se considera um peregrino, afilhado de Padre Cícero que provem na sua grande maioria de realidades precárias não apenas do Nordeste, mas

também de outras regiões do país que formam-se em um conjunto de realidades parecidas. Para localizar onde eles ficam durante esse período requer conhecer essa realidade, pois ela os traduzem e os revelam desde a saída até a sua hospedagem, por isso só é possível identificar esses sinais através deles, sujeitos dotados de fala e discurso, eles são o maior símbolo cartográfico dentro de Juazeiro do Norte.

4.3 Os Ranchos e As Casas de Famílias: Uma Categoria de Hospedagem

De acordo a Secretaria de Turismo do Estado do Ceará – SETUR (2012), no Ceará, o turismo assume 10,8% do Produto Interno Bruto – (PIB) do Estado, quando se fala na qualidade desses serviços a grande rede hoteleira assume o topo da cadeia produtiva relativa ao Turismo em si. Esses dados são importantes para se compreender a economia local de uma cidade onde o turismo também predomina e se expande cada vez mais, porém na grande Juazeiro do Norte há um detalhe importante que obriga o pesquisador a olhar diferenciado para esta atividade econômica, pois ele corre risco de cometer erros crassos.

É sabido que a grande quantidade de turistas e visitantes comuns que anualmente chegam até ela é um fato comprovado pelas diversas pesquisas já então realizadas, o fato desses dados já existirem também favorece ao próprio município controle e fiscalização tanto na arrecadação fiscal resultante do grande fluxo de pessoas, quanto no consumo dos espaços públicos. Isso gera ônus para a Prefeitura local e também segurança para os turistas e para a própria população.

Essa visão faz parte de um contexto geral, pois em se tratando do Romeiro é necessário entender a conjuntura turística através da conjuntura religiosa. O Romeiro não é um turista, nem tão pouco um visitante comum e quando vai à Juazeiro os ranchos e as casas de famílias são as principais opções de hospedagens para eles. O próprio romeiro se traduz se considera um “peregrino” em peregrinação, são pessoas que na sua grande maioria provem de realidades socioeconômicas precárias para as quais Juazeiro passa a lhes representar um paraíso capaz de os distanciar dessa realidade no período em que passam nela. Para Cordeiro (2010) transformar Juazeiro como a cidade do turismo religioso foi um tática do governo local no sentido de gerenciar estratégias governamentais para o próprio desenvolvimento local, por isso a rede hoteleira e de pousadas ganham bastante destaque, mas o romeiro tradicional não se hospeda em hotel ele busca o rancho, a casa de família, ou a pousada.

Os ranchos e as casas de famílias formam uma categoria extremamente ampla de hospedagem, isso porque juntos eles resultam na escolha do romeiro e por outro lado

apresentam diferenças tanto de um rancho para outro quanto de todos eles para às casas de famílias, mesmo estando eles inserido na mesma categoria de hospedagem.

Embora existam diversos hotéis, os ranchos, casas de famílias e pousadas são as opções mais baratas por isso representam a preferência dos romeiros, sobretudo para o rancho ou para a casa de família. Essa forma de se hospeda-lo assume papel de grande relevância para a economia do município além de gerar emprego e renda para muitas pessoas, os donos dos ranchos e das casas de família geralmente vivem da renda extra gerada por eles além de que em períodos fora das romarias outras pessoas também os procuram.

Pensando as condições desses sujeitos e as suas necessidades práticas em Juazeiro, essa categoria de hospedagem é suficientemente capaz de distinguir o romeiro do turista e do visitante comum. Não é o seu poder econômico o responsável por lhes consagrar essa diferenciação, o romeiro traz e gera economia para à cidade, mas ele prefere o rancho e/ou a casa de família, ele simplesmente não se ver em hotel, essa forma de hospedagem não lhe representa nem mesmo em período fora da romaria. O romeiro não se preocupa apenas com a hospedagem em si, mas com a liberdade que tem para sair e voltar quando quiser, o contato próximo com os donos, os preços, os serviços prestados e a quantidade de pessoas, pois eles não querem se distanciar dos amigos e da família. Nos ranchos e casas eles sentem-se à vontade e podem economizar para visitarem os roteiros turísticos e comprar na cidade objetos e lembranças levarem para casa.

Os ranchos e as casas de famílias influenciam na organização e no uso do solo urbano de Juazeiro, tentando entender como funciona a organização, os grupos nos ranchos e as mudanças na rotina do solo urbano da cidade durante esses períodos por meio do cotidiano e das relações sociais preestabelecidas, Cordeiro (2010) decide transformar uma casa residente na cidade e pertencente a sua família em um rancho durante o período da romaria de Nossa Senhora das Dores no ano de 2007.

Nos dias que antecedem a chegada dos romeiros, os moradores desses “ranchos familiares” preocupam-se em esvaziar espaços da casa para ampliar a capacidade de acomodação. Geralmente o fazem armazenando todos os moveis num único cômodo, deixando livres os demais e, na cozinha permanecem mesa, fogão e geladeira ou potes d’água. Ali os romeiros se instalam em redes e colchonetes trazidos pelos próprios. Muitos dormem no chão forrado com colchas de tecido de rede quem compram no comercio local. (CORDEIRO, 2010, p. 180).

Essa categoria de hospedagem abriga o romeiro com sua família, amigos e parentes, assim como também as pousadas, porém em menor quantidade, já os Hotéis abrigam o turista

e mesmo o visitante comum. Essa diferença existe porque resulta das questões socioculturais e se imbricam nas discussões sobre turismo e romarias.

Stronza (2001) ao se referir ao turismo religioso indica a que há uma tendência de se relativizar essa dicotomia, dando mais enfoque para o lócus, mas ao mesmo tempo deslocando a problemática da distinção entre turista e romeiro. Até a presente data essas distinções ainda geram receio pois não é possível superá-las apenas pelo consenso, são duas categorias aparentemente próximas e parecidas, porém cada uma com suas especificidades.

Ao consumir os espaços de Juazeiro o romeiro desloca o sentido da vida comum do solo urbano e o transcende para o campo espiritual, quando estão na cidade não há nada capaz de se sobressair nem mesmo de se destacar frente a sua espiritualidade e fé. Não há ninguém capaz de dizer durante o período de romaria que a cidade está cheia de turistas porque simplesmente não faria sentido algum, Juazeiro fica cheia de romeiro, os hotéis superlotam, mas o romeiro permanece nos ranchos, nas casas de famílias e pousas porque não são turistas e a forma como consomem e dão sentidos ao espaços lhes consagra como romeiros.

Assim sendo, o romeiro está para o rancho e para a casa de família e vice versa como o hotel está para o turista. Essa diferença fica marcada e nítida porque as romarias são responsáveis pela atração turística e não o contrário, ou seja, o turismo pelo consumo em si da paisagem urbana não exerce potencialmente mudança no sentido da vida comum já as romarias arrasta consigo para o solo urbano mudanças, organizações de grupos de pessoas e demarcam territorialidades, as romarias emergem significados e identidade, por isso Juazeiro é a capital da fé.

4.4 O Perfil e a Organização dos Ranchos

Existem diversos ranchos em Juazeiro do Norte, há aquele rancho legalizado sobre o qual porta alvará de funcionamento e recebe visitas de fiscalizações e há também vários outros ranchos que resultam na maioria funcionando sem alvará e sem fiscalização. Eles estão localizados praticamente em toda parte nos Bairros Franciscanos, Socorro, Centro e Horto, devido a forma como funcionam nem sempre estão em evidencia exceto os legalizados pela prefeitura e secretaria de meio ambiente e turismo da cidade.

A maior parte deles não se evidenciam rancho (FIGURA 19), por isso não é fácil a tarefa de encontrá-los, inclusive quando se busca pesquisar sobre eles e conhecer de perto a sua organização, é necessário que se crie um ambiente de amizade com os donos, eles não estão

sempre disponíveis a participar de pesquisas assim, por isso criar o clima que favoreça é essencial.

FIGURA 19 – Rancho Adaptado, Rua da Conceição, Bairro do Socorro em Juazeiro do Norte - CE



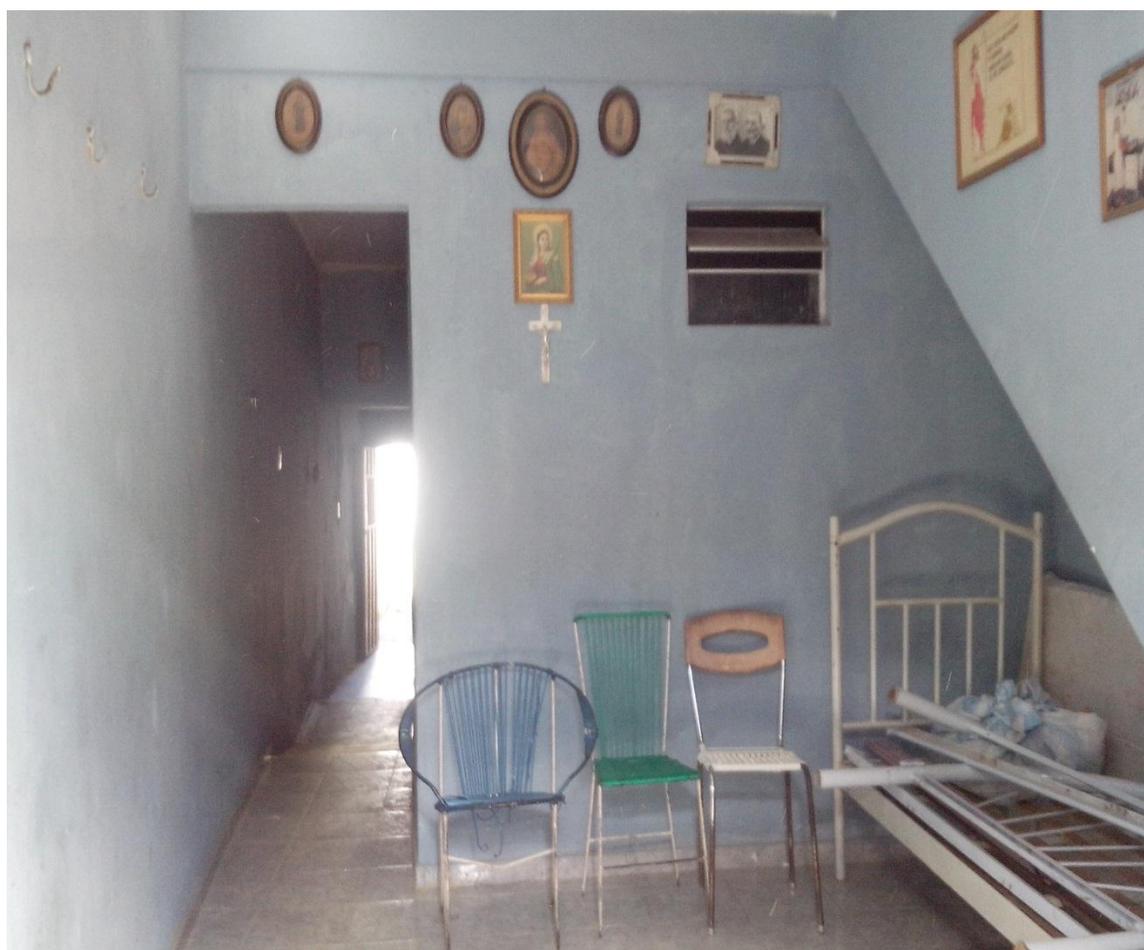
Fonte: A autora (2015)

Como a prefeitura tem exigido dos donos toda a formalidade e parte burocrática no sentido de legaliza-los eles sentem-se acuados, pois sabem que tais medidas implicariam diretamente na sua forma de obter renda. O sentido das fiscalizações é ampliar tanto o poder quanto o controle tanto de arrecadações fiscais como também da segurança e condições de salubridades básicas para o romeiro.

Os Ranchos estão dentro de uma categoria de hospedagem bastante ampla, solta e até mesmo abstrata, por isso não é fácil identificar todos de uma só vez. Como o romeiro não fica instalado apenas nos ranchos legalizados e é difícil identificar os outros onde não há nada

evidenciando-o, segui-lo é a opção mais adequada, o romeiro nos dá esse norte, pois é um símbolo cartográfico e assim podemos descobrir suas outras formas de hospedagens, o perfil delas e os motivos das suas escolhas. Esses ranchos (FIGURA 20) não ficam em evidência a menos que o romeiro os evidenciem e possa nos indicar na sua percepção a importância deles para o romeiro, para as romarias e para a cidade em si.

FIGURA 20 – Rancho Adaptado, na Rua da Conceição/Juazeiro do Norte – CE



Fonte: A autora (2015)

Por outro lado, não é difícil encontrar os ranchos legalizados (FIGURA 21), eles ficam em evidência, portam placas sinalizando que são ranchos e geralmente são identificados por nomes ou sobrenomes da família ou por nome em devoção a algum santo. Esses ranchos possuem estrutura física de qualidade, são fiscalizados com frequência e por isso são mais caros, mas mesmo assim o romeiro gosta de se instalar nele porque ainda representam economia frente aos preços cobrados por hotéis e diversas pousadas.

Isso não quer dizer que os outros ranchos não possuam eficiência ou qualidade nos serviços prestados, mas esses nem sempre comportam oromeiro e toda a sua família, esse fato também influencia na sua escolha entre um rancho legalizado ou não, geralmente os mais simples são menores e configuram a maioria, porém existe essa restrição sendo que oromeiro possui uma personalidade bastante conhecida, ele não quer se separar do grupo família, ou das pessoas que vieram com ele, faz parte do ritual, chegar, se hospedar, e voltar com as mesmas pessoas, pois para eles simboliza harmonia, além de conseguirem negociações nos preços cobrados pelas hospedagens.

FIGURA 21 – Rancho Legalizado Padre Cícero, Rua da Matriz, próxima a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, Bairro Centro – Juazeiro do Norte – CE



Fonte: A autora (2015)

Geralmente nos mais simples e tradicionais a cor é um elemento diferenciável, eles ficam em evidências pelas cores fortes e chamativas extremamente situáveis, o tamanho também bastante notório além das diferenças dimensionáveis entre eles e as casas comuns na

vizinhança. Todos os outros, em contrapartida, funcionam sem os requisitos exigidos pela prefeitura e fiscalização ambiental do município e, não obstante, esses somam a maioria existente ali.

Por não apresentarem elementos evidentes de um rancho eles podem passar despercebidos pelas pessoas comuns, pela secretaria de meio ambiente e pela vigilância sanitária. Esses ranchos são camuflados exatamente para isso, apenas o romeiro sabe de cara quando ali funciona um rancho, pois suas experiências com as romarias lhes garantem convívio com o espaço vivido de Juazeiro mais do que o próprio cidadão Juazeirense.

É difícil identificar esse rancho solto no espaço de Juazeiro porque na verdade funcionam como casas comuns transformadas em ranchos nas principais ruas dos Bairros Franciscanos, Socorro, Centro e Horto. Embora o rancho as casas de famílias estejam amarrados na mesma categoria de hospedagem há diferenças entre ambos e elas existem tanto de um rancho para outro, quanto deles mesmos em relação às casas de famílias.

O rancho tradicional e legalizado (FIGURA 22) é um espaço extremamente grande e se configura aos mais antigos na cidade, se assemelha a verdadeiros galpões com grande quantidade de armadores de rede para comportar o maior número possível de romeiros. Há uma cozinha grande, dois ou três banheiros, duas ou mais caixas de água, muro espaçoso e várias tomadas para ventiladores. Para chegar até eles, os romeiros ligam antes, agendam os dias e a quantidade de pessoas, ou seja, o reservam períodos antes, negociam preços, formas de pagamentos etc.

Os ranchos sem alvarás de funcionamento existem nas seguintes características, são casas adaptadas para rancho não parecidas como galpões como os citados acima e nem muito grandes, muitos são casas pequenas, podem ser desde casas comuns como também apartamentos funcionado também como ranchos o que lhes tornam rancho é a sazonalidade das hospedagens.

Quase todas as principais ruas destes Bairros citados localizam esse tipo rancho e também as casas de famílias e a principal diferença entre esses dois consiste na seguinte razão, o rancho independente de ser ou não legalizado, ou seja, de ser ou não uma casa ou apartamento adaptado é um espaço característico pela sazonalidade da hospedagem, ele é completamente locado para o romeiro durante os dias de romarias, porém, durante o tempo em que não há romarias ele permanece fechado e sem funcionamento, pois neles não mora ninguém.

Quando se tem um rancho em uma casa apropriada eles variam muito pois existem em maior quantidade na cidade e por isso os preços chegam a variar muito. Por representarem a escolha do romeiro junto com as casas de famílias se tornam extremamente importantes para a

economia e para o desenvolvimento local, eles representam extrema força econômica ativa para Juazeiro do Norte.

FIGURA 22– Rancho Tradicional, Localizado na Rua Padre Cícero, Bairro Centro, em Juazeiro do Norte – CE



Fonte: A autora (2015)

Em cada rancho é possível encontrar aspectos e respostas diferentes porque recebem públicos diferentes em diferentes romarias e de diversos estados do Nordeste. Segundo Frei João, responsável pelo Centro do Romeiro (FIGURA 23), localizado no Santuário dos Franciscanos, no Bairro Franciscanos, a maioria dos romeiros, cerca noventa por cento provêm da roça tendo na fé o aspecto mais relevante, os ranchos lhe representam a possibilidade de passar mais do que um dia ou uma tarde em Juazeiro, é uma forma de hospedar sem pesar na economia do romeiro, os serviços prestados acomodam o romeiro e lhe deixa satisfeito e

confiante de um possível retorno na próxima romaria, o rancho deve lhe acolher com toda a sua fé.

FIGURA 23 – Centro de Romeiros, Localizado na Rua Pimpim Almeida, Bairro Franciscanos, em Juazeiro do Norte - CE



Fonte: A autora (2015)

Ainda segundo Frei João, como não há investimentos por parte do governo federal nem estatal “a primeira leva de romeiros” geralmente é custeada por políticos, eles costumam financiar a ida dos romeiros e providenciar também ranchos para se hospedarem durante as romarias, geralmente isso acontece logo na primeira grande romaria do ano, a romaria de Nossa Senhora das Candeias no mês de Fevereiro; pessoas, grupos políticos das cidades de onde eles vêm também organizam caravanas para trazerem os romeiros, chegando a custear parte das viagens e hospedagens deles.

Se por um lado existe essa organização social, por outro há também quem está por traz, por isso, Cordeiro (2010) explica que o cenário de Juazeiro do Norte não se resume na dimensão religiosa, mas também política por isso não é tão simples a tarefa de compreendê-lo.

No município de Juazeiro do Norte as romarias mobilizam apropriações distintas pelos participantes, pela Igreja e pelo Estado. Cada um desses agentes articula de forma própria aspectos simbólicos e sociais que tem por função ordenar o fenômeno e constituir-lo enquanto veículo que suporta valores e símbolos estruturantes de modos de ser e viver no mundo naquela sociedade. O processo migratório responsável pela constituição de Juazeiro do Norte como uma das maiores cidades do interior do Nordeste também tem o seu lugar na construção de significados para as romarias. (CORDEIRO, 2010, p. 23).

Os ranchos representam o lugar transitório tanto para o proprietário quanto para o romeiro. Ele chega, se hospeda nele e vai embora cheio de saudade e na promessa do retorno na próxima romaria ou próximo ano. Esse espaço garante transformação e transitoriedade é portanto, redimensionável. Para o proprietário que o cede a sua preocupação é encaixar o romeiro e acomodá-lo durante a romaria na terra santa, seu dever é garantir seu bem estar para que ele sintá-se bem e acomodado dando-lhe permissão para ele poder deixá-lo a seu gosto e assim, demarcar simbolicamente pelo registro material e imaterial sua estadia. Eles, em partilha dos mesmos valores e pensamentos o costumiza, agregam valores cheios de representatividade e simbolismos, o transformam em um cenário religioso e cultural e impregnam na paisagem dos ranchos o conteúdo e a essência maior das romarias, a fé popular.

Os ranchos e as casas familiares remontam aos costumes e tradições do Nordeste bem como a representação da hospitalidade, o acolhimento, as partilhas dos contos e histórias dos mais velhos. As histórias se repetem e são contadas também pelos mais novos, nisso a tradição se plurifica e se consagra nas idas e partidas, entre um rancho e outro, entre uma casa de família e outra.

O aspecto locacional deles também é um ponto extremamente estratégico além de histórico, se ao chegar, a primeira preocupação do romeiro é com o aspecto locacional, então o rancho, em especial os ranchos adaptados estarão entre os principais pontos do roteiro da fé e ele não sentirá dificuldades para encontrá-lo caso não tenha feito a reserva dele antes da partida. Mesmo não portanto placas sugerindo ali a existência de um rancho, o proprietário sabe e não subestima a sabedoria do romeiro, de uma forma ou de outra ele chegará até ele.

Os Bairros Franciscanos, Socorro, Centro e Horto formam um mosaico dessa categoria de hospedagem. A criação do Centro dos Romeiros, localizado no Santuário dos Franciscanos, no Bairro Franciscano nos anos de 1970 por Frei Virgílio como destaca Frei João, atual responsável, foi o ápice para o nascimento dos mais variados tipos de ranchos e formas de hospedagens.

Ele foi criado sob extremas dificuldades mesmo tendo apoio e como parceiro o ex governador Aduino Bezerra na época. Este centro do Romeiro sinaliza o acesso à Juazeiro, pois

a maioria dos romeiros são pessoas extremamente carentes, nem sempre podem pagar de uma só vez pela hospedagem, por isso negociam antes, durante e depois da romaria. Este rancho é bastante procurado, sobretudo, na romaria de nossa Senhora das Dores no mês de Setembro exatamente por ter essa flexibilidade de preços e prazos de pagamentos, nisso, ele cria uma clientela fixa, portanto, uma parceria recíproca.

Em todos os ranchos cobra-se taxas que variam muito de um rancho para outro, variam por Bairro, por duração do tempo de hospedagem, por números de pessoas e serviços prestados por isso em cada rancho há uma resposta diferente. Embora juntos eles resultem na maioria eles não são homogêneos, variam bastante e mesmo assim monopolizam a escolha o romeiro porque ainda sim, são a hospedagem mais barata e que lhe deixam à vontade.

A nomenclatura Rancho está associada diretamente às condições do romeiro, poucos deles oferecem alimentação, geralmente o romeiro é responsável pela sua alimentação, a preocupação maior é com a hospedagem e acomodação. Em contrapartida, há ainda outros ranchos preocupados com esse fator, os donos combinam com o romeiro no que podem contribuir com a sua alimentação. Se o rancho comportar um grupo pequeno de romeiro, o proprietário geralmente lhes oferta café da manhã, e/ou almoço de jantar.

O romeiro procura ranchos maiores em virtude da alimentação também ser uma grande preocupação. Esse rancho maior possui cozinha, fogões, geladeira, e todos os utensílios indispensáveis de uma cozinha. Eles se preocupam em fazer a sua própria comida, principalmente se vierem em grupos enormes, eles não permitem a desagregação destes grupos daí um rancho maior com essas condições se tornar a suas preferências.

Segundo os proprietários dos ranchos legalizados as taxas são referentes as exigências do romeiro e aos impostos pagos por eles para manterem os ranchos ativos. Esses ranchos contam com legalização de cunho Trabalhista, Municipal, Federal, contando ainda com a prefeitura local e vigilância sanitária.

Nos ranchos tradicionais os romeiros se acomodam em redes ou sob colchões amontoados ao chão, por isso cada rancho tem o compromisso de lhes garantir além de segurança durante a hospedagem boas condições de higiene do local. Como a maioria dos ranchos e das casas de famílias não dispõem de cadastro que é realizado pela prefeitura junto com a Secretaria de Meio Ambiente, essas condições básicas de higiene nem sempre são garantida, assim como também dos aumentos sobre as taxas cobradas por cada um, ou seja, mesmo sendo os ranchos a categoria de hospedagem mais procurada há ainda alguns pontos negativos diante das condições físicas ofertadas por muitos.

Os ranchos legalizados funcionam em parceria com a companhia de água e esgoto do estado do Ceará – CAGECE para atenderem a grande demanda durante as romarias anualmente. Acontece que existem muitas formas de hospedagem na terra da mãe das Dores, mas o romeiro prefere mesmo o rancho por ser um lugar mais simples e mais barato. Os caminhões paus – de – araras chegam a todo momento, essa forma de se hospedar à moda antiga gera expectativas tanto para o dono do rancho quanto para o romeiro que espera encontrar os mesmos serviços no rancho em todas as suas estadias, por isso cria-se uma tradição entre eles.

Segundo a Secretaria de Cultura e Romaria da cidade neste ano passado de 2015, na romaria de Nossa Senhora Das Dores no mês de Setembro, aproximadamente trezentos e cinquenta mil romeiros estiveram em Juazeiro e sua maioria se hospedou em ranchos e casas de famílias.

Os ranchos parecem ser o lugar igual para eles tanto o rancho legal quanto o rancho adaptado, ou seja, aquela casa comum esvaziada e transformada em um rancho menor. Como as caravanas de romeiros se apresentam de pessoas de todas as idades, idosos, adultos, jovens, crianças, bebês, de vários lugares, muitas dessas pessoas viram clientes antigos e mantêm a tradição com a família de ir a Juazeiro todos os anos.

Para eles não é nenhum problema dividir o quarto com mais vinte, trinta ou quarenta pessoas já que em pouco tempo eles constroem laços de amizade e se saúdam durante a partida uns dos outros. As pessoas destinadas a cozinhar para todo esse pessoal também estão ali cumprindo promessas nesse sentido, ou seja, a organização dos ranchos conta com pessoas envolvidas diretamente com o bem estar de todos, cada um procura desempenhar uma tarefa e pelo coletivo tem-se o resultado desta organização.

Para os jovens romeiros a capital da fé representa a manutenção e renovação da fé católica e popular dos seus pais, avós, tios, amigos, colegas, parentes etc. Eles aproveitam também para fazer compras de produtos dos quais não existem ou são extremamente onerosos na sua terra natal. Os ranchos ofertam momentos de entrega para o romeiro, há o encontro do romeiro consigo mesmo e com o próximo nessa categoria de hospedagem, Sennett (2012) ao apontar os caminhos para reforçar a cooperação entre as pessoas explica quais caminhos a humanidade tomou para torna-la cada vez mais débil na nossa sociedade, nisso ele busca levar a cooperação o mutualismo como o elemento mais importante para se trabalhar juntos no coletivo, os ranchos possuem essa características onde todos se misturam, rezam e partilham das memórias vivas. Muitos ranchos chegam a hospedar cerca de seiscentos hóspedes por isso é preciso planejamento no qual não seria viável se estas pessoas não estivessem dispostas a colaborar cooperativamente uns com os outros.

4.5 As Casas de Famílias: Entre Famílias

Para a Igreja Católica, a maior festa religiosa de Juazeiro do Norte é a romaria de finados ou romaria da esperança porque atrai cerca de meio milhão de pessoas todos os anos, esse contingente de pessoas busca entre hotéis, pousadas, ranchos e casas de famílias para se hospedar, elas acabam entrando em cena e conquistando um papel importante durante as romarias de Juazeiro do Norte.

Juntos, as casas de famílias e os ranchos conseguem dar de conta dessa demanda de pessoas que chega à Juazeiro porque estão em praticamente toda a cidade, sobretudo, as casas de famílias. Tanto na romaria de Nossa Senhora das Candeias, em fevereiro, quanto na romaria da esperança em novembro, é comum encontrar muitos romeiros com suas famílias instalados nessas casas. Os romeiros ligam antes, marcam dia e horário da chegada; os donos das casas logo se organizam com a vizinhança, pedem objetos tais como utensílios de cozinha emprestados, esvaziam parte dos cômodos, fazem a limpeza da casa, retocam a tintura, retiram o estoque de redes guardado no armário e também o estoque de pratos, xicaras e talheres separados nos armários da cozinha, espalham colchões, tudo tem de estar bem preparado pois a casa vai receber pessoas de fora, parentes, amigos, vai receber os afilhados do “padim Ciço”. Há outro detalhe importante na ornamentação das casas de famílias, é necessário deixar o oratório da sala de estar bem preparado para que o romeiro encontre na casa de família o mesmo que seria encontrado na sua casa na sala de estar.

Dois motivos claros indicam os motivos que levam o dono ou dona de casa a receber romeiros na sua residência em Juazeiro, como a população desse município atualmente é composta basicamente em sua maioria por romeiros de outras gerações agora fixados em Juazeiro, estas pessoas geralmente cumprem promessas em receber estas pessoas em suas casas e acabam fortalecendo essa atividade como uma tradição familiar.

Transformar a residência em um abrigo (FIGURA 24) para o romeiro é agradecer as graças alcançadas no Padre Cícero, ou seja, muitas pessoas fazem isso por devoção, por entender a importância da hospedagem familiar para as pessoas que hoje fazem essa travessia à terra santa, elas sentem-se representadas e o mesmo tempo representam por outro lado o papel das pessoas que abrigam o romeiro em suas casas. Para muitos trata-se de um divertimento, sobretudo, para os mais idosos, pois veem os parentes vindos de longe e nisso sentem-se realizados por contribuírem pela manutenção da fé do romeiro.

Outro motivo pertinente se traduz na economia e renda advinda desta atividade, geralmente são as pessoas idosas que têm um histórico grande com relação a essa forma de hospedagem e por isso se passa de geração a geração. Devido muitas dessas casas serem

enormes, elas conseguem acomodar bastante romeiro, quando isso é pensando em uma categoria mais ampla, ou seja, mais geral, o que se percebe-se é, elas dão sentido e força econômica e impactam positivamente na renda familiar e na economia de Juazeiro, essa atividade se consagra como um ofício lucrativo e gerador de rendas para muitas famílias.

FIGURA 24 – Casa de Família. Preparação da Sala de Estar durante o período de Romaria em Juazeiro do Norte - CE



Fonte: A autora (2015)

Essa forma de hospedagem tem se consagrado na tradicionalidade do lugar frente as situações comuns do cotidiano, cria-se laços e relações permanentes e o romeiros deixam de ser um visitante, ele passa a se envolver em uma relação para além da amizade ou seja, se torna alguém da família. Nem todas as pessoas de Juazeiro recebem romeiro em suas casas embora em praticamente toda a cidade saiba-se que há romeiros em período de romarias, essa atividade

é comum nas famílias que já possuem um histórico nela e hoje buscam seguir em frente fazendo dela uma alternativa importante na renda familiar.

A maior parte das pessoas envolvidas nessa atividade é de pessoas idosas, algumas viúvas, outras separadas, com a família etc. Quando lhes perguntam como tudo começou essas pessoas explicam mais ou menos como Dona Maria José, aposentada de sessenta e oito anos:

Faz tempo, minha avó nascida e criada em Ouricuri, tinha uma promessa com meu Padim Padre Cicero, ela veio pedir a graça, alcançou e todos os anos vinha agradecer na romaria de Nossa Senhora das Candeias, em fevereiro ou na romaria de Nossa Senhora das Dores, em Setembro. Chegou um tempo que ela preferiu ficar logo em Juazeiro e começou a receber a família que havia ficado na terra natal dela, daí pra frente, a própria família trazia mais gente de lá, com o passar o tempo ela foi recebendo mais romeiro de outros cantos, porque não tem como, nas buscas constante deles para encontrar lugar para ficar, eles acabam encontrando, e foi assim que começou. Vendo ela que dava certo para muita gente da rua e já que já havia começado, ela resolveu seguir em frente e isso foi passando de geração à geração. Em Juazeiro existem muitas casas de famílias para o romeiro ficar, ele não fica na rua desamparado e nem as pessoas aqui ficam disputando por ele porque veem muitos, o tamanho de Juazeiro é o tamanho que cabe romeiro (Depoimento de uma Entrevistada).

Essas pessoas sabem da importância da casa de família para o romeiro e da incrementação da renda com a atividade em si, elas demonstram uma noção de espacialidade de Juazeiro extraordinária, quando neste relato, Dona Maria José fala da dimensão espacial de Juazeiro ela entende através da sua empiria o tamanho da cidade o seu papel durante as romarias, ou seja, receber o romeiro.

Essa fala se estabelece com várias outras pessoas, elas têm em comum as portas abertas para o romeiro e sua família e o permite estabelecer além de vínculos e amizades relações extremamente próximas e ligadas ao convívio e cotidiano. Seu Acácio e sua esposa, Dona Elisabete explicam:

O romeiro é uma figura importante para Juazeiro, e Juazeiro é uma cidade importante para o romeiro. Quando ele vem e nos procura, a gente entende que não se trata apenas de um pedido de hospedagem, mesmo eles pagando para ficarem. Eles querem além de se acomodar, conversa, diálogo a gente não consegue fingir que isso não faça parte, porque são pessoas como a gente vinda de fora e que aqui encontrou abrigo e acolhimento. Não é apenas um encontro esperado de donos de casas de famílias, rancho, pousada ou qualquer outra forma de hospedagem com o romeiro, é um encontro de Estados, vem gente da Paraíba para à casa de alguém do Pernambuco, vem gente do Rio Grande do Norte para à casa de alguém de Alagoas, vem gente de todo o Nordeste e outras Regiões também. Essas pessoas trazem com elas a representação das suas cidades e aqui se misturam com as nossas representações de Juazeiro do Norte. Quando elas buscam a casa de família a gente entende que elas buscam uma família aqui em Juazeiro, se o dono não sente o romeiro como sendo da sua família, ali ele não vai se sentir bem nem a vontade, por isso que não é todo mundo que consegue transformar a sua casa em uma hospedagem para o romeiro, não dá para fingir, ou gosta ou não gosta de hospedá-lo (Depoimento de um Entrevistado).

Na porta dos nos ranchos é comum avistarmos os ônibus e alguns paus – de – arara, mas esse romeiro ainda possui um ponto diferencial, ele também vem de paus-de-arara, mas, há romeiros de estados como Paraíba e Pernambuco vindos a pé até Juazeiro do Norte. A preferência deles é, sem dúvidas pelas casas de famílias e quando perguntados, há todo um histórico por traz de cada resposta deles, por exemplo, esse romeiro hospedado nas casas de famílias tem algo diferenciado dos demais, além da sua ida a pé ele também carrega laços construído com essas famílias, ali donos e romeiros tornam-se amigos, compadres e até vizinhos.

Esse romeiro caminha por três dias do Estado da Paraíba até Juazeiro do Norte e ao chegar na casa de família é bem recebido e já tem nas primeiras horas do anoitecer sua janta a lhe esperar sempre quente e acompanhada pela sobremesa de um café bem feito e cheiroso. São pessoas com mais de setenta anos, muita experiência para contar, verdadeiras histórias de vidas, dias de lutas, de glórias, de esperanças, de choros e confortos na terra do “padim”.

Quando lhe é perguntado de onde vem tanta força e fé, geralmente um romeiro responde e todos os outros silenciosamente concordam “primeiramente de Deus e segundo, do meu Padim Padre Ciço”. Eles sentem-se acolhidos pela boa conversa, pelas risadas, e entregam seu coração na terra do “padim”.

Parece uma correria acolher o romeiro em casa mas, a família toda se prepara antes para recebe-lo, dono ou a dona esvazia e sede parte da casa para o acolher, a família não sai da casa ela permanece ali nos outros cômodos. Dependendo da quantidade de gente, os donos decidem se ficam com os primeiros ou os últimos cômodos da casa, geralmente esta decisão é feita depois de confirmada a quantidade de romeiros.

Geralmente as casas de famílias possuem dois banheiros ou mais para evitar transtornos ou congestionamentos, tudo é pensado para o romeiro se sentir realmente acolhido. Dependendo de como tenha sido acordado a acomodação, o romeiro faz suas refeições junto com o pessoal da casa. Existem romeiros que simplesmente preferem comer fora e não na casa onde ficam, outros porém, buscam nas casas de famílias usufruírem de todos esses serviços e como elas possuem esse diferencial, então eles não precisam se preocupar com mais nada, tudo depende de como tenha sido acordada a acomodação.

Essa forma de hospedaria recebe esse nome exatamente porque os donos com toda a sua família permanece nela enquanto recebe o romeiro com a sua família, parentes e amigos. Há um encontro entre as famílias e culturas longe de toda e qualquer forma de etnocentrismo porque existe diálogo entre elas e nenhum deles é visto como alguém aquém da realidade de casa pessoa nascida e criada em Juazeiro.

Para receber alguém tão importante quanto estes, a casa passa por algumas modificações notórias, ganha muito decoração e fica a cara doromeiro. Elas assumem similaridades com as casas doromeiro, pois logo ao entrar nelas vê-se de cara o Sagrado Coração de Jesus e demais santos enfeitando toda a parede da sala de estar.

Quando ele chega ao rancho é de costume que ele também o enfeite a seu gosto sem deixar faltar esse símbolo de força e fé maior no catolicismo popular o sagrado coração de Jesus, o fruto da renovação espiritual para oromeiro.

Essa sintonia ligada aos símbolos e a espiritualidade lhes garante a ideia do seu lugar, do seu espaço vivido, pois assume a forma de um ponto no espaço onde todas as significações culturais e individuais se concentram, ou seja, na casa de família.

A casa de família é um ponto interessante porque assume as formas do cotidiano onde pessoas se colocam diante umas das outras pelas relações harmônicas ali preestabelecidas, nisso, através da espiritualidade e seu modo de viver e conviver com o mundo garante o diferencial e o fundamental da ideia do lugar, o pertencimento.

Ao compreender o lugar e o espaço vivido dentro de espaços sagrados, Rosendahl (1999) define o lugar pelo sagrado como um campo de forças e de valores capaz de elevar o homem religioso acima de si mesmo e lhe distinguir de si mesmo diante da sua existência.

Oromeiro sente seu mundo vivido representado a partir do contato com essas pessoas, seu mundo da sua terra natal não se distancia do tempo do agora vivido na casa de família. Estas pessoas estão comprometidas com um universo de significados simbolicamente existentes e representáveis, seu cotidiano indica muita coisa relacionada não apenas a forma como vivem, mas como pensam e representam-se no espaço.

É um mundo cuidadosamente perceptíveis e bastante acentuado e contrasta com o universo científico e seus padrões de relações, as ruas e as calçadas não apenas continuidades visíveis do lado de fora da casa de família e mesmo dos ranchos, não são espaços vazios ou desprovidos de conteúdo essencial, são parte em que os costumes, as conversas jogadas fora no final da tarde e do café depois do jantar sempre se repetem.

Tanto as casas de famílias quanto os ranchos são pontos de encontros e de depósitos ilimitáveis de memórias, embora sejam um lugar de passagem e de acolhida temporária. A história deles está ligada diretamente a formação do núcleo urbano de Juazeiro, pois a maioria dos proprietários sãoromeiros que se fixaram na cidade e hoje entendem a importância do rancho e da casa de família para oromeiro por isso resolveram entrar nessa atividade.

Esseromeiro fixo hoje em Juazeiro acolhe sua família vinda da sua terra natal e também amigos e parentes. Algumas casas de famílias recebem apenas pessoas da própria

famílias, geralmente essas pessoas não pagam para se instalarem, elas ajudam a costear as despesas da casa durante os dias em que passam nela.

Quando a casa é bastante espaçosa, a proprietária ou proprietário recebe cerca de mais de vinte pessoas, dependendo da quantidade, os proprietários chegam a ocupar menos de dez por cento do espaço dela reservando-a para o romeiro. Quanto mais melhor, porque eles simplesmente vivem dessa atividade há anos e repassam para seus filhos o ofício de acomodar romeiros durante as romarias.

Como virou tradição, os filhos dos proprietários das casas de famílias casam-se e constroem suas famílias e passam a receber o romeiro em casa. No início acontece por indicação, o excedente de uma casa passa para a outra, pois as famílias dos romeiros não querem se separar então quanto mais casas próximas para os recebe-los, melhor.

Fora das lentes de um observador comum, um olhar antropológico aponta relações específicas dentro do contexto da realidade dessas pessoas onde segundo Eco (1984) se dar as melhores formas para se entender a realidade social, a partir das pessoas, onde ela pode ser construída de acordo com o que se vê em maior ou menor intensidade. Assim sendo, indissociavelmente as casas de famílias forma o conjunto de códigos simbólicos dos quais em Geertz (2003) dar permissão para muitas interpretações a partir das emoções humanas.

4.6 Os Hotéis e o diálogo com o Turismo Religioso: Um outro conceito de Hospedagem e de turismo.

De acordo com a teoria dos Sítios Simbólicos fortemente pautada no pertencimento, o turismo é analisado a partir de uma nova leitura em que os valores imateriais são transformados em valores econômicos (ZAOUAL, 2008). Isso pressupõe de imediato aceitarmos que o turismo de massa apresenta grande declínio em diversas partes do mundo, daí a necessidade de compreendermos as novas formas de turismos no mundo contemporâneo, sobretudo, no turismo religioso.

Ao longo dos anos percebeu-se que essa nova forma de pensar o turismo em si está ligada a diversos setores da sociedade bem como como à cultura, à política, à economia local, aos aspectos de cunho religioso e também à natureza, porque a ideia de pertencimento está presente em todas esses aspectos.

Fazendo um resgate sobre a trajetória do turismo dos anos 60 até por volta do anos 80, a melhor forma de turismo até então aceita era a do turismo em massa. Essa ideia de turismo influenciou os mais amplos e diversos setores da sociedade e era caracterizado pela oferta dos

serviços e produtos homogeneizados tendo no consumo em massa da natureza a ideia solta de lazer, sol, praia, distância dos problemas urbanos, melhor qualidade de vida nas áreas afastadas do solo urbanos com suas complicações, a natureza bem como o campo passou a representar essa ideia da “paz por alguns dias, ou poucas horas”.

Segundo Andrade (2001), essa forma de turismo está ligada tanto as grandes empresas como às operadoras do turismo em si, a essência delas é o lucro imediato e em grande escala, por isso essa forma de turismo tem encontrado no conflito com as novas formas de turismo o seu declínio. Tanto os valores socioculturais quanto ambientais, sobretudo, em relação ao lugar foram sucumbidos e engolidos pelas velhas formas de turistificar porque para elas o importante sempre foi garantir o lucro, mesmo que para isso os lugares passassem por uma espécie de lavagem cultural e deturpação do pertencimento.

Na maioria dos casos, o território e o lugar são os mais afetados porque são os mais utilizados para tal dentro do consumo das paisagens e no confronto direto com as culturas locais. As velhas formas de turismo pressupõem-se um novo colonialismo de territórios e lugares pelo consumo das paisagens e ofertas de lazeres duais, onde se acentua ainda mais as desigualdades sociais.

Até o final dos anos 90 essas desigualdades sociais eram fortemente representáveis, pois criava-se na ideia de fazer turismo a ideia de classificar o poder aquisitivo das pessoas e das classes sociais, o Brasil dividia-se entre quem podia e quem não podia viajar e conhecer os lugares.

A própria Disney, no Estado da Flórida, Estados Unidos, era a representação maior do poder aquisitivo do brasileiro, para Suassuna (2014) nos dias atuais, “o Brasil está dividido entre quem foi e quem não foi à Disney”, ou seja, a mentalidade do brasileiro frente as velhas formas de turistificar ainda demarca no poder aquisitivo a sua possibilidade ou não, quanto mais caro o lugar, mais desejado o parece ser.

Essa forma de conhecer o mundo e seus lugares gera para o turismo uma série de conflitos aparentemente apaziguados pelo poder aquisitivo de cada um. Esses conflitos se estabelecem pelas diferenças e choques meditados entre culturas e povos distintivos, sobretudo, entre o autóctones e turistas.

Essa relação entre ambos pode revelar uma real desarticulação entre pessoas, empresas, grupos não governamentais, instituições públicas e privadas com o lugar. Esse turismo geralmente é pensado por empresas privadas e pelo próprio governo no sentido de implementar o desenvolvimento local de um lugar, porém eles têm ganhado cada vez mais com a própria desarticulação do lugar do que com a ideia de turismo em si.

Essa desarticulação ocasionada pelas diferenças e conflitos nas relações interpessoais nos lugares de turismo gera o crescimento desse mesmo turismo porquê de um lado prever-se o choque econômico entre o turista e o autóctone e por outro lado a sua exclusão desse processo:

Tampouco é experimentado pelos autóctones os tão almejados emprego e renda, divulgados como o grande triunfo do turismo de massa dos lugares. O argumento utilizado pelos produtores e planejadores do turismo é da falta de qualificação profissional dos autóctones. Essa falta de qualificação não é compatível com o duro mercado competitivo do turismo das multinacionais. (BRASILEIRO, 2007, p. 90).

Esta é uma das explicações porque o turismo em massa está saturado, ele conduz a saturação do lugares e pessoas desperdiçando-os e levando os espaços naturais a esgotarem-se mais e mais. Pela lógica de Zaoual (2008, p. 3) “a procura da rentabilidade máxima destrói, em logo prazo, as bases dessa mesma mentalidade”.

Coriolano e Silva (2005) devolvem para o turismo o caráter essencial e humano, ou seja, pensar o turismo pensando no homem e não no capital. Isso é importante, pois em cada lugar há o sentimento das pessoas ali envolvidas, pressupõe-se também um pertencimento autóctone onde os destinos do turismo não se sobressaiam nem criem homogeneidades ou destruam as vivencias do próprio lugar, essa expectativa leva em considerações as pessoas, os valores culturais e simbólicos já existentes nos lugares.

Isso é importante porque o setor do turismo, segundo a Organização Mundial do Turismo - OMT (2001) tem se mostrado como uma das alternativas para o desenvolvimento econômico em varia regiões do mundo, trata-se de um conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadias em lugares distintos de seu entorno habitual, por um determinado período equivalente ou inferior a um ano tendo em vista o lazer, negócios ou quaisquer motivos ou exercício de alguma atividade não ligada a alguma forma de remuneração (OMT, 1994).

Pensando essas atividades, para Soares (2009) surge a necessidade de pensar o turismo para além do lazer e das formas de desenvolvimento regentes, o turismo sustentável passou a definir as novas formas de se turistificar no mundo daí ficou definido como “ecologicamente suportável em longo prazo, economicamente viável, assim como a ética e socialmente equitativo para os locais e comunidades, exigindo integração com o ambiente, cultural e humano (OMT, 2011).

A partir dessas novas formas de ver o turismo pensando o desenvolvimento sustentável, a cultura passou a ser um dos caminhos mais viável e justo, um fator de

desenvolvimento para comunidades locais que associado a cultura consegue interpretar suas potencialidades.

Tanto a cultura como a religiosidade têm mostrado nas novas formas de turismos outros caminhos plausíveis para o desenvolvimento de determinados locais. O turismo religioso tem se tornado uma das modalidades que mais cresce no Brasil em fator da formação histórica do povo fortemente ligada à igreja católica e a todas as organizações religiosas que se deu e se dão no Brasil ao longo desses quinhentos anos.

As práticas religiosas são o fator para o desenvolvimento do turismo religioso de determinados locais onde existem santuários religiosos. O turismo religioso segundo Andrade (2000, p. 77) é o “conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e realização de visitas a receptivos que expressem sentimentos místicos ou suscitem fé, esperança e caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões.”

O turismo religioso em si envolve pessoas, grupos, ações políticas e religiosas na participação de eventos e associado à cultura e ao Desenvolvimento tem nas palavras de Hermet (2002, p. 91) aplicabilidade universal:

Ao levar em conta a cultura e, através dela, a diversidade cultural não só aboliu-se uma representação hierárquica do desenvolvimento, coroada pelo padrão ocidental da modernidade, mas também deu-se uma voz à maioria dos habitantes do planeta, que se sentem alheios a esse padrão. O acontecimento é de primeira magnitude, pois derruba a escala vertical e desigual das culturas e isso não somente em teoria ou em um plano sentimental, mas agora na ordem prática, tornando-a mais horizontal e igualitária.

O turismo religioso associado à cultura como recurso traz uma alta definição de cultura local e de modos diferentes de abstração cultural e expressões impregnados nos instrumentos do desenvolvimento de determinados locais, por isso Yúdice (2004) pontua uma diversidade de movimentos culturais como bons resultados tanto para o desenvolvimento do turismo cultural e religioso em si como as perspectivas do desenvolvimento na atualidade.

O Turismo religioso se faz na representação de lugares considerados sagrados (FIGURA 25), ou seja, se faz na expressão de um lugar definido por materialidade, imaterialidade, subjetivismo e objetividade por isso em Juazeiro do Norte o turismo religioso também é um elemento muito importante quando se busca compreender a dinâmica do desenvolvimento local e suas repercussões no desenvolvimento regional. Para Barreto (2000, p. 47):

A busca dos elementos característicos e diferenças de cada cultura aparece como uma necessidade de cada cultura de mercado, a cultura autóctone é a matéria – prima para a criação de um produto turístico comercializável e competitivo internacionalmente. O legado cultural, assim transformado em produto para o consumo, perde seu significado. A cultura deixa de ser importante por si mesma e passa a ser importante

por suas implicações. A história não é importante porque mostra as raízes, mas porque traz dinheiro.

FIGURA 25 – Lugar Sagrado – Fila para Subida na Estátua de Padre Cicero



Fonte: A autora (2016)

A ideia de transformar Juazeiro na cidade do Turismo Religioso está relacionada ao capital oriundo das romarias e do turismo em si. Uma lógica facilmente compreensível do ponto de vista político, científico e cultural, pois as romarias conversam diretamente com o turismo religioso. Juazeiro recebe o romeiro, o peregrino e também o turista comum, este turista comum costuma se hospedar nos hotéis e em grandes pousadas, eles costumam ir para Juazeiro durante as romarias, porque elas dão sentido ao turismo religioso e conseguem arrastar uma demanda muito grande turistas para à cidade.

Este turista costuma ficar em hotéis e também nas grande pousadas porque seu tempo em Juazeiro geralmente é muito curto, nem sempre costumam ficar por todo o período de romarias, as vezes apenas um, dois ou no máximo três dias. Os serviços de hotéis são onerosos, porem esse turista não quer de forma alguma preocupações a não ser com o tempo pelo qual

passará na cidade, eles não precisam se preocupar com alimentação, por exemplo, diferente de muitos ranchos e casas de família.

A história dos hotéis em si denota na Grécia antiga durante os jogos olímpicos, há muitas teorias sobre o surgimento e desenvolvimento dos primeiros hotéis, mas sabe-se que foi lá onde sugeriram os primeiros e como eles se tornaram importante no mundo todo e na história do turismo desde a antiguidade até os dias atuais. Os visitantes e mesmos turistas iam assistir os jogos olímpicos e por lá ficavam hospedados, pois essas disputas dependuravam-se durante dias.

Onde se localizavam os estádios e os pódios para as competições formam-se núcleos de pequenos balneárias e as primeiras hospedarias para abrigar essas pessoas durante as olimpíadas. Roma também desenvolveu suas formas de hospedagens durante as diversas conquistas territoriais, eles eram extremamente necessários para fixar e demarcar os territórios conquistados por ela.

No Brasil, nas regiões onde o turismo é considerado forte, os hotéis representam a sofisticação turística e o mundo dos negócios empresariais. Em Juazeiro do Norte não é diferente, eles são responsáveis por dialogarem com o turismo religioso e representar outras formas de hospedagem para o público diferenciado das romarias, não menos nem mais importante, essa diferenciação depende dos diversos pontos de vistas associados a interpretações de culturas, povos, costumes e crenças.

Segundo Laraia (2001), essas diversas interpretações de povos e culturas diferentes surgiu há muito tempo, Heródoto (484-424 a.C.), grande historiador grego, já se preocupava em estudar e compreender os comportamentos diferentes dos povos, ele já via as diferenças entre os seus comportamentos e o de outros povos e nações.

Em Juazeiro esse diálogo acontece justamente em virtude das diferenças existentes ali durante esses períodos e que povos e culturas se misturam. Por outro lado, a visão de quem está em um hotel também representa outros pontos de vistas a serem levados em conta pela importância e necessidade de se considerar todos os pontos de vistas validos.

Bauman (1998) ao refletir as características da sociedade reflete a liquidez do tempo e dos espaços pelo tempo presente e fluido. Dessa forma o tempo de hoje é representado pelo “tempo liquido”, assim como também as relações interpessoais, segundo ele nada é feito para durar ou causar intensidade nas pessoas, viver o momento presente é o que importa e o consumo do tempo pelos espaços parece ser uma obrigatoriedade.

Entendendo esse ponto de vista, para o turista comum que se hospedam em hotéis, ele é responsável direto no desenvolvimento do turismo religioso em si tendo como causa e

elemento principal as romarias, mas sua forma de consumo do tempo e do espaço é diferenciada.

Para este turista em Juazeiro é importante consumir espaços dotados dessas características como por exemplos os Shoppings Centers. Olhando por esse lado, mesmo havendo muitas exceções, o que se percebe é que as relações dessas pessoas estabelecidas em Juazeiro do Norte são, sobretudo, capitalistas, alinhadas a lógica do consumo do tempo, do espaços, de serviços e também das relações com os habitantes desta cidade.

De uma forma ou de outra essas pessoas mantem conectividade com o turismo religioso de Juazeiro e os hotéis passam a ser outra categoria de hospedagem fortemente traçada nessa relação entre o turista e o consumo dos espaços dessa cidade. Os hotéis também representam templos de lazer para este turista além de uma atividade extremamente onerosa e por isso mesma pode focar o desenvolvimento local através do “Mercolazer” de Mascarenhas (2005, p. 140):

Mas o fato é que tendencial e predominantemente o que ele [lazer] constitui mesmo é uma mercadoria cada vez mais esvaziada de qualquer conteúdo verdadeiramente educativo, objeto, coisa, produto ou serviço em sintonia com a lógica hegemônica do desenvolvimento econômico, emprestando aparências e sensações que, involucralmente, incitam o frenesi consumista que embala o capitalismo avançado. O que estamos querendo dizer é que num movimento como nunca antes se viu o lazer sucumbi de modo direto e irrestrito à venalidade universal. (...) Isto, pois o mercolazer tanto é reflexo e expressão dos divertimentos em tempos de acumulação flexível, como também é componente decisivo que opera para a sustentação e o sucesso deste modelo de acumulação.

Tanto o turista em si quanto o romeiro encontram em Juazeiro lazer e cotidianialidades, ao longo do tempo o cotidiano na vida das pessoas significou uma escolha particular nas decisões daquilo a ser realizado no dia – a – dia de forma livre, ou seja, autônoma. O turismo religioso em Juazeiro representado pelas hospedarias de hotéis representam o diálogo entre povos e culturas diferentes, porem nas mesmas crenças.

Embora as novas formas de turismo não se justifiquem mais somente pelas propagações do lazer, esse elemento é responsável por unir e garantir diálogo entre as romarias o turismo religioso em Juazeiro. Se de um lado, o romeiro ver nos ranchos e nas casas de famílias a representação da sua forma de hospedagem, por outro, os hotéis representam outras forma de hospedagem da qual evidencia as diferenças entre o romeiro e o turista em si.

Em todas as categorias de hospedagem há o elemento do desenvolvimento, sobretudo para os ranchos e as casas de famílias porque representam a maioria existentes em Juazeiro. Isso não é percebido porque a relação entre cultura, povos e desenvolvimento é muito deturpada pelos atuais padrões do desenvolvimento.

As questões atuais que permeiam o desenvolvimento ainda são bastante alusivas e ambíguas além de que as disputas de territórios são extremamente explícitas. Alguns territórios ficam em evidências quando se fala em desenvolvimento, outros nem tanto, mas mesmo assim para os termos gerais, pensar o desenvolvimento é defini-lo a partir da necessidade e potencialidade de cada local, levando-se em consideração todos os seus aspectos.

Os hotéis ficam em evidências porque é evidente também a necessidade de se consagrar o desenvolvimento de Juazeiro pelo turismo religioso, o romeiro não é um turista, é um romeiro. Mesmo ele gerando muita economia para a cidade ele é usado como marketing para fortalecer o turismo religioso.

Os hotéis entram dentro de uma categoria de hospedagem extremamente planejada sob a ótica das políticas públicas, assim como o turismo religioso. Há muitos discursos de implementação de políticas públicas para a formação do empreendedorismo e para a inovação, são pensados na visão predominantemente estratégicas visando a tração de quem possui maior poder aquisitivo, dessa forma, o turismo religioso em si deixa de representar apenas uma prática em que pessoas se deslocam por motivos religiosos e passa a amparar a ideia e a conjuntura extremamente pensada na organização e na cultura do consumo do tempo e dos espaços em diferentes períodos de tempos.

O diálogo entre o turismo religioso e os hotéis se estabelece pela cultura do desenvolvimento local tendo nas romarias o elemento principal daí a necessidade de diferenciá-los. Segundo Ortiz (2008), pela cultura, as diversas expressões materiais e imateriais de um povo, além dos processos em que estão constantemente participando podem ser relacionadas a partir das suas vivências no espaço geográfico. “Toda cultura é um conjunto de técnicas para possibilitar a convivência com outros que dela fazem parte e com contextos a ela exteriores” (SHOREMI, 1999, p. 94).

Os hotéis representam um ponto fixo para o turismo religioso, as romarias e peregrinações de modo geral são de um tempo bastante remoto e não necessitam de hotéis ou pousadas nem de grandes serviços disponíveis. Ao longo dos séculos muitas dessas práticas têm sido acompanhadas por empresas e organizações e mesmo entidades eclesiais, todas com a função de organizar essas práticas de modo que as tornem cada vez mais homogêneas, os hotéis representam a chegada para o turista comum.

Para Steil (2003) a principal diferença está no grau de imersão ou de externalidade entre uma e outra, as romarias e peregrinações se lançam essencialmente para o sagrado, o turismo religioso se lança para a externalidade, ou seja não apenas para o olhar religioso.

Hoje o turismo religioso deve ser pensado pela ótica do desenvolvimento sustentável, em Juazeiro a cultura e a religiosidade são responsáveis por torna-lo possível e viável em menor tempo.

Quando nos aproximamos dos contextos religioso e social em que essas práticas são recorrentes, damos-nos conta de que os usos que se fazem dessas categorias demarcam diferenças exposições dentro de um campo de disputas de sentido e poder, no qual estão envolvidos diversos atores religiosos e políticos, mas também os acadêmicos que estudam esses eventos sociais (STEIL, 2003, p. 29).

Na era da globalização essa atividade passa a envolver e ocupar milhões de pessoas no mundo todo, a globalização acelera os processos de mudanças nessas atividades levando-a cada vez mais ao mundo empresarial e competitivo. Essas mudanças começam a acontecer no contexto geral do turismo no Brasil, por isso Juazeiro já apresenta fortes traços dessas mudanças nas grandes redes hoteleiras e seus padrões de hospedagens.

As exigências do turista em si não são as mesmas do romeiro, há grandes diferenças nas escolhas dos serviços prestados, além de uma série de restrições das quais não fazem parte nem representam a essência das romarias nem de quem vai à Juazeiro em espacial para elas. Mesmo nos ranchos e nas casas de famílias, os romeiros também optam pelos serviços prestados porque em menor ou maior grau também são consumidores dos espaços da cidade;

Consumidores exigirão maiores garantias de qualidade, segurança e bem-estar. Buscarão experiências mais intangíveis que estão de acordo com o seu saldo bancário e capacidades físicas. Sua fidelidade será facilmente transferida, tornando-se mais difícil mantê-los. Suas exigências serão implacáveis, pois buscam maximizar os seus desejos e suas realidades econômicas (LOCKWOOD, MEDLIK, 2003, p. 235).

O turismo religioso hoje pressupõe a necessidade de se reinventar frente as exigências dos turistas, da qualidade dos serviços prestados e à capacidade de inovação no mercado. Ele precisa ser trabalhado na sustentabilidade para isso, somente a sustentabilidade cultural irá garantir sua efetivação, tendo como princípio básico a valorização da cultura local.

Apesar de forte em Juazeiro e da importância da categoria de hospedagem, os hotéis não tem representado o desenvolvimento local pelo turismo religioso, pois o avanço dessa atividade não tem significado melhorias na infraestrutura turística e urbana da cidade. Por mais que haja planejamento, as políticas públicas adotadas para o turismo e o desenvolvimento de Juazeiro a partir das romarias não têm surtido efeito significativo nem tem repercutido em melhorias para o município.

Esse diálogo entre os hotéis e o turismo religioso representa e reforça a importância do conteúdo social e religioso das romarias para a cidade muito embora, segundo Cordeiro (2010), seja mais uma estratégia governamental para o desenvolvimento local o de tornar as

romarias em fluxos de turismo religioso. As tentativas de reabilitação do Padre Cícero pelo Bispo Italiano Fernando Panico nasceram do entendimento sobre a importância de tornar Juazeiro cada vez mais atrativa para diversos povos:

A Igreja iniciou um processo de distensão em relação ao assunto Padre Cícero, que viria a culminar mais recentemente com a nomeação do Bispo italiano Fernando Panico⁹³ para a Diocese do Crato, a quem o clero de Juazeiro do Norte está vinculado. Desde então, o referido bispo desenvolve uma política assumida em Defesa da regularização de ordens do Padre Cícero no seio da Igreja, restituindo-lhe todos os direitos canônicos, e divulgando a intenção de vê-lo beatificado, em um Projeto maior de santificá-lo. A perspectiva de reabilitação do Padre Cícero cria novas possibilidades de exploração e desdobramentos dos eventos responsáveis pelo mito fundador das romarias em Juazeiro do Norte e abre caminho para a instituição de um roteiro renovado de visitação, possivelmente capaz de estender seu raio de abrangência geográfica para um nível nacional, além de atrair outras Esferas de participação católica além das massas populares (CORDEIRO, 2010, p.115).

Hoje, com a reabilitação do Padre Cícero em Roma pelo Papa Francisco a história de Juazeiro ganha notoriedade a nível mundial e o turismo religioso passa a se intensificar mais fortemente não apenas em Juazeiro, mas também nas cidades vizinhas pela participação na história do Padre Cícero e no contexto histórico de Juazeiro do Norte.

A entrada da Imagem do Santo da Casa nas igrejas da cidade fez crescer ainda mais os movimentos religiosos dentro e fora das igrejas e santuários dali. Dentro dos hotéis essas imagens foram renovadas ou restauradas, Padre Cícero faz parte da crença e representa também o mundo dos negócios em Juazeiro.

Repensar as relações capitalista em Juazeiro hoje e o mundo dos negócios hoje pressupõe indagações pertinentes ainda, segundo Cordeiro (2010). Em pleno século XXI onde as relações de produções apresentam-se no plano mercadológico em busca de lucratividade, e ao lado disso como seria possível as romarias resistirem diante desses novos impasses, novos atores e cenários em Juazeiro; como é possível diante de tantas transformações ditadas pelo capital, as romarias permanecerem crescendo e trazendo a renovação da fé católica popular para à cidade, esse é o ponto principal.

4.7 Memórias e Tradicionalidades nos Ranchos e nas Casas de Famílias frente ao dilema da Modernidade

A paisagem urbana de Juazeiro do Norte contempla grande acervo no que se refere ao seu Patrimônio Arquitetônico, ele está diretamente relacionado ao contexto histórico, cultural e religioso do surgimento da cidade. Os ranchos e as casas de famílias também foram junto parte da riqueza do patrimônio cultural de Juazeiro do Norte, pois representam permanências

frente às tentativas de quedas com relação nos dilemas e discursos acerca da modernidade em relação as novas reestruturações das paisagens urbanas no contexto contemporâneo.

Trata-se de um patrimônio consagrado pela imaterialidade em virtude do seu conteúdo principal, as memórias e as histórias do passado e do presente passadas de geração a geração, as práticas e os costumes mantidos na hospedagem de romeiros gera permanências e diálogo entre passado e presente nivelando atritos existentes entre a ideia de inovação e a permanência das tradições, isso é importante nos dias atuais, pois com a globalização existe uma tendência muito forte de aniquilação das identidades e tradicionalidade de territórios. Dessa forma, as memórias, as crenças e os costumes são protegidos pela manutenção da tradicionalidade e assim conseguem manter-se mesmo em lugares e territórios abraços pela globalização.

Para a globalização o mundo está dividido entre velho mundo e novo mundo, para ela trata-se de uma luta constante entre passado e presente e não um diálogo, ela criou a necessidade de superação do ontem pelo hoje, criou as ideais e os discursos da modernidade para um novo mundo tendo em vista a criação de uma nova mentalidade social onde pessoas tornam o passado inútil e obsoleto, isento de qualquer função social ou histórica. A modernidade trouxe à tona a impulsividade e o imediatismo, a necessidade de uma práxis utilitária e por isso tem eliminado a dialética espacial.

A práxis utilitária é responsável por orientar, situar e familiarizar o homem no espaço, dar-lhes as suas primeiras noções de como agir e manusear coisas e de como se relacionar entre pessoas, mas ela não proporciona o contato e a compreensão da realidade. Na era global, o homem aprende desde cedo o contando direto com o dinheiro, fazem transações complicadas sem ao menos se darem conta de que estão fazendo, eles negociam, trocam informações sobre aplicações econômicas e sobre finanças, mas sem serem obrigados a saberem na realidade o que é o dinheiro para além de um pedaço de papel agregado de valor econômico e representado por alguma figura simbólica expresso nele.

A tradicionalidade hoje encontra barreira na era global porque a globalização dita outro tipo de práxis, a práxis utilitária. Ela entra em confronto direto com a práxis histórica e dialética, mostram-se antagônicas, trata-se de uma práxis determinante e unilateral, “uma práxis fragmentada dos indivíduos, baseada na divisão do trabalho, da sociedade em classes e na hierarquia de posições sociais que sobre ela se ergue” segundo Trigo (1999, p. 01). Em contrapartida, a práxis dialética prever a valorização pela tradicionalidade a valorização do passado de cidades características e ao mesmo tempo comuns, essa tendência surge no Brasil para refletir as atuais mudanças nas paisagens urbanas e as atitudes e práticas sociais predominantes atualmente.

A memória da cidade, representada pelo seu cotidiano tem se propagado nos ranchos e nas casas de famílias resultando na manutenção da tradicionalidade dos tempos antigos em diálogo com os tempos atuais. Isso é importante para se compreender a importância da preservação das memórias da cidade em si, ela traz um conjunto de identidade e ressalta nas raízes históricas da formação do município um conteúdo sólido de valorização do passado pelo presente nas estruturas físicas da cidade. A valorização atual pelo passado tanto nos ranchos quanto nas casas de famílias se dá em primeira mão através da natureza geral, ou seja, do que está por trás do surgimento dessas categorias de hospedagens. Elas surgiram logo nas primeiras romarias a pedido do Padre Cícero, para ele todoromeiro deveria ser alojado de modo que pudesse participar da festa religiosa na cidade sem ter que se preocupar com o onde ficar, entendendo o surgimento dessa categoria de hospedagem e o contexto atual delas, percebe-se nas suas permanências uma relação identitária entre homens com o lugar.

Le Goff (1990) vê na valorização do atual pelo passado otimismo e com efeito, outra ilustração do pensamento das sociedades ocidentais. Para ele, elas hoje conseguem redirecionar a visão de mundo antes orientada na ideia do progresso e da atenção para o futuro, na ideia de grandeza e majestade do passado. Os diversos acontecimentos do século XX tais como as grandes guerras holocaustos foram responsáveis por minar parte da esperança das pessoas e sentido de resgate à “coisas do passado”, as pessoas nascidas a partir de então eram orientadas a deixar o passado no passado, a ideia de cultos às lembranças da infância pouco a pouco foram sendo substituídas, a busca pela capacidade humana de se superar traumas sociais a nível planetário acordou o mundo para a valorização de sociedades, culturas, povos e cidades tendo em vista a importância do passado de cada um quando se busca por uma sociedade cada vez mais justa e fraterna.

Quando Harvey (1992) compreende ao máximo o espaço-tempo ele entende a condição pós-moderna importante para o surgimento de uma nova sensibilidade e mesmo do sentimento de pós-moderno, por isso as concepções de tempo e espaço nascem necessariamente das práticas e dos processos materiais da sociedade, elas reproduzem a vida social. A manutenção do tradicionalismo de paisagens urbanas é algo transcendental diante das incertezas do mundo contemporâneo onde os indivíduos são unilateralmente direcionados a desvalorização das tradições diante da nova ordem mundial.

Esse é um dos principais desafios da sustentabilidade cultural pela manutenção das tradições e dos tradicionalismos porque são elementos extremamente duelos com os novos conceitos da era global. Weber (1998) defendeu a modernidade como um processo de racionalização intelectual intensamente ligada aos avanços científicos e sua busca pelo

desbravamento do mundo onde as estruturas sociais, as paisagens urbanas sofreram intensa influencia diante da evolução do processo intelectual no mundo todo.

O resultado disso para as memórias das cidades foi decisivo ao ponto de passarem a representar uma série de incertezas tendo em seus elementos e suas estruturas espaciais a maior expressão dessa incerteza. Quando se olha para Juazeiro, uma cidade espelho das transformações socioespaciais ditadas pelas necessidades capitalistas tão fortemente territorializantes temos por alguns instantes a sensação de uma cidade em transição do ontem para o hoje onde as tradições e manutenção delas parecem ter seus dias contados.

Os ranchos e as casas de famílias perpassam nesse conjunto de tradições e não obstante nos trazem incertezas e até mesmos angustias como em toda fase onde a transição pareça inacabável, é exatamente a incerteza tanto da manutenção das tradições em si quanto das descobertas do que virá o ponto nevrálgico que faz com que sejamos nada mais nada menos que espectadores.

Por outro lado, em todo período de transição há ganhos e perdas, algumas formas espaciais permanecem e outras não, a memória nesse sentido passa a assumir um importante papel na reconstrução espacial de paisagens urbanas, para Magnani (1999) esses momentos de ruptura onde muita coisa é deixada para trás que a memória mostra sua significância. São momentos importantes para o redirecionamentos das memórias, das oralidades, dos relatos históricos e podem representar um período transitório satisfatório onde as estruturas não se percam nem percam espaço para as novas formas de espacialidades.

Ao longo dos anos essas hospedagens se tornaram memórias físicas do espaço de Juazeiro independentemente das diversas interpretações acerca do lugar e do espaço vivido dali, isso é possível devido o próprio espaço poder representar diversas dimensões importantes e singulares na paisagem onde as memórias são salvas pela cultura local e representadas no cotidiano do lugar.

Os ranchos e as casas de famílias representam e dão identidade para Juazeiro do Norte e são capazes de situa-la no espaço cariense através das suas singularidades, mas mesmo assim é importante destacar em que momento na contemporaneidade essas hospedagens começaram a ter notoriedade, na atualidade a busca pelas identidade e singularidade dos lugares também está fortemente marcada pela busca de raízes históricas dos lugares tendo em vista a busca no seu passado mas que não condiz necessariamente com a busca pela manutenção das estruturas antigas das cidades bem como patrimônios.

Tal procura poderia representar também riscos quando se compreende que a sociedade é sempre levada aos extremos por isso deve-se ser categórico ao dizer que as sociedades podem

ser engolidas pelo passado e representar na história dos lugares e nas paisagens deles apenas uma distorção histórica e irreal das coisas, podem ainda acarretar conflitos sociais e não resultarem na manutenção, mas na destruição de memórias espaciais sem ao menos levar em conta a importância delas e das tradições nas estruturas espaciais urbanas.

A partir do século XIX descobriu-se o poder mercadológico das paisagens urbanas, sobretudo, quando voltadas para o turismo, as cidades europeias foram o palco dessas primeiras transformações e no Brasil não foi diferente, por isso hoje a memória urbana se tornou um dos principais elementos construtor da identidade urbana capaz de atrair pessoas e visitantes segundo Velho (1997). No Brasil, as paisagens urbanas durante os anos de 1500 à 1822 mudaram muito, as casas, as igrejas, todas passam por uma reorganização, tiveram de passar por uma grande transformação a fim de se organizar a estrutura urbana tendo Portugal a maior fonte de inspiração, depois é que em virtude das condições climáticas do Brasil, essa estrutura sofreu novas mudanças ao passo que Portugal não representava mais a idealização de organização espacial urbana.

Durante o período que corresponde de 1500 a 1822, praticamente em todo o Brasil, as casas, igrejas, instalações, conventos, moradias, se caracterizavam por serem desorganizadas, bagunçadas, a paisagem urbana não tinha características de espaço urbano. Toda essa arquitetura sofreu transformações tendo em vista a necessidade de rearranjos primeiramente de Portugal e depois, adequada ao clima tropical do Brasil. Ao se referir à Casa Grande dos engenhos de Pernambuco, Freyre (1957, p. 35) demonstra essa realidade na seguinte constatação:

A Casa Grande do engenho que o colonizador começou, ainda no século XVI, a levantar no Brasil com grossas paredes de taipa ou de pedra e cal coberta de palha ou de telha-vã, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos em um máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais- não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao nosso ambiente físico.

Embora o processo de urbanização brasileira do século XVI tenha se dado de forma incipiente e lenta o que favoreceu a invasão dos territórios por outras nações, por outro lado essas transformações ocorridas dentro do território demonstravam a adesão das linhas de pensamento construídas durante a modernidade por países Europeus, mesmo que fosse apenas nos detalhes. As primeiras vilas edificadas, com o sistema de capitanias hereditárias foram Igarassu, Olinda, Conceição, Vila do Pereira, Porto Seguro, Santa Cruz, Vila Velha, São Vicente, Santo Amaro, Itanhaém e São Paulo de Piratininga. Devido à falta de planejamento da Coroa Portuguesa e pela própria distância e escassez de recursos, ausência de donatários, e os diversos ataques dos franceses e índios, o Governo de Portugal implantou o Governo Geral em

substituição das Capitânicas, tendo criado Salvador para ser a sede do Governo Geral, mesmo elas já buscavam algum caráter de inovador. (FIGUEIREDO FILHO, 2010).

Conforme essas primeiras vilas iam surgindo, construía-se um forte em planta quadrada, tinha-se uma igreja e com ela um “caminho” de casas onde prevalecia desordem entre os espaços que as constituíam, eram becos sinuosos, tortos e irregulares até mesmo na Capital Fortaleza quando então, província do Ceará. Segundo Farias Filho (2007) em Fortaleza não havia de ser diferente, a primeira coisa que realmente importava era apenas acomodação, por isso as casas ganhavam aspectos rústicos e grosseiros e, na sua grande maioria, cobertas de palhas de carnaúba e não podiam ser altas, apenas os fidalgos possuíam esse privilégio.

De acordo com Harvey (1989) essas e outras mudanças nas paisagens urbanas brasileira sucinta a ideia de modernidade como o elemento norteador dessa reorganização espacial no Brasil. A Modernidade passa a ser discutida como conceito no final do século XVII e o Século XVIII correspondentes ao período do século das luzes e representou um marco importante entre as velhas e novas concepções de mundo,

O termo “moderno” talvez tenha uma história bem mais antiga, o que Habermas (1983, 9) chama de projeto de modernidade entrou em foco durante o século XVIII. Esse projeto equivalia a um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas “para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas”. A ideia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. (HARVEY, 1989, p. 23).

A Europa Ocidental, Sul da Inglaterra, Eixo do Reno (Alemanha), Nordeste da França, Paris, Londres e Amsterdã foram os palcos onde o iluminismo se fez presente fortemente em todos os setores da sociedade. Diante disso, a natureza na Modernidade é interpretada a partir das ideias iluministas e pelo paralelo entre o antigo e o moderno, além do confronto constante entre a ciência moderna versus o romantismo. Karl Marx interpreta a natureza nesse período a partir do Capitalismo, Durkheim através do Industrialismo e Max Weber pela burocratização racional da vida humana. (HOBSBAWM, 2009).

Gomes (1996) indica que a Modernidade possui elementos fundantes e importantes para a sua compreensão, esses elementos são o caráter de ruptura, a imposição do “novo” a pretensão de alcançar a totalidade. O ritmo de mudança, ou seja, a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema e o escopo da mudança remete a diferentes áreas do globo terrestre que são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da terra. A natureza em totalidade se encontra engolida pela modernidade e suas novas formas espaciais, a briga do antigo com o novo convivente nos

mesmos espaços/tempos é na verdade, um sistema tanto político quanto ideológico e se caracteriza por forte dependência dos meios tecnológicos.

Para Harvey (2008), as ideias de progresso e de ordem, do culto ao novo, da glorificação de uma atualidade constante são resultantes de anos de secularização e ao mesmo tempo desencantos. A primeira natureza, ou ainda, de primeira ordem, sofre o processo de dessacralização sem precedentes na história da humanidade, essas são marcas fortes do Iluminismo, da modernidade. Sua manifestação ocorre nas ciências, nas artes, no cotidiano das pessoas, na arquitetura das cidades, dos bairros, fragmenta-se as relações e separa-se um homem da natureza, reduzidos a apenas a materialidade e dimensão biológica.

As formas ganham extensão pela sua valorização empírica, além da manifestação do racionalismo puro pautado no universo das razões absolutas. A modernidade assume a necessidade direta da superação do velho pelo novo atribuída a importância da subjetividade dos discursos e objetividade científica, por isso o conhecimento que é produzido nela é resultado por intermédio de um método, sobrevém então uma mudança na natureza da ciência, que se desloca de uma metafísica a uma teoria do conhecimento, buscando uma essência na forma, e não mais no conteúdo. (SANTOS, 2004).

Para Bauman (2003), a modernidade se caracteriza pela sensação de anulação do tempo real presente, pelo encurtamento das distâncias, pela velocidade das máquinas e da informação em tempo real, hoje a ideia de mudança pressupõem repensar também as relações dos sujeitos entre si e a forma como eles têm manifestado materialidades no espaço geográfico. Para uma sociedade extremamente tecnologia como a nossa, essas relações se torna intensamente importantes e demonstram a necessidade de se repensar o espaço vivido e todas as possibilidades de se compreende-lo através do subjetivo inserido diretamente nele incluindo aí a importância da tradicionalidade para à manutenção de estruturas e paisagens urbanas. Em Certeau (1994, pg. 201), “a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência, imperando a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define”, por isso as categorias de espaço e lugar com auxílio dos estudos culturais servem para analisar e identificar as mudanças e permanências dos estilos e patrimônios arquitetônicos culturais de uma cidade.

A tradicionalidade se faz presente pela utilização de valores e conceitos construídos na materialidade da cidade em si dessa forma, contemplar as paisagens urbanas através de imagens é, pois senão um recurso imprescindível. Essas fontes com fontes de cunho iconográficos garantem a possibilidade do presente pelo passado e da vida do cotidiano comum e do efêmero, no sentido de transitório, obedecendo ao mesmo tempo a totalidade da cidade.

Cada lugar tem sua função determinada e complexa na organização espacial urbana, por isso Harvey (2008) considera que a cidade não pode ser considerada uma totalidade fechada, pronta e acabada.

Para Carlos (2007), as paisagens urbanas possuem seus desdobramentos em uma perspectiva histórica e em sua relação com o espaço e a sociedade, as paisagens urbanas são cheias de “dinamismos” que envolve diretamente as relações sociais, possuem também a instantaneidade do tempo e suas contradições. Trata-se de uma impressão que não mostra exatamente a sua realidade em primeiro momento, imediatismo não são capazes de interpretar as paisagens urbanas, por esse sentido, há vários conceitos de cidade e não apenas um.

Os Ranchos e as Casas de Famílias fazem parte dessa herança arquitetônica de Juazeiro e assumem esses vários significados na paisagem urbana, essa forma de hospedagem assume a importância do patrimônio cultural que é algo vivo que exige articulações sobre as reflexões educativas”, que tem a ver com a história e com as memórias como menciona Gomes (2004). Essas formas de hospedagens são mantidas pelas memórias a priori pelas memórias individuais, e em segundo pelas memórias coletivas que estão sempre se redefinindo. Quando elas se renovam não se trata de uma tentativa de apagar o passado, a cidade é a mesma, mas as memórias são diferentes para cada um que ali habita ou visita, diante disso a memória coletiva aponta para uma memória viva da cidade em si, não é apenas lembrar de algo muito remoto, mas de dá sentido à manutenção atual da paisagem urbana, quando essas memórias se apagam:

Não tem mais suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivos dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhe são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixa-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS, 2004, p. 80).

A memória coletiva tende a aumentar e preservar a memória de Juazeiro através da religiosidade porque as necessidades atuais estão interligadas a compreensão de Juazeiro pelo seu contexto histórico e religioso tendo nas romarias seu cume. Nora (1993) entende que com o desaparecimento das memórias tradicionais nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos e toda forma sinais para podermos provar e testemunhar as coisas e os fatos, isso gera muita ânsia e muita coisa passa despercebido no contexto urbano.

O sagrado investiu-se no vestígio que é a sua negação, é impossível prever o que será necessário lembrar-se”, daí nasce a necessidade de se destruir arquivos e memórias e liga-los ao campo e sentido da sua própria perda, o esforço em recuperá-los parece ser mais importante

do que mantê-los além de garantir notoriedade a quem os encontram ou conseguem reconstruí-los. Independentemente disso, os ranchos e as casas de famílias estão lá postos e fixados no território urbano de Juazeiro convivendo paradoxalmente cercados por prédios novos e enormes, eles deixam marcas na paisagem por poder recuperar o tradicionalismo diante das novas formas de hospedar e receber pessoas.

Os ranchos e as casas de famílias são a resposta de Juazeiro para o dilema da modernidade diante da necessidade que sentem as cidades em desenvolvimento e crescimento econômico significativo no país de voltar-se inteiramente para o novo e para as transformações ditadas pelo capital nos solos urbanos sem levarem em conta a manutenção do que possuem de tradicional e histórico, elas representam permanências e resistências frente as novas formas de hospedar pessoas. Caetano Veloso em sua música “Sampa” retrata de cima para baixo as formas como as cidades têm aderido às transformações ditada pelo capital quando chega à São Paulo e se depara com a dureza da vida e do cotidiano das pessoas na contemporaneidade, trata-se de um choque de memórias, pois as memórias em si não são neutras ao contrário do que pensavam diversos historiadores e geógrafos positivistas e, quando elas contrastam-se podem revelar passado e presente e no futuro a destruição de coisas belas na paisagem urbana.

Os ranchos e as casas de famílias não são escoras da história de Juazeiro do Norte são a própria história da cidade pelo coletivo e pelo individual estruturada e fortalecida nas intensões de quem chega e quem vive na cidade, eles fazem a definição completa de Juazeiro pela tradicionalidade e manutenção dos espaços históricos através das memórias e permanências definidas pela religiosidade e cultura local por isso são parte da memória concreta de Juazeiro do Norte.

4.8 Experiências e Trocas: Os aspectos Fenomenológicos, Subjetivistas e da Percepção nos Ranchos e nas Casas de Famílias

Um dos maiores desejos da Ciência Geográfica sempre foi buscar compreender o mundo através das relações que os homens passam a estabelecer nele, para todo geógrafo, há uma intensa relação traçável entre o homem e todo o universo completamente compreensível para a qual somente por meio da fenomenologia seria capaz ele de reiterar e devolver ao homem essa explicação de forma lucida e ao mesmo tempo encantadora. Esse é o papel do geógrafo quando ele busca compreender o espaço vivido e as relações estabelecidas nele, ele tem nas mãos a responsabilidade de saber lidar com esse espaço vivido para não correr o risco de aniquilar fenômenos e sensações nele preestabelecidas. Pode-se dizer que esta ciência é bastante

audaciosa e no mesmo tempo convicta ou seja, “com pé no chão”, pois ela é capaz de definir métodos investigativos extremamente complexos e capazes de responder como funciona essa relação do homem com o meio circundante.

O termo fenomenologia foi criado por Johann Heinrich Lambert, importante matemático suíço radicado na Prússia, autor da obra *Novo Organon* (1764) pela qual discutia as teorias sobre a ilusão dos fenômenos, o porquê das aparências exteriores dos fenômenos, os caminhos pela busca da verdade e o porquê de os fenômenos se ocultarem através da abstração. Na Geografia a fenomenologia surge a partir dos anos de 1964 com os trabalhos de Julian Wolpert quando ele passou a estudar os motivos que levavam indivíduos a migrarem de um lugar para outro, a partir daí a geografia começa a despertar interesse pelo campo investigativo da fenomenologia na tentativa de compreender comportamentos e ações humanas e as formas como estes podem ser condicionados pelo meio, por isso a importância da incorporação do subjetivismo desses sujeitos nas análises geográficas consideradas extremamente inovadoras para à ciência.

Esse avanço significou para esta ciência pensar o mundo enquanto se pode ter consciência do próprio ser no mundo, a isso muito importa a cultura, os sentimentos, as sensações, os sentidos do cotidiano corriqueiro, do vai e vem do dia-a-dia; para as quais explicações meramente racionais e práticas não seriam capazes de construir respostas concretas. Trata-se de uma forma de aprender como nós sentimos e compreendemos o mundo e os espaços diferentemente e ao mesmo tempo empregarmos sentidos comuns no pertencimento dos lugares, seja pela cultura, pela religião ou outros motivos afins. Por meio dos laços afetivos arraigados aos lugares as pessoas podem construir uma identidade para eles e dar-lhes sentidos amplos no âmbito local, regional, nacional e internacional porque para a fenomenologia não há uma escala regularizadora sobre o poder de abstração dos lugares, tudo vai depender das relações estabelecidas neles pelas pessoas e suas intencionalidades ligadas aos seus sentimentos.

Para Lencioni (1999), a fenomenologia foi concebida por Edmund Husserl (1859 – 1918) e se constitui numa corrente filosófica extremamente importante e capaz de relevar os fenômenos em si para além da sua abstração primeira ou seja, um olhar superficial, o fenômeno é interpretado a partir da consciência que se faz dele, “ela prioriza a percepção e entende que qualquer ideia previa que se tem sobre a natureza dos objetos deve ser abolida, toda disciplina deve questionar a essência que funda o objeto de sua investigação científica (LENCIONI, 1999, p. 149).

Acima de tudo, nos ranchos e nas casas de famílias há um universo fenomenológico a ser descoberto é preciso ressaltar o subjetivismo por traz de cada um e em conjunto salientar todos esses aspectos que muito relevam no cotidiano dessas hospedagens a percepção espacial dos indivíduos pelo coletivo. É possível chegar a compreensão do espaço vivido nessas hospedagens captando a essência das relações demarcadas neles por meio a experiência do vivido e do sensível simultaneamente de forma racional, pela consciência do estar em um rancho ou casa de família constrói-se virtudes, desejos e sonhos em contado com o mundo de objetos externos extremamente representáveis e significativos ao mundo interior de cada um, por isso é possível compreender o mundo vivido de forma racional pela essência dele mesmo.

O percebido aqui é mais importante do que o concebido, perceber as experiências e as trocas de experiências nos ranchos e nas casas de famílias é mais importante e revelador do que as formas como são essas hospedagens são concebidas, considerar a percepção advinda da experiência já é a própria metodologia fenomenológica. Durante muito tempo as interpretações do mundo e dos fenômenos estavam presas às ideias positivistas sob necessidade de buscar interpretações puramente racionais para o mundo construído desordenadamente.

Assim era visto o mundo, “um todo parcelado, criado desordenadamente” e para entende-lo era necessário um proposito maior, uma razão, para guia-lo e assim atingir a filosofia e a moral através do conhecimento científico. Descartes (1973) na sua Obra Discurso do Método elege as principais características do mundo da razão e os caminhos mais viáveis pautados puramente na razão científica para alcançar o conhecimento, a sabedoria e por conseguinte o mundo, a sua vontade com essa publicação não era a de que todas as pessoas pudessem ter acesso ao conhecimento em si, mas uma tentativa intensa de levar as pessoas a acreditar na razão científica a qualquer custo, por isso sua escolheu publicá-la em Francês.

A fenomenologia e os aspectos da percepção (FIGURA 26) elege elementos diferentes e até mesmo opostos aos de Descartes quando ela opta pelas experiências e trocas e traça relações com os aspectos subjetivos e das percepções na tentativa de conhecer os espaços vividos e os lugares e as relações entre ambos e suas mais perfeitas formas de representações no íntimo das pessoas para o ambiente externo.

Os ranchos, as casas, existem não por alguma razão de existirem, pois se assim fossem se explicariam apenas pela razão material de existirem na cidade, poderíamos entende-los apenas como casas comuns onde pessoas se hospedam por um determinado tempo, mas não é assim, essas pessoas não são quaisquer pessoas, são romeiros e são por que estão representando outra pessoa que, nas suas percepções é bem maior ou seja, o Padre Cícero Romão e este por

sua vez o é também por conta dos acontecimentos em Juazeiro em torno da sua vida e dos seus feitos enquanto esteve presente na cidade.

FIGURA 26 – Cozinha do Rancho Padre Cicero/Rua da Matriz – Juazeiro do Norte – CE: Aspectos Fenomenológicos, homens juntam-se para registrar foto para Padre Cícero



Fonte: A autora (2016)

Se tudo existe por alguma razão, os métodos investigativos positivista entendem ser essa razão o ponto central de toda e qualquer discussão, por isso durante muito tempo as investigações científicas e diversas pesquisas limitavam-se na busca pela razão e mesmo nas respostas puras sacudidas de seus estudos. Olhando pela fenomenologia, nessas hospedagens os romeiros se expõem através do percebido em contado com outros romeiros e com os objetos exteriores à consciência diferentemente do método cartesiano que prever a neutralidade dos sujeitos, dos objetos em busca da razão e objetividade.

Para Cristelli (1995), a ciência avançou muito diante da aceitação de novas tendências e investidas na construção do conhecimento, não há necessidade de se ignorar a importância do uso dos avanços nas estatísticas durante pesquisas e investigações apenas é necessário aceitar novas tendências como importantes e necessárias para a construção da ciência em virtude das necessidades, dos sujeitos e dos ambientes estudados se diferenciarem de caso a caso.

Merleau Ponty (1999, p. 120) pressupõe “a ambição de uma filosofia que seja ciência exata, mas também um relato do espaço, do tempo, do mundo vividos”, portanto uma tentativa de descrição da experiência pessoal e coletiva tal como ela é sem explicações casuais ou esperadas das quais qualquer pesquisador pode oferecer, isso acontece devido haver uma linha imaginária entre o mundo, sua abstração e suas formas de representações. Conforme Merleau Ponty (1990) o mundo não é aquilo que pensamos, mas o que vivemos, estamos abertos ao mundo, nos comunicamos com ele, mas não o possuímos, pois ele é inesgotável.

Tantos os ranchos quanto as casas de famílias se encaixam nesse universo, eles existem às somas, a cada dia tem-se conhecimento de mais um ali, outro acolá, outra dona de casa resolve transformar sua casa em uma casa de família para receber romeiro, ninguém nunca sabe até quando, porque não é esse o papel do pesquisador, seu papel é compreendê-los nos presente e somente pela percepção do vivido é possível estreitar esses caminhos da melhor forma possível.

Há muito fetiche por traz da história dos ranchos e das casas de família que acolhem romeiros em Juazeiro do Norte, a própria nomenclatura rancho remete à ideia de casa pequena e sem estrutura, de fato existem muitos assim, porém por traz dessa ideia há também ranchos dotados de infraestruturas e equipamentos de serviços tecnológicos, muitos possuem rede Wi – Fi e alguns TVs por assinatura quando o proprietário mora por perto e divide esses serviços com o espaço dos ranchos, o mesmo acontece nas casas de famílias, praticamente todas elas possuem rede Wi – Fi e outras TV por assinatura. Ou seja, essa consciência coletiva de rancho e de casa de família pela simples nomenclatura ainda é muito fetichizada, embora eles façam parte da tradicionalidade sociocultural, simbólica e religiosa de Juazeiro.

O objetivo pretendido por Husserl (1986) com a fenomenologia foi criar uma nova base racional para a ciência além do racionalismo puro já existente, captar a essência das coisas através da compreensão nega o subjetivismo e o relativos por si mesmos, embora eles estejam presentes nessa nova proposta investigativa, o mundo vivido não se restringe à abstração ilógica, caso isso ocorra não teremos a explicação dos fenômenos e das relações entre seres humanos em determinados ambientes, teremos apenas uma resposta comum fruto de mais uma fetichização de um fenômeno. Os romeiros trocam experiências, vivem o cotidiano comum e

resgatam valores simbólicos dentro e fora dos ranchos e das casas de famílias, nesse sentido, a fenomenologia da percepção avança e dar sentido ao lugar e ao tempo marcando-os pela percepção e consciência do estar neles perfazendo o subjetivismo e aflorando a consciência de mundo sobre as coisas e sobre as pessoas.

Para Corrêa (2001, p. 30) a percepção “está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e a invés da explicação busca a inteligibilidade do mundo real” ou seja, pressupõe o mundo e os espaços vividos e imaginamos pelos sujeitos para os quais “ a consideração da percepção advinha das experiências vividas é assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental” (LENCIONI, 2003, p. 150-151). A percepção é um elemento chave para compreender os espaços e o mundo vivido sobretudo, porque ainda existe uma forte dicotomia entre o espaço e mundo físico. É necessário aniquilar essas dicotomias espaciais, elas causam miopia espacial e aumenta o risco de fetichização em espaços onde a compreensão não se dê em sua totalidade.

Os ranchos e as casas de famílias formam em conjunto a soma da representação material de hospedagens de forma tradicional imersa em um universo completamente heterogêneo, pois “a ideia de um espaço homogêneo complementemente entregue a uma inteligência sem corpo é substituída pela ideia de um espaço heterogêneo, com direções privilegiadas, que têm relação com nossas particularidades e com a nossa situação de seres jogados no mundo” (MERLEAU – PONTY, 2004, p. 17).

A materialidade deles não se restringem apenas ao campo do visível ou seja, pela concretude deles em si, eles assumem diversas formas e funções durante as romarias, constituem-se na morada dos homens, um “espaço absoluto, relativo, concebido, percebido, representado através de matrizes e grafos, reflexo e condição social, experienciado de diversos modos, rico em simbolismo e campo de lutas e de representação” (CORRÊA, 1995, p. 44).

Evoluindo nessa mesma linha de raciocínio para se compreender esses aspectos nessas categorias de hospedagens, em Santos (1996, p. 51), podemos concebe-las por um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas com o quadro único no qual a história se dá”. Essas histórias são mantidas geração a geração, de pai para filho, neto e bisneto, constroem a herança cultural de Juazeiro em uma categoria ampla de hospedagem e o resultado disso tudo é a condição da vida humana movida pela religiosidade e representada naturalmente por povos diferentes em momentos diferentes no mesmo espaço sob a mesma materialidade, pois ela “é dotada de

significações específicas para cada indivíduo (subjetividade) mas que são também, em certa medida, compartilhadas por vários indivíduos (intersubjetividade)” (SOUZA, 1997, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se busca estudar, compreender e realizar pesquisas extremamente comprometidas com discussões sobre questões religiosas e espirituais, é necessário que o pesquisador tenha em mente respeitar as diversas crenças e opiniões a fins de se evitar quaisquer formas de manifestações etnocêntricas e/ou desrespeitosas. Isso se torna indispensável para o dia – a – dia de qualquer pesquisador, quanto mais ele busca superação na pesquisa, mais terá de se alto policiar, pois os desafios e as chances de comete-los também se tornam maiores diante da sua própria capacidade de superação a cada nova fase enfrentada.

A discussão centrada sobre fé, religião e razão ainda induz a uma insegurança que promove a recorrência de conceitos para promover o seu aprofundamento teórico. Arriscar discutir alguns desses elementos ou a relação conjunta entre eles ainda é para a sociedade um ato de coragem muitas vezes considerado sem propósito.

A sociedade ainda mantém a relação de fé e ciência alheia às discussões e justifica-se no livre arbítrio por outro lado, a corrida científica e tecnológica abraçada pela busca na “razão” briga e faz questão de discuti-los em conjunto ou separadamente, se tornou rotina nos jantares inteligentes discutir fé, religião, livre arbítrio e razão colocando-os em contra pontos porque simplesmente se tornou “chique” dizer e apontar nas religiões os motivos e as causas do aprisionamento interior humano, por isso não patinam nos debates comuns a harmonia entre das diversas crenças.

Acontece que as religiões e as diversas formas de espiritualidades, possa-se dizer, vêm questionar a condição humana e não se opor umas às outras nem tão pouco duelarem com a razão, assim sendo, fé e razão não se dissipam por mais que a tendência seja coloca-las em duelo. Jesus, Deus, Dalai Lama, Buda, Alláh, Orixás, todos são guias de religiosidades, fés e espiritualidades, cada qual representado por pelo conjunto de diferenças diante das diversas fés e ao mesmo tempo tendo no questionamento humano seus pontos incomuns.

É possível e é necessário discutir fé e razão tanto no mundo ocidental quanto no mundo oriental, onde se percebe ao longo do tempo uma intensa inversão e mesmo perca dos valores humanos que infelizmente são muitas vezes justificados erroneamente na fé, religiosidade e espiritualidade, seja pela mídia, grupos, ou pessoas agindo individualmente. Independentemente de qualquer religião a fé é um elemento que dar sentido e vida ao ser humano, ela é tão importante que para indivíduos pelos quais consideram-se ateus ela mantém-se mesmo assim na vida deles depositada nas ações e nas coisas do dia – a – dia, portanto, ela nem sempre vai estar ligada diretamente a alguma religião, embora seja nela as grandes formas de manifestações públicas.

Partindo desse pressuposto, parece exagero dizer, mas Juazeiro do Norte é a cidade com maior manifestação pública da fé no catolicismo expressa pelo movimento das romarias durante o ano todo. Dentre as cidades do Cariri Cearense, ela mantém a polaridade da fé popular materializada nos espaços urbanos através do simbolismo e misticismo e também pela sua concretude expressa pelo patrimônio arquitetônico.

Em si, isso já explica muita coisa, pois para entender Juazeiro do Norte o pesquisador deve levar em conta todos os seus aspectos sociais, históricos, políticos, religiosos e sobretudo, culturais. Diante disso, encontramos na sustentabilidade cultural o melhor caminho para o desenvolvimento desse estudo tendo em vista destacar as permanências históricas e culturais na cidade santa a partir de uma categoria específica de hospedagens, os ranchos e as casas de famílias.

A história de Juazeiro do Norte começa a tomar notoriedade a partir do fenômeno da hóstia acontecido diversas vezes com a Beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, popularmente conhecida apenas por Maria de Araújo, uma beata que teve sua vida dedicada à devoção e ao Padre Cícero. Muitas cidades do interior nordestino também tiveram nas raízes do seu desenvolvimentos algum fato considerado extraordinário em que teve alguma repercussão ou notoriedade nacional, mas o caso de Juazeiro fora além do esperado, ninguém podia imaginar que um milagre pudesse acontecer no interior do Ceará, ainda mais em um vilarejo “imerso no pecado” com tanta violência, jogos de azar e prostituição, diante dos acontecidos, os olhos da nação passaram a se voltar inteiramente para Juazeiro e ela passou a ser considerada a Meca do Sertão eis nisso o surgimento dos conflitos entre Padre Cícero e a Igreja Católica Apostólica Romana da qual suspendeu suas ordem para celebrar missas, casamentos e batizados.

Durante esse período em que Padre Cícero esteve afastado das suas ordens sacerdotais em Juazeiro as pessoas não podiam se quer citar seu nome, vários pais e mães de famílias tiveram os batizados dos seus filhos proibidos por darem a eles o nome de Cícero em homenagem ao Padre. Vários idosos foram proibidos de receberem a unção dos enfermos caso não negasse a crença em Padre Cícero e no milagre da hóstia. Por ordem da Igreja, foram queimados todas as imagens, estatuas, tudo que o representasse ou fizesse algum sentido para ele e para o catolicismo popular considerado “às avessas”.

Todos esses acontecimentos ainda hoje são lembrados porque estão vivos na memória do povo de Juazeiro e mais ainda para o romeiro, quando mais idoso ele é mais historias tem para contar. Mesmo Padre Cícero estando afastado das suas ordens sacerdotais, muita gente continuava chegando à Juazeiro e ele junto com as beatas sentiam-se na obrigação de prestar-

lhes serviços incluindo o de mais importância, a hospedagem. Hospedar o romeiro era uma das maiores preocupação dele, a seca castigava muito Juazeiro e tantas outras cidades do sertão nordestino então eles costumavam ir pedir graças a Nossa Senhora das Dores para que a chuva caísse no sertão, depois do milagre o fluxo de pessoas aumentou consideravelmente, sobretudo, em virtude do padre ter começado a organizar as primeiras procissões das Candeias em fevereiro, a de Nossa Senhora das Dores em Setembro e a da Esperança no dia de Finados em novembro.

A história das primeiras formas de hospedagens é muito remota e tem no Padre Cícero o seu surgimento, ele costumava pedir as pessoas de Juazeiro para abrigarem os fiéis em sua moradia para que ninguém ficasse excluído ou deixasse de ir pedir ou agradecer suas graças alcançadas, aos poucos Juazeiro foi mantendo essa tradição e hoje é uma atividade extremamente importante para a economia e para o desenvolvimento desta cidade capaz de gerar emprego e renda para as famílias que a praticam.

Trata-se de uma questão intrinsecamente ligada as novas formas de desenvolvimento local, mesmo não estando elas amparadas nem incentivadas por políticas públicas locais, elas representam nas novas formas de desenvolvimento pautadas no ser humano, pois pressupõem o crescimento e o desenvolvimento da cidade tendo em vista a sustentabilidade cultural e isso é muito importante em cidades onde prevalecem aspectos culturais e religiosos.

Em termos gerais, a sustentabilidade é a peça fundamental deste milênio onde governos e grupos sociais podem mudar o mundo a partir de pequenas e grandes ações que podem surgir desde o local e atingir uma consciência global, mas uma coisa chama bastante atenção, a questão da sustentabilidade não é apenas prática, mas também teórica, conceitual, metodológica e até mesmo abstrata e somente quando passamos a entendê-la a partir da cultura, dos costumes, das práticas e crenças é que entendemos seus maiores desafios e as possibilidades de mudança de uma sociedade, inclusive na manutenção do que ela possa ter de mais tradicional e histórico frente aos riscos de quedas e perdas culturais diante do dilema da modernidade.

Nesse sentido é que os ranchos e as casas de famílias entram nessa discussão com a sustentabilidade cultural em Juazeiro do Norte, eles apontam para as novas formas de hospedagens cada vez mais crescentes ao mesmo instante em que mantêm na tradicionalidade a manutenção e a resistência diante dos impasses de fortes negações de apego ao passado na contemporaneidade. Por mais que nos perguntemos como isso é possível no contexto do cotidiano atual de uma cidade extremamente desenvolvida e cercada pela intensificação do uso tecnológico, temos que admitir que Juazeiro do Norte possui uma característica incomum as

todas as outras cidades do Cariri Cearense, ela é uma cidade duela, ou seja de dupla personalidade.

Mas, acontece que as duas personalidades de Juazeiro do Norte têm raízes na mesma explicação, a religiosidade, por isso a fé é o principal elemento construtor e ressignificante desta cidade, seja na fé do comércio, seja na fé dos templos religiosos. Esta cidade possui um caráter tão intimidante ligado à fé que não obstante, tem crescido também outras manifestações de religiosidade e crenças, há muito tempo em que Juazeiro deixou de ser a representação de uma única forma de fé, o avanço do protestantismo e do candomblé é a prova mais que coerente para isso, nela a fé e a espiritualidade está presente na suas mais variadas formas e contextos, a diferença principal está no contexto histórico de cada uma e na maior representatividade em que se encontra o catolicismo popular com intenso apoio no dias atuais da igreja católica.

O grande contingente de pessoas que chega e procura por hospedagens em Juazeiro durante as romarias nos dá a comprovação de que o catolicismo popular predomina na cidade além as demais religiões e crenças, embora cada uma se expresse dentro das suas particulares e se territorializem diferentemente nesse espaço urbano. Os ranchos e as casas de famílias são pontos fixos e a materialidade do conteúdo simbólico e religioso das romarias, tanto para oromeiro quanto para o visitante comum eles representam a melhor opção, embora seja oromeiro os procure em maiores proporções. Assim como as igrejas, o Horto e o Santo Sepulcro, os ranchos e as casas e famílias são também espaços sagrados para oromeiro, é muito comum que ao chegarem peçam saúde e proteção para os donos da casa ou do rancho e, em seguida agradeça a Padre Cícero por estarem mais uma vez ali.

Não dá para separar Juazeiro do Norte do seu conteúdo original, a tradicionalidade e seu contexto histórico e cultural, por isso não dá para imaginar essa cidade sem pensar oromeiro em si e a forma como se fixa no solo urbano dessa cidade no período em que está nela. Existe na sustentabilidade Cultural de Juazeiro um campo de forças sagradas pelo qual é capaz de elevar oromeiro e mesmo o ser humano acima de si próprio, isso é fortemente percebido nos ranchos e nas casas de famílias, eles constroem relações tão íntimas com as pessoas dali que sentem-se em casa, mas não nas suas casas de origem, mas na casa maior, Juazeiro é para eles a representação maior de um lar, por isso o espaço urbano se transforma para o meio distinto, simbólico e abstrato daquele pelo qual transcorre suas existências.

É muito importante considerar isso para os temas do desenvolvimento atual, pois não faz sentido pensar em desenvolvimento se ele não começar pelas e para as pessoas, é por isso que a sustentabilidade se torna uma questão emblemática e emergencial, pois nem sempre as formas de desenvolvimento que discutem a necessidade da sustentabilidade têm se assegurado

no ser humano e em sua totalidade. Juazeiro do Norte é uma cidade que indiretamente demonstra saber a existência dessas circunstâncias no caminho para a sustentabilidade, por isso, para ela possuir característica dupla é nos dizer como ela consegue se manter diante dessas exigências tendo na manutenção das suas tradições e nas formas como hospedam o romeiro seu aporte principal. Os ranchos e as casas de famílias são uma categoria de hospedagem que faz parte como um todo da história de hospedagem e hospitalidade da cidade desde tempos remotos ainda quando o Padre Cícero já costumava realizar essa atividade em benefício dos seus afilhados e mais necessitados que chegassem a Juazeiro. Negar ou simplesmente deixar de lado esse fato seria matar um pouco da história de Juazeiro e jogar o romeiro de lado sem nenhuma consideração a sua importância na participação da manutenção dessa tradicionalidade.

A própria falta de documentação e a escassez de estudos sobre os ranchos e as casas de famílias reflete algo bastante fora do comum em cidades que possuem elementos na paisagem urbana agregado de valores por parte do seu patrimônio arquitetônico, seja em prédios públicos ou privados. Mesmo que essas hospedagens não tenham ao longo do tempo simbolizado fazer parte do patrimônio material e imaterial de Juazeiro, é no surgimento desses estudos que elas passam a existir de tal forma. O fato delas estarem soltas no espaço urbano de Juazeiro e distribuídas entre bairros próximos e distantes não significa a impossibilidade delas passarem a existir de fato nos documentos oficiais do município junto com a prefeitura local. É sabido e de conhecimento público as diversas dificuldades para se realizarem pesquisas nesse âmbito assim como também de se obter o controle sobre eles, mas quando esses estudos passam a lhes assegurar valor e vêm demonstrar a sua importância para Juazeiro, para o Desenvolvimento Local e suas influências no Desenvolvimento Regional, eles passam a se evidenciar para o mundo externo além deles mesmos, ou seja, vão deixar de existir apenas para o romeiro e neles mesmos serão evidenciadas as suas participações na construção de todo esse processo histórico, material, simbólico e urbano da paisagem de Juazeiro do Norte.

Não é fácil encontrar os ranchos e as casas de famílias que hospedam os romeiros, isso porque são elementos na paisagem urbana de Juazeiro dificilmente evidentes a não ser aqueles onde portam placas sinalizando ser um rancho ou uma casa de família geralmente por nomes familiares. Isso acontece porque é de interesse do romeiro saber, ele sabe onde funciona, para ele não existe nenhuma dificuldade em encontrá-los, pois as negociações são feitas meses e até mesmo anos anteriores à chegada da romaria para qual participarão. São coisas do dia – a – dia do romeiro e dos proprietários longe de ser percebidos apenas pelo olhar da paisagem em si de Juazeiro. Essa categoria de hospedagem representa ainda uma fase de transição na paisagem urbana, muitas se transformam posteriormente em rancho e vice versa, há ainda locais onde

algumas deixaram de existir e viraram pousadas, lanchonetes, bares etc., portanto são transitórias e o romeiro sabe disso, muitas pessoas por exemplo não saberiam explicar porque e como um rancho saiu de um local para outro ou deixou de existir, ou porque virou uma pousada, mas o romeiro sabe porque ele conhece esse espaço e é capaz de abstrai-lo mesmo estando em constante fase de transição e mudanças na sua paisagem.

Daí a compreensão em tornar o romeiro em um elemento cartográfico e os ranchos e as casas de famílias em elementos ligados diretamente a eles. O perfil deles se explica no próprio perfil do romeiro, pessoas geralmente simples, vinda de várias partes do Nordeste, sobretudo, do sertão onde as condições e a convivência com semiaridez faz da religiosidade uma ponte entre a fé e a materialidade, é essa a principal marca da vida sertaneja no Brasil. Em relação a este estudo vale ressaltar que seu objetivo não foi retratar os ranchos e as casas de famílias assim como o romeiro romanticamente, mas levando-se em consideração os aspectos culturais e religiosos envolvidos neles e por isso não haveria um caminho melhor senão retratá-los em uma conversa contida nesses escritos até aqui de forma leve e ao mesmo tempo importante.

O tempo, o ritmo e o espaço dão sinal e apontam impiedosamente para o urbano de Juazeiro novas transformações, mas esses elementos nos deixa a seguinte incógnita, não nos mostram onde elas vão acontecer, por isso a manutenção do tradicionalismo perpassa por essa condição, a do tempo do talvez. Quando essas pessoas proprietárias desses estabelecimentos buscam de todas as formas se manterem diante do crescimento da rede hoteleira e das pousadas é porque sabem da importância deles para o romeiro, nelas eles possuem a liberdade de usufruírem Juazeiro da forma como lhes convém sem necessidade de controle do tempo por exemplo, nos horários de retorno dos seus passeios.

Juazeiro é uma cidade extremamente heterogênea, por isso o seu cotidiano nos dá a impressão de um estilo de vida inteiramente racional e longe da espiritualidade no período em que não está em ramaria. Por esse período, as casas de famílias ficam ainda mais fora de evidências, pois retornam ao normal e perdem o movimento, os ranchos por sua vez fecham as portas, matem-se fechados e só para fazer a limpeza é que são abertos. Nas casas de famílias uma família parte e outra fica exatamente como estava antes, nos ranchos toda a família parte e deixa saudades para os donos e para a cidade porque juntos, os romeiros interferem não apenas na paisagem e no simbolismo da cidade mas também na construção do sentimento das pessoas.

Durante o retorno deles, como é de costume jogam bombons e objetos dos ônibus e dos paus – de - arara da mesma forma quando estão chegando, parece que estão indo, mas alguma coisa ficou ali, no cheiro das ruas, nos sons dos carros, no movimento das praças, das

lojas, padarias, supermercados. Aos poucos Juazeiro vai desacelerando seus ritmos, as pessoas estão acostumada a isso, é apenas um intervalo para tudo acontecer novamente e no mesmo ritmo do acelera e desacelera. Diante da globalização esses aspectos podem passar despercebidos e apresentarem um crise estrutural e simbólica em Juazeiro na medida em que a cultura e o simbolismo sofram ataques das exigências da modernidade, geralmente essa destruição acontece de forma sutil e pela substituição dos atores mais importante dessa cidade, ou seja população local e o romeiro, presagem importante na construção do núcleo de formação urbana dela.

Os ranchos e as casas de famílias são para o romeiro a segurança da sua cidadania em Juazeiro no tocante a questão do ter aonde ficar, elemento básico para todo e qualquer cidadão brasileiro, mesmo sendo na condição de um pagamento a ser negociado com o proprietário. O proprietário sabe das condições financeiras do romeiros e se hospedar em um local acessível não apenas sua preocupação, eles querem também adquirir vários produtos duráveis e não duráveis no comércio de Juazeiro, por isso os comerciantes também demonstram essa preocupação nos preços e no atendimento para com eles, apesar das exceções.

Esses preços podem variar bastante porque esta cidade é fortemente marcada pela divisão do trabalho e isso direta ou indiretamente causa efeitos na vida do romeiro, a fé está ali presente, mas ela é uma cidade de característica dual na fé da igreja e na fé do comercio isso explica a sua dinamicidade se não fossem essas diferenças no território teríamos uma cidade homogenia e por isso mesmo longe de representar de forma coesa a religiosidade e crenças diversas e manifestações culturais na paisagem. Esses são seus princípios estruturantes e mais atrativos dentro e fora dos ranchos e das casas de famílias, são contrastes importante para se decifrar o perfil do romeiro e dessa categoria de hospedagem, são portanto, uma linguagem cultural e de prestígio para o romeiro.

Infelizmente, o ponto nevrálgico da nossa sociedade no século XXI é a questão da segregação espacial e da desigualdade social, em relação à segregação, ela diz respeito às contradições no espaço e a polarização social além da fragmentação dos territórios em todas as cidade do chamado terceiro mundo. A marca da globalização é aniquilação das identidades dos territórios e a presença da imensidão de contrastes sociais onde o meio técnico científico informacional é seu maior aliado, diante disso essas hospedagem entram em duelo e causam colapso no dilema da modernidade urbana. Esse mecanismo é surpreendente e derruba teorias consagradas inquestionáveis na ciência e sua compreensão de mundo sem ligação com a fé e com religiosidades e espiritualidades.

O século XXI para Juazeiro e demais cidades sacras é bastante significativo e patina nas discussões que estão merecendo destaques e se pautam nos debates entre ciência sustentabilidade, crenças e racionalidade. Devemos considerar uma avanço para a ciência porque ela começa a enxergar seus erros e a recolher o papel das crenças e das relações interpessoais para a sua própria construção. Assim sendo, os ranchos e as casas de famílias apontam para um novo caminhar científico não mais puramente racional, mas também abstrato e capaz de elevar o homem para além da sua existência, são espaços modernos que acompanharam a modernidade, mas que não abriram mão da tradicionalidade e que em conjunto representam a riqueza tradicional das formas mais antigas de hospedagens em Juazeiro do Norte.

Para o paradigma vigente é quase impossível admitir-se isso no século XXI, tempos diferentes convivendo no mesmo tempo e espaço e sendo relevado pelo cotidiano através da materialidade de prédios e simples formas de hospedagens. Mas eis que esse paradigma já se encontra em crise há algumas décadas no mundo todo, hoje estamos diante de um novo paradigma emergente para o qual a sociedade não permite anular seus atores do processo de formação social e suas formas de territorialidades. A manutenção do tradicionalismo encontra barreiras nas incertezas do futuro, mas essa é uma questão infelizmente posta e construída, o mundo das incertezas é a certeza da insegurança do velho paradigma para com as pessoas e essa é a forma como ele ainda consegue causar espanto e medo.

Sim, isso é importante diante de tudo isso dito até aqui porque essa discussão se estende e perpassa pela questão da sustentabilidade, das tradicionalidades de Juazeiro e também pela sustentabilidade cultural, o paradigma dominante prever o medo de se manter o tradicional, pelo medo do parecer obsoleto. Muitos turistas quando chegam a Juazeiro reparam no romeiro uma característica única, a sua simplicidade, pudera ele tê-la também e se sentir à vontade entre sua família, amigos e parentes dentro dos ranchos e nas casas de famílias, mas sua condição em Juazeiro é de se diferenciar deles pelo seu poder aquisitivo, isso é a manutenção do velho paradigma em um espaço aonde já não lhe cabe mais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Ciência e Sociedade**. Editora Atlas. São Paulo, 2000.
- ARAÚJO, G. C.; MENDONÇA, P. S. M. **Análise do processo de implantação das normas de sustentabilidade empresarial: um estudo de caso em uma agroindústria frigorífica de bovinos**. Revista de Administração Mackenzie, São Paulo, v. 10, n. 2, mar./abr., 2009.
- ARAÚJO, Maria de Lourdes de. **A cidade do Padre Cícero: Trabalho e Fé**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1 – Romarias, 2 – Padre Cícero, 3 – Juazeiro do Norte, 2005.
- ASHLEY, P. A (org). **Ética e responsabilidade social nos negócios**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade: Educar para a esperança**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BARBIERI, J. C. CAJAZEIRA, J. E. R. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática**. São Paulo: Atlas, 2009.
- BARBOSA, Geraldo, Menezes. **O Padre e o Romeiro**. Juazeiro do Norte: Gráfica e Editora Royal, 1985.
- BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas. São Paulo: Papyrus, 2000.
- BARRETO, Pe. Francisco Murilo de Sá. **Padre Cícero**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. **A Terra da Mãe de Deus: Um Estudo do movimento religioso de Juazeiro do Norte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988.
- BARROSO, Oswald. **Romeiros**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Turismo e Desporto – URCA, 1989.
- BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In: COELHO, Teixeira. (Org.). **A modernidade de Baudelaire**. Trad: Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 107 – 149.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós Modernidade**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BOFF, L. **O cuidado necessário: Na vida, na saúde, na educação, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012. p. 1-287.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma**. São Paulo: Ática, 1993.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e Afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BRASILEIRO, M. D. S. **El deporte y el turismo de litoral: Entre los cambios sociales**. Granada/Espanha: Editora Universidad de Granada, 2007.

CALDEIRA, T. **Cidade de Muros, Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

CALLOU, Cieusa; PERREIRA, Maria. **Análise da problemática do lixo nas romarias em Juazeiro do Norte – CE**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005. Orientador: Prof. Dr. José Levoí Furtado Sampaio. Área de concentração: Ecologia e organização do espaço, Fortaleza, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CEARÁ. **Superintendência Estadual do Meio Ambiente. Programa de Educação Ambiental do Ceará: Plano de Educação Ambiental de Juazeiro do Norte**. 2. ed. Ver. Atual. Fortaleza: SEMACE, 2003.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**; tradução Eufarim Ferreira Alves, - Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2010, p. 305.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13.ed. São Paulo: Ática, 2005.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Ações para o turismo em Juazeiro do Norte**. Crato: URCA, 1999.

CORRIOLANO, L. N; SILVA, S. C. B. **Turismo e geografia: Abordagens Críticas**. Fortaleza: Editora UECE, 2005.

CORRÊA, R.L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço Urbano: Notas teorico-metodológicas. In: Corrêa, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (pp. 145 – 152).

COSTA, Haesbaert Rogério da. **O Mito da Desterritorialização**: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DALY, Herman E. **A economia ecológica e o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: AS-PTA, Textos para Debates n. 34, 1991, 21p.

DANN, G. M. S. **The Tourist has a metaphor of the social world**. Wallingford: Cab International, 2002.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**; tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Coleção Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM Pocket, 2005

DIAS, Reinaldo. **Turismo Religioso**: ensaios e reflexões. Ed. Alínea, 2003.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Presença Ltda. 1989.

EMBRATUR, Ministério do Esporte e turismo, Governo Federal. **Revista Roteiros da Fé**. Acesso em jan.; 2016.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar. **Pedagogia da transgressão**. São Paulo: Ágora, 2011.

EVANS, Peter. O Estado como problema e solução. In: **Revista Lua Nova**, nº 28-29. São Paulo: CEDEC, 1993.

FARIAS FILHO, W. A. **Crato**: evolução urbana e arquitetura 1740 – 1960. / Waldemar Arraes de Farias Filho. – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **História do Cariri**. v.I (capítulos 1-5). Fortaleza: Edições UFC, 2010.

FOLADORI, Guillermo. Avances y límites de la sustentabilidad social. In: **Economía, Sociedad y Territorio**. vol. III, num. 12, 2002, p. 621-637.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Lisboa, Livros do Brasil, 1957.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

GIDDENS, Anthony. O que é Sociologia? In: **Sociologia**. 4ª Ed, Porto Alegre: Artmed, 2005. P. 24-36.

GOMES, Christianne L. Verbete Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Editora Bertrand do Brasil, São Paulo, 1996.

GOMES, Suzana dos Santos. **Ecologia e responsabilidade humana**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2004.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (Des)Caminhos do meio Ambiente**. 14 ed. São Paulo. Contexto, 2008.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

HAESBAERT, R.; MONDARDO, M.. **Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana**. GEOgraphia cidade, v. 12, n. 24.páginas 37, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HART, Stuart; MILSTEIN, Mark. **Criando Valor Sustentável**. New York, 2004.

HARVEY, D. **A condição pós – moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HELLER, A. **Teoria de los Sentimientos**. 2. ed. Madrid: Editorial Fontamara, 1979.

HERMET, Guy. **Cultura e desenvolvimento**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da Natureza**. 1º Volume. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1950.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Ed. 70, 1986.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito Antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEFEBVRE, Henri. **A Re-produção das relações de produção**. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

LÉFÈBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **La sociologia de Marx**. Barcelona: Ediciones Península, 1969.

LEFEBVRE, Henri. **La sociologia de Marx**. Barcelona: Ediciones Península, 1969.

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Rafael Lucas de, **Sobre o Conceito de Pseudoconcreticidade em Karel Kosik**. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Feral do Rio Grande do Norte. Natal, 2011.

LOOCWOOD, A.; MEDLIK S. (Org). **Turismo e hospitalidade no século XXI**. Tradução Eliana Keeling, John Keeling. Barueri: Manole, 2003.

LOVELOCK, James. **A Vingança de Gaia**. Intrínseca. Rio de Janeiro. 2006.

LOW, S. The edge and the center: Gated communities and the discourse of urban fear. IN: LOW, S.; LAWRENCE-ZUÑIGA, D. (org). **The Antropology of space and place: Locating culture**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

MAGNANI, J. G. C. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, A. **A sociedade Global: Cultura e Religião**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

MASCARENHAS, F. **Entre o ócio e o negócio: Teses acerca da autonomia do lazer**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Campinas, São Paulo, 2005.

MATTOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Ângelo. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. In: **Revista Território**. Vol. 1, nº 1. Rio de Janeiro. Jul/ Dez, 1996, p. 59 – 76.

MERLEAU PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo. Editora CosacNaify, 2004.

Merleau-Ponty, M. **A estrutura do comportamento** (J. Corrêa, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros, 1975

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Trad. Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MUSA, Cristiane, Inês. **Meio ambiente e religião: uma leitura a partir das denominações religiosas cristãs da sub-bacia do Ribeirão Araranguá**. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Centro de Ciências Tecnológicas, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2005.

NEWTON, I. **Algumas questões filosóficas**. In: Cohen, B. I., Westfall, S. R (org.). Newton: Textos, Antecedentes e Comentários. Rio de Janeiro: EdUERJ e Contraponto, 2002, pp.22-30.

NOGUEIRA, Mário G. Política nacional de turismo: distorções e participação. In: **Revista de Administração Municipal**, Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Administração Municipal, n. 178, 1986.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História**: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Frei Hermínio Bezerra de. **Formação histórica da religiosidade popular no Nordeste**: O caso de Juazeiro do Norte. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. 65ª Reunião do conselho Executivo da OMT, 2001. **Competitividade do Turismo e luta contra a pobreza**. Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. 65ª Reunião do conselho Executivo da OMT, 2001. **Competitividade do Turismo e luta contra a pobreza**. Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

ORTIZ, Renato. Cultura e desenvolvimento, 2008. Disponível em www.politicasculturaisemrevista.ufba.br Acesso em: Fevereiro/2016.

PEARCE, D. G. **Geografia do Turismo**. Fluxos e Regiões no mercado de viagens. São Paulo: Editora Aleph, 2003.

PELIZZOLI, Marcelo L. **A emergência do paradigma ecológico**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PLATÃO. As Leis. Bauru: Edipro. Tradução de Edson Bin, 1999.

PORTO, Maria de Fátima Silva. **De batom e Salto Alto**. Experiências de mulheres empresárias. Patos de Minas 1980-1990. São Paulo: Annablume, 2002.

RIBEIRO, L. (org.), **Metrópoles**: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito. São Paulo/Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo/FASE, 2004.

RIBEIRO, Senhorzinho. **Juazeiro de ontem e de hoje**. Juazeiro do Norte: Gráfica e Editora Royal Ltda, 2007.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org). **Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e enfoques Regionais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

ROSENDHAL, Zeny. **Espaço e Religião**: Uma abordagem Geográfica. 2ª ed. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

ROSENDHAL, Zeny. **Geografia**: Temas sobre a cultura e espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

ROSENDHAL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento, includente, sustentável sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI**: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo: Nobel, 1993.

SANSOT, P. **Poétique da la Ville**. Paris: Meridien Klienksiek, 1968.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma Revolução Democrática da Justiça**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, L. C. SILVEIRA, R. L. da. **Redes, sociedades e territórios**. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, pp. 51-78.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Editora Hucitec. São Paulo, 1996.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Regina Maria Vieira dos. **As Manifestações Religiosas no Município de Juazeiro do Norte/CE**: Entre a percepção ambiental e a fé. (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Regional do Cariri – URCA, 2010.

SAQUET, Marcos. A abordagem territorial: considerações sobre a dialética do pensamento e do território. In: HEIDRICH, Álvaro et al. **A emergência a multiterritorialidade**. A ressignificação da relação do humano com o espaço. Canoas/Porto Alegre: ULBRA/UFRGS, 2008, p.47-60.

SAWAIA, B. B. O calor do lugar, segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**: Questões urbanas, os sentidos das mudanças. São Paulo, v. 9, n.2, abr. – mai., p. 20-24, 1995.

SENNETT, R. **Vida urbana e identidade personal**. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1975.

SENNETT, Richard. **A cultura no novo capitalismo**. Tradução Clovis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SENNETT, Richard. **JUNTOS**: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: RECORD, 2012, 377p.

SHOREMI, M.: The concept of culture. p. 88-115. In: The Science of Society: **A sociological introduction**. M. Shoremi, P. Edewor; O. Olutayo (eds). Centre for Sandwich Programmes (ESAP), Ogun State University, Ago Iwoyi, 1999.

SILVA, Lílian; QUELHAS, Osvaldo. **Sustentabilidade empresarial e o impacto no custo de capital próprio das empresas de capital aberto**. Rio de Janeiro, 2006.

SOARES, Cristiane. O Turismo e a integridade Ambiental: Realidades e conflitos nas paisagens litorânea. Rio de Janeiro: Editora SENC Rio, 2011. OMT. **World Tourism Barometer**. Madri, v7, n.2, junho de 2009.

SOUZA, Marcelo J. Lope de. **ABC do Desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.352.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: O medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SPINOZA, Baruch de. **A Ética**. Ed. Abril, São Paulo, 1979.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In ABUMANSUR, Edin Sued (org). **Turismo Religioso: Ensaio Antropológico sobre religião e turismo**. Campinas/SP:Papirus, 2003. p. 29-52.

STRONZA, Amanda. **Anthropology oftourism: forging new ground for ecotourism and other alternatives**. Annual Review of Anthropology, v. 30, p. 261-83, 2001.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Trad. De Elia Ferreira Edel. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: Tendências contemporâneas**. São Paulo: Papirus, 1999.

VALLE, C. E. **Qualidade Ambiental**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1995.

VAN DEN BRULE, David Melo. **Centro e centralidade em Juazeiro do Norte**. Okara: Geografia em debate, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 128-146, 2013.

VEIGA, J.E. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

VELHO, Gilberto (org). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1968.

WEBER, Maxi. **A ética protestante e a espiritualidade do capitalismo**. Madrid: Albor, 1998.

YÚDICE, George. **A conveniência da Cultura: Usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ZAOUAL, H. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

BURSZTYN, M. Apresentação. In: BURSZTYN, M. **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

BURSZTYN, M. **Ciência, Ética e Sustentabilidade.** São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2001.

TOURAINE, Alain. **Crítica da Modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1997.